

Letras

D I G I T A I S

Teses e Dissertações originais em formato digital

A MORFOSSINTAXE DA
LÍNGUA ARARA (PANO)
DO ACRE

Carla Maria Cunha

1993

PPGL
U F P E

Programa de
Pós-Graduação
em Letras



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

Letras

DIGITAIS

Teses e Dissertações originais em formato digital

FICHA TÉCNICA



COORDENAÇÃO DO PROJETO LETRAS DIGITAIS

Angela Paiva Dionísio e Anco Márcio Tenório Vieira (orgs.)

CONSULTORIA TÉCNICA

Augusto Noronha e Karla Vidal (Pipa Comunicação)

PROJETO GRÁFICO E FINALIZAÇÃO

Karla Vidal e Augusto Noronha (Pipa Comunicação)

DIGITALIZAÇÃO DOS ORIGINAIS

Maria Cândida Paiva Dionízio

REVISÃO

Angela Paiva Dionísio, Anco Márcio Tenório Vieira e Michelle Leonor da Silva

PRODUÇÃO

Pipa Comunicação

APOIO TÉCNICO

Michelle Leonor da Silva e Rebeca Fernandes Penha

APOIO INSTITUCIONAL

Universidade Federal de Pernambuco

Programa de Pós-Graduação em Letras

Letras

DIGITAIS

Teses e Dissertações originais em formato digital

APRESENTAÇÃO



Criar um acervo é registrar uma história. Criar um acervo digital é dinamizar a história. É com essa perspectiva que a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, representada nas pessoas dos professores Angela Paiva Dionisio e Anco Márcio Tenório Vieira, criou, em novembro de 2006, o projeto *Letras Digitais: 30 anos de teses e dissertações*. Esse projeto surgiu dentre as ações comemorativas dos 30 anos do PG Letras, programa que teve início com cursos de Especialização em 1975. No segundo semestre de 1976, surgiu o Mestrado em Linguística e Teoria da Literatura, que obteve credenciamento em 1980. Os cursos de Doutorado em Linguística e Teoria da Literatura iniciaram, respectivamente, em 1990 e 1996. É relevante frisar que o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, de longa tradição em pesquisa, foi o primeiro a ser instalado no Nordeste e Norte do País. Em dezembro de 2008, contava com 455 dissertações e 110 teses defendidas.

Diante de tão grandioso acervo e do fato de apenas as pesquisas defendidas a partir de 2005 possuírem uma versão digital para consulta, os professores Angela Paiva Dionisio e Anco Márcio Tenório Vieira, autores do referido projeto, decidiram oferecer para a comunidade acadêmica uma versão digital das teses e dissertações produzidas ao longo destes 30 anos de história. Criaram, então, o projeto **Letras Digitais: 30 anos de teses e dissertações** com os seguintes objetivos:

- (i) produzir um CD-ROM com as informações fundamentais das 469 teses/dissertações defendidas até dezembro de 2006 (autor, orientador, resumo, palavras-chave, data da defesa, área de concentração e nível de titulação);

Letras

DIGITAIS

Teses e Dissertações originais em formato digital

- (ii) criar um Acervo Digital de Teses e Dissertações do PG Letras, digitalizando todo o acervo originalmente constituído apenas da versão impressa;
- (iii) criar o *hotsite* Letras Digitais: Teses e Dissertações originais em formato digital, para publicização das teses e dissertações mediante autorização dos autores;
- (iv) transportar para mídia eletrônica *off-line* as teses e dissertações digitalizadas, para integrar o Acervo Digital de Teses e Dissertações do PG Letras, disponível para consulta na Sala de Leitura César Leal;
- (v) publicar em DVD coletâneas com as teses e dissertações digitalizados, organizadas por área concentração, por nível de titulação, por orientação etc.

O desenvolvimento do projeto prevê ações de diversas ordens, tais como:

- (i) desencadernação das obras para procedimento alimentação automática de escaner;
- (ii) tratamento técnico descritivo em metadados;
- (iii) produção de *Portable Document File* (PDF);
- (iv) revisão do material digitalizado
- (v) procedimentos de reencadernação das obras após digitalização;
- (vi) diagramação e finalização dos e-books;
- (vii) *backup* dos e-books em mídia externa (CD-ROM e DVD);
- (viii) desenvolvimento de rotinas para regularização e/ou cessão de registro de Direitos Autorais.

Os organizadores

Letras

DIGITAIS

Teses e Dissertações originais em formato digital

A MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA ARARA (PANO) DO ACRE

Carla Maria Cunha

1993

Copyright © *Carla Maria Cunha*, 1993

Reservados todos os direitos desta edição. Reprodução proibida, mesmo parcialmente, sem autorização expressa do autor.

Programa de Pós-Graduação
em Letras e Linguística
UEPE

A MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA ARARA (PANO) DO ACRE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
Pós-Graduação em Letras e Linguística

Programa de Pós-Graduação
em Letras e Linguística
UFPE

A MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA ARARA (PANO) DO ACRE

Carla Maria Cunha

ORIENTADOR: Profª Drª ADAIR PIMENTEL PALÁCIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE para obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

RECIFE, JULHO DE 1993

Programa de Pós-Graduação
em Letras e Linguística
UFPE

Examinadores:

A ADAIR PIMENTEL PALÁCIO

Por juntar pessoas tão diferentes e possibilitar a cada uma a descoberta e/ou o desenvolvimento do trabalho na área de lingüística indígena.

Por seu apoio e carinho constantes.

Aos ARARA

Esperando que este trabalho seja um subsídio à divulgação de sua língua, entre vocês sobretudo.

A ARNALDO SIQUEIRA

Que me fascina.

A G R A D E C I M E N T O S

À Coordenação da Pós-Graduação em Letras e Linguística, nas pessoas do Prof. Dr. Francisco Gomes de Matos e Profª Drª Gilda Lins.

À Profª Drª Adair Pimentel Palácio (Orientadora).

À Profª Drª Marília Viana (Co-Orientadora).

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela Bolsa de Estudos concedida.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por subsidiar a pesquisa de campo.

À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia (FACEPE), pela concessão da Bolsa de Finalização de Mestrado.

À Comissão Pró-Índio do Acre, representada por Nietta Monte e Vera Olinda.

À Srª Railda Manaitá e família, pela acolhida em sua casa (AC).

Aos índios Arara, em especial, Sr. João Martins, Srª Maria Cazuza, Srª Joana, Sr. Nogueira, Sr. Albani, Srª Aidé (Redonda), Antônio Pereira, Raimundinha, Manoel e Maria.

À Profª Drª Judith Chambliss Hoffnagel.

À Profª Drª Maria Núbia da Câmara Borges.

Ao Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi.

Aos colegas do Núcleo de Estudos Indigenistas: Aldir Santos, Ana Carla Bruno, Januacele Costa, Samarone Lima, Stella Lima e Odileiz Souza Cruz.

À Déborah Freitas, companheira de ida ao campo, por me ceder suas gravações.

A Marcos Mota e Diva Albuquerque.

Aos Freqüentadores da Sala de Estudo.

À Ivanise José da Silva, pela datilografia final deste trabalho.

A meus pais, Gilda Maria Carneiro da Cunha e Luiz Gonzaga Cunha.

À minha irmã, Elizabeth Maria Carneiro da Cunha.

Aos amigos, Max Almeida, Andréa Rodrigues, Márcia Matias, Marianne Carvalho, Sérgio Souto.

LISTA DE ABREVIATURAS

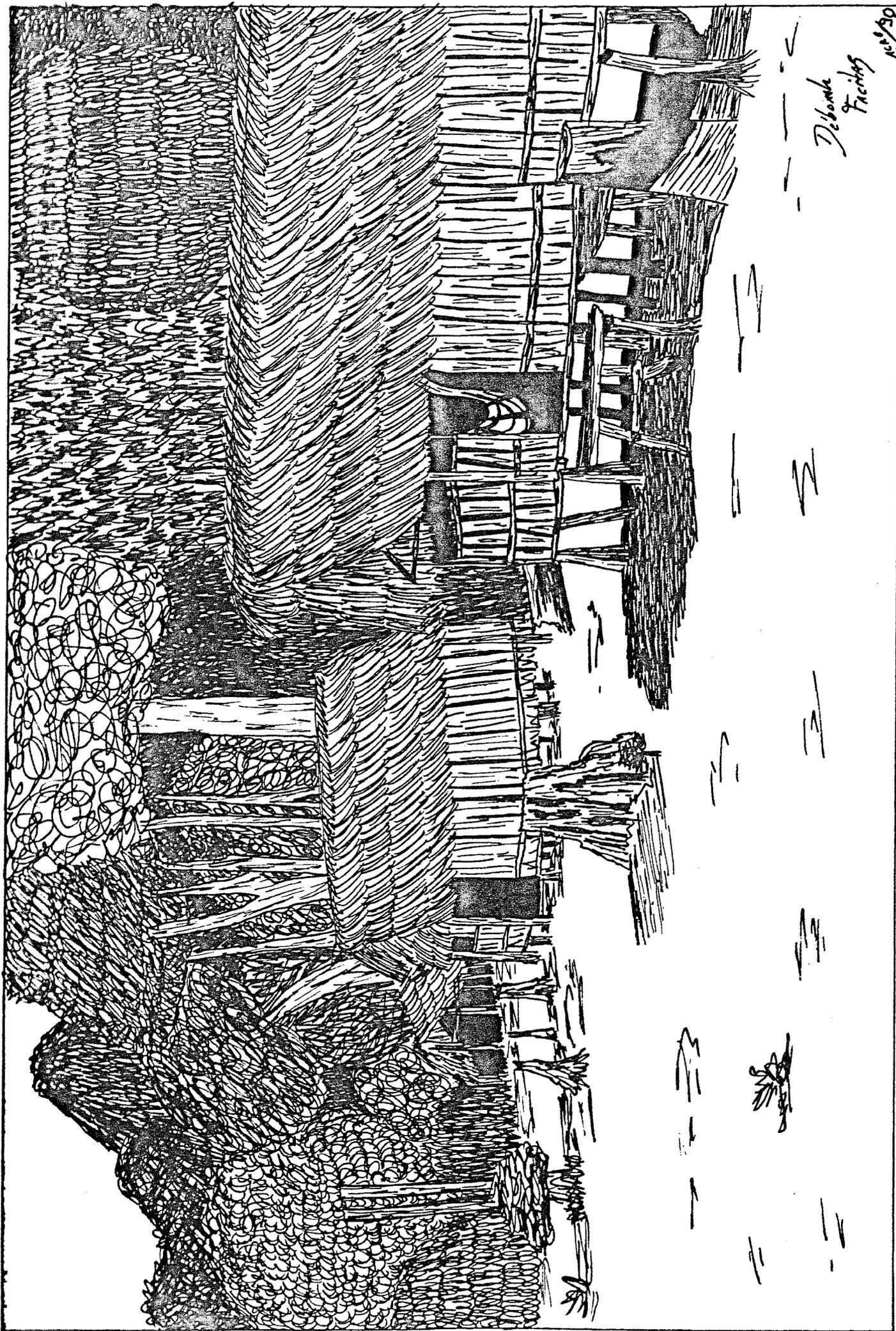
adj	-	adjetivo
AR	-	Ação Recente
asp	-	aspecto
C	-	Consoante
cap	-	capítulo
dim	-	diminutivo
Freq	-	Freqüentativo
Fut	-	Futuro
gen	-	genitivo
int	-	interrogativo
loc	-	locativo
neg	-	negação
nom	-	nominal
num	-	numeral
p	-	pessoa
pl	-	plural
Pont	-	Pontual
poss	-	possessivo
pron	-	pronome
s	-	singular
subst	-	substantivo
TNR	-	Tempo Não-Realizado
TR	-	Tempo-Realizado
v	-	vogal

RESUMO

A Língua Arara (Pano) tem 7 (sete) falantes no grupo de aproximadamente 230 pessoas, localizadas às margens do Igara pé Humaitá, Município de Cruzeiro do Sul, Acre. Por ser uma Língua ágrafa e sem estudo prévio, foi necessário descrever primeiro os segmentos fonéticos - fonológicos para assim analisar suas possibilidades sintagmáticas. A partir do levantamento fonético-fonológico, depreendem-se os fonemas consonantais /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /v/, /s/, /š/, /h/, /ts/, /tš/, /r/, /m/, /n/; e os fonemas vocálicos /i/, /ɨ/, /u/, /a/, /ĩ/, /ĩ/, /ũ/, /ã/. A morfologia do Arara caracteriza-se pela construção sufixal, observada na flexão temporal {-i} para Tempo Não-Realizado, {-a} para Tempo Realizado; na formação do pronome adjetivo{-da} e na formação da palavra genitiva {-ia}. O processo aglutinativo entre palavras e partículas ora tende a uma redução na produção lingüística, ora à sua ampliação. No primeiro caso, há uma semelhança de traços fonéticos que favorece a assimilação dos elementos, enquanto que no segundo há uma repetição, em contexto de fala, de um morfema ou de parte dele na realização de outra palavra. Na morfossintaxe estabelecem-se as estruturas sintagmáticas nominais e verbais, observando seus formadores: a relação entre palavras nominais e/ou nominais e verbais.

S U M Á R I O

	Página
INTRODUÇÃO	1
Capítulo I - FONÉTICA E FONOLOGIA	18
1.1. <u>Segmentos Consonantais</u>	18
1.2. <u>Segmentos Vocálicos</u>	71
1.3. <u>Sílaba</u>	88
1.4. <u>Acento</u>	95
1.5. <u>Duração</u>	96
Capítulo II - MORFOLOGIA	98
2.1. <u>Morfologia do Nome</u>	99
2.2. <u>Morfologia do Verbo</u>	109
2.3. <u>Morfologia do Pronome – Considerações Preli- minares</u>	117
2.4. <u>Numerais</u>	132
Capítulo III - MORFOFONOLOGIA	133
Capítulo IV - MORFOSSINTAXE	138
4.1. <u>Sintagmas Nominais</u>	138
4.2. <u>Sintagmas Verbais</u>	145
4.3. <u>Tipos de Frases</u>	149
Capítulo V - BASE PARA UMA ESCRITA ALFABÉTICA ...	154
5.1. <u>Considerações Preliminares</u>	154
5.2. <u>Grafemas Consonantais</u>	155
5.3. <u>Grafemas Vocálicos</u>	159
Capítulo VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
BIBLIOGRAFIA	170
ANEXO.	



Deborah Frick

10/1/50



Deborah
Furley
1990

INTRODUÇÃO

- Dados Históricos

Os índios Arara têm uma história difícil de ser deli-
neada. A historiografia dos índios que habitam a região cuja re-
ferência hidrográfica é o rio Juruá, revela um número grande de
grupos indígenas, sem uma localização e denominação específi-
cas, na maioria dos casos.

Com base em informação dada pela índia D. Redonda (Aí-
dê Varela), acredita-se que os Arara, de hoje, são os denomina-
dos Araranãs, no início do século. Dona Redonda, ao relatar um
fato ocorrido com seu avô, o finado "Vovô Napoleão", comentou
que os Katukina eram inimigos dos Arara, informação confirmada
no livro *A Presença do Capitão Rego Barros no Alto Juruá* onde
se pode ler: "No Alto Gregório viviam duas irreconciliáveis tri-
bos: a dos 'Catuquinas' ou 'Amoacas' e dos 'Araranãs' ou 'Ara-
ras' (Barros, s.d.:126).

As dificuldades em se reconstituir a história dos
Arara começam pelo desencontro de informações na parca biblio-
grafia levantada: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico
Brasileiro* e o livro acima mencionado. Na primeira, diz-se que
"Um dos chefes indianos mais afamados que houve no Juruá foi o
Cachinawá Tescon, célebre por suas proezas e lutas contra os
Peruanos. (...) Tescon foi morto, em 1914, numa cilada que lhe

preparam os Araras (Tachinauás). Convidado a uma pescaria em determinado sítio, acedeu, sendo morto." (Branco, 1950:49-50); enquanto que na segunda, embora não negue a informação de que quem matou Tescon foram os Arara, registra que esse índio era Katukina: "No Alto Gregório viviam duas irreconciliáveis tribos: a dos 'Catuquinas' ou 'Amoacas' e dos 'Araranás' ou 'Araras'. Os primeiros eram chefiados pelo índio Tescon, célebre e temido por suas proezas. Em 1914, na luta por eles travada, pereceu Tescon numa emboscada" (Barros, s.d.:126).

Verifica-se, a partir das informações acima que, além de outra denominação para os Arara (Tachinauás), não se pode precisar o grupo ao qual Tescon pertencia, pois ora ele é Katukina, ora Kaxinawá. Independente desse desencontro informacional, confirma-se a desunião entre os Katukina e Arara, que é uma referência à presença dos Arara, pelo menos desde o início do século, naquela região.

O fato de poucos índios, ainda hoje, manterem o hábito de destruir os pertences do morto ou de enterrá-los, mostra a resistência de um ritual. Por outro lado, a ausência de rituais de iniciação ou casamento, que poderia ser interpretada como perda cultural é, do mesmo modo, uma confirmação de hábitos antigos dos Arara.

O grupo Arara, provavelmente, não se diferenciava dos demais grupos indígenas do Baixo, Médio e Alto Juruá. Esta é uma das conclusões que se pode tirar dada a ausência de narrativas ou descrições que lhes sejam particulares. Numa outra perspectiva, confirmam-se usos comuns que as crônicas, feitas no início do século, permitem averiguar. Por exemplo, o ato de

queimar os pertences de um morto era comum aos índios daquela região, havendo algumas nuances no ritual de morte, como a queima do cadáver e sua posterior distribuição com os membros do grupo para comê-lo (Branco, 1950); também o ritual fúnebre de queimar os objetos particulares do morto era generalizado. Do mesmo modo, não se registra uma festa específica para o casamento: "Não há cerimônia alguma para esta entrega, havendo apenas um contrato verbal entre o noivo e o futuro sogro, trabalhando o pretendente algum tempo para o pai da noiva ou irmão, ficando logo com a mesma, dormindo na mesma maqueira, criando-a ou ajudando a criá-la, somente se realizando o casamento, sem outra solenidade, depois que ela atinge a puberdade" (Branco, 1950: 50-51). Ainda hoje é comum o casamento na adolescência, não necessariamente com um homem mais velho. Ocorre muito a fuga dos namorados para consolidar a união.

Quando se iniciou a migração branca no Vale do Juruá, os diversos grupos indígenas moradores daquela região se viram obrigados a procurar os igarapés mais distantes das margens dos rios, pois se ficassem, morriam ou seriam subjugados. O processo de despovoamento dos nativos foi conseqüência do contato agressivo com a população não-índia e devido também, em menor escala, às próprias lutas intertribais: "O que é evidente é que de certo modo, a população indígena da região, principalmente, dos Vales do Juruá, Tarauacá e Iaco, era considerável, porém, escorraçados à bala pelos civilizados: brasileiros (seringueiros) e peruanos (caucheiros), além das lutas internas entre as próprias tribos, o seu número foi decrescendo de tal modo que na época em que o governo brasileiro estabeleceu o território

do Acre, já os seus grupos estavam mui reduzidos" (Branco, 1950: 13).

Geograficamente, há registro dos Araras em 1888, às margens do Abunã; em 1904 eram vistos os Ararauás nos rios Humaitá e Alto Embira, margem direita; entre 1910 e 1920 registra-se a presença dos índios Ararauás (Tachinauás) no seringal Humaitá; também consta na bibliografia que, em 1911, encontravam-se os Araras no Vale do Juruá, nas cabeceiras do Forquilha, afluente do Liberdade (Branco, 1950:12, 15, 23, 24).

Os Arara foram denominados de Araras, Tachinauás, Ararauás e Araranás; tal levantamento se baseia nas informações das crônicas feitas em fim do século passado e início deste. Embasado sobretudo na conhecida figura do índio Tescon, provavelmente índio Katukina, resolve-se a diversidade nominal referente aos Arara, pois a relação desse índio com eles, possíveis causadores de sua morte, evidencia que todos esses nomes correspondem a um só grupo; também favorece essa interpretação, reconhecê-los como Tachinauás.

- Situação Atual

Os Arara autodenominam 'Shawādawa' : 'Shawā', 'arara' e 'dawa', "homem-branco" ou "não-índio", como foram encontrados na elicitación dos dados. Este confronto de significado, numa leitura atual da palavra 'Shawādawa', pode ser interpretado como uma extensão semântica criativa dada à palavra 'dawa'. Faz-se a correspondência entre 'dawa' e 'nawa', realização encontrada em outras línguas Pano (Poyanáwa, Shanenáwa, Jamináwa) que

significa "gente" ou "índio", segundo Tastevin (apud 1950). Provavelmente os Arara optaram por designar 'dawa' de gente ("homem branco") e de 'dura' a eles mesmos, índios; é o que se observa hoje em sua fala. Morfologicamente, a palavra 'Shawādawa' resulta, portanto, de dois morfemas aglutinados 'shawā + dawa'. Os Arara, no entanto, já não fazem mais essa distinção, interpretando-a como uma só palavra e com um único significado, Arara.

Os Arara vivem atualmente numa área identificada (primeira fase de reconhecimento oficial das terras) de 27.000 hectares, às margens do Igarapé Humaitá ou Riozinho Cruzeiro do Vale, Município de Cruzeiro do Sul, AC. Moram nessa área aproximadamente 150 índios, segundo o professor da Aldeia, Antônio Pereira; acrescentando-se os que moram fora, a comunidade é de umas 230 pessoas.

Segundo o mapa de Áreas de Proteção Ambiental - Acre de 1991, há índios Arara no Riozinho da Liberdade, em área ainda não identificada, no Município de Tarauacá. Também encontram-se Arara na área indígena Jamináwa-Arara, localizada nas cabeceiras do Rio Bajé e Igarapé do Barro Branco, Município de Cruzeiro do Sul. Alguns Arara, contactados para esta pesquisa, disseram que tinham vindo do Bajé, mas não sabiam precisar o tempo. Supõe-se, pelo que disseram, que foi há uns vinte anos. Saíram de lá por motivo de doenças e pela insuficiência de comida (caça, sobretudo).

A área visitada para realização deste trabalho foi a do Igarapé Humaitá. Esta área se subdivide em colocações, algumas nas margens do rio, outras no centro (localizações distantes das margens do Humaitá). Foram dadas as seguintes denomina-

ções aos locais que têm moradores: Boa Vista, Salgado, Morada Nova, Raimundo Vale, Palestina, Igarapé, Triunfo, Boca do Nilo, Torre da Lua, Veiaca, São Luiz, Bom Futuro da Margem, Centro, Brejo, Paz, Concórdia. Em cada colocação há um número pequeno de casas: não chegam a cinco, havendo lugares que têm apenas uma moradia.

A família Arara é do tipo nuclear. Mora em casa do tipo palafita, feita geralmente de madeira paxiubão, para o assoalho, paxiubinha, para as paredes, palha de jaci (coqueiro) para a formação do telhado e amoa (árvore) para a sustentação. Estas informações foram dadas pelo Sr. Albani, casado com uma Arara. As divisões espaciais são diversificadas; às vezes são do tipo sala, quarto e cozinha; outras vezes é constituída por um único espaço, sem divisórias.

Os Arara transitam bastante pela área, conseqüentemente, mesmo que more uma só família no local, não fica isolada, pois tanto visita como é visitada.

As atividades para sobrevivência do grupo são caça, pesca, plantação (mandioca, cana-de-açúcar, milho, banana, inhame, arroz, mamão, etc) e corte de seringa. Têm como alimentos básicos a mandioca e a carne de caça, que já dá sinais de escassez.

A produção de borracha lhes permite a compra de objetos e alimentos não encontráveis na mata. Comprar ao regatão (mascate que vai com seu barco grande, cheio de mercadoria, rio a dentro), é sempre difícil, porque as trocas de mercadorias (a caça e borracha dos índios pelo combustível, enlatados, etc. do

regatão) são feitas super valorizando os produtos do regatão, em detrimento dos produtos dos índios. A cooperativa dos seringueiros (índios ou não) é que possibilita a compra e venda de mercadorias de uma forma mais equitativa.

A maioria das plantações fica localizada, em média, a uma distância de meia hora de caminhada das casas, para que as criações de porcos, que quase todos têm, não danifiquem os roçados. Esses animais costumam acabar com toda a plantação, daí a precaução mantida.

A liderança dos Arara se elege através do consenso dos membros de grupo, sobretudo dos homens, não havendo tempo determinado para o exercício dessa função: a liderança permanece enquanto agradar. Cabe ao líder unir o grupo em torno de um projeto, por exemplo, encaminhar as pranchas de borracha até a cidade e negociá-las por um bom preço, do mesmo modo que comprar mercadorias que possam ser vendidas (ou trocadas) sem prejuízo.

A figura do líder espiritual ou pajé não foi observada nesse grupo. Os Arara recorrem à alopatia para curar suas doenças. Em caso extremo, no entanto, recorrem aos remédios da mata, que já são pouquíssimas as pessoas que sabem fazê-los. A malária é a doença mais comum e constante naquela região. Nas duas idas ao campo, foram vistos índios bastante doentes e sem qualquer tratamento; eles não tinham como comprar remédio, nem recorriam aos remédios da mata; a situação era mais grave antes, quando eles não tinham barco próprio, ficando na dependência de que algum morador da vizinhança lhes socorresse.

Nas festividades peculiares ao grupo, os Arara praticam o mariri, que é uma dança de roda, conduzida por um cantor ou cantora. D. Joana e o Sr. Nogueira são os últimos cantadores Arara. Não há mais o costume de se festejar com essa dança. Hoje eles preferem as músicas difundidas pelo rádio.

Contato com o Grupo

A oportunidade de pesquisar a língua indígena Arara foi originária do Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras (financiado pelo CNPq, FINEP) que incentivava o estudo de línguas indígenas e tem como prioridades as línguas não analisadas, cujo uso vem se tornando obsoleto para o grupo. Além da preocupação desse Programa, a Comissão Pró-Índio do Acre, o órgão que vem se responsabilizando pela educação escolar e saúde dos índios acreanos, sugeriu a língua Arara como uma das que precisavam, urgentemente, de uma descrição, de um registro, por ter um número pequeno de falantes e serem eles idosos.

Foram feitas duas viagens ao campo. A primeira foi em junho de 1990, quando se permaneceu por uns quinze dias na área indígena, na colocação Boca do Nilo que, na época, tinha quatro famílias. Além das quatro casas, havia uma escola. Um dos donos de casa era o enfermeiro do grupo, Jorge Varela. Não havia, nem há, propriamente, uma enfermaria: dispõe-se apenas de alguns remédios, aos cuidados de uma pessoa que teve um pequeno treinamento de enfermagem.

Entre junho e julho de 1992 foi feita uma segunda viagem às terras dos Arara, desta vez com uma permanência de um mês em área. O primeiro ponto de contato foi Boca do Nilo, que estava bem diferente; não havia mais nenhuma das casas, antes visitadas, e sim novas construções; na verdade, duas casas, uma do professor e família, e a outra do líder e família. Tinham construído também outra escola. Como não havia ninguém no local (todos tinham ido para Cruzeiro do Sul) seguiu-se para a colocação Igarapé, onde só havia uma casa, a do Sr. Albani, sua mulher Dona Redonda e seus filhos. Permaneceu-se aí a maior parte do tempo, mas foram feitas visitas às colocações Boca do Nilo e Centro para gravar informantes.

– Registro de Material

O questionário utilizado, nas duas fases, seguiu o modelo do questionário do Museu Nacional elaborado por Camara Jr. e Sarah Gudschinschy, visando à depreensão de contextos morfosintáticos, que possibilitassem o estudo de composição das palavras, as classes de palavras existentes e os tipos de frases.

Além do levantamento de dados lingüísticos, registram-se em gravações, histórias e músicas pertencentes à cultura Arara. Há 10 fitas, de uma hora de gravação cada, com dados lingüísticos, músicas e histórias. As músicas são sempre cantadas em Arara, enquanto as histórias são, na maioria, narradas em português.

– Falantes Arara

Na primeira ida ao campo, divulgava-se que havia sete falantes nativos: João Martins, Maria Cazuza, Sr. Nogueira, D. Joana, Sr. Antônio Napoleão, D. Maria e Ceci. Entre estes fez-se contato com os quatro primeiros; os demais procuraram se manter afastados.

Já na segunda vez, alguns Arara informaram que havia, além dos já citados, outros falantes de Arara: Branca, Chico Martins, Bonifácio, Delmício, Chico Nogueira e Alda. Não houve, no entanto, como constatar a veracidade dessa informação. O que se pode dizer é que muitos Arara adultos reagem com riso ou algum comentário paralelo, quando escutam algo dito na língua. Conclui-se com isso que eles, embora não sendo falantes ativos da língua, têm competência receptiva, ou seja, entendem mas não falam.

Toma-se como sete o número de falantes Arara (os sete primeiros mencionados), por serem pessoas mais velhas e terem uma auto-imagem mais nítida de que são falantes reais, admitindo-se, entretanto, que os demais mencionados possuam algum conhecimento da língua, tendo em vista que muitos Arara são falantes passivos.

O processo de discriminação contra os índios, especificamente contra os Arara, se evidencia bastante no receio de serem identificados como índios por falarem sua língua.

A língua reflete fortemente a origem de uma pessoa, vinculando-a ao seu grupo. Quando o falante percebe que é

rejeitado por parte de outro(s), é comum que ele tente não usá-la. A língua é, assim, uma das primeiras manifestações culturais a ser negada, camuflada. Por outro lado, a consciência política que vem se instaurando nas comunidades indígenas, devida a fatores diversos, vem desenvolvendo nessas nações a necessidade de manutenção da língua como fator de resistência e sobrevivência étnica. Entretanto, algumas comunidades não construíram tal conscientização em tempo e deixaram morrer suas línguas.

Quatro informantes foram gravados, sendo eles, Sr. Nogueira, D. Maria Cazuza, D. Joana, Sr. João Martins, todos pessoas já idosas, sendo o último mencionado o mais novo. Este foi o informante principal, por ter melhor dicção e sua gravação ser mais audível para o pesquisador. Este trabalho fundamenta-se nas gravações feitas com o Sr. João Martins e nas informações dadas por D. Maria Cazuza, que serviram de apoio indireto, por confirmarem algumas informações dadas pelo informante principal.

Sr. João Martins e D. Maria Cazuza são, dentre os falantes, os mais dispostos a gravar e, conseqüentemente, em colaborar com esta pesquisa.

– Embasamento Lingüístico

Esta pesquisa objetiva descrever os segmentos fonológicos da língua Arara e sua morfossintaxe, observando as classes gramaticais, suas funções e posições na estrutura sintagmática.

A língua Arara é ágrafa, sem qualquer estudo prévio.

Assim, a teoria mais adequada para este trabalho é de natureza estruturalista distribucional. Segundo Gleason (1985), a utilização do fonema e do morfema como unidades básicas permitiu aos lingüistas a elaboração de uma teoria que abrangesse o nível de expressão da linguagem, possibilitando descrições detalhadas e exaustivas dos sistemas de expressão de línguas específicas. À Lingüística Descritiva, deve-se essa abordagem, que focaliza processos de descoberta, através da técnica de comutação.

Cabe à Lingüística Descritiva, através do cotejo dos elementos lingüísticos (a nível de expressão e/ou conteúdo), for necer informações sobre os elementos pertinentes a uma língua determinada, como também mostrar seu lugar na estrutura sintagmática.

De acordo com Martinet (1974), é responsabilidade da Fonética estudar os sons da linguagem, sem preocupação com o sistema lingüístico ao qual pertencem, enquanto que a Fonologia os observa em função de uma língua específica, ou seja, a Fonética procura registrar os sons de fala e a Fonologia se interessa em analisar os sons de fala que são pertinentes para uma determinada língua. Por conseguinte, antes de finalizar-se a análise dos sistemas vocálico e consonantal, as unidades são, respectivamente, denominadas de vocóides e contóides; ao serem interpretados como sons distintivos, passam a ser chamados de vogais e consoantes.

A análise ética diz respeito ao registro lingüístico como foi realizado por um falante, sem avaliar-se o que seja distintivo (vocóide, contóide, morfe, sílaba) no sistema de uma

língua. O estudo êmico pode ser visto como o segundo momento da análise ética, quando se verificam os elementos pertinentes a um sistema para determinar-se sua representação (vogal, consoante, morfema, padrão silábico). O ético corresponde à fala, ao uso, enquanto que o êmico é representação da língua, do sistema.

Lopes (1989:190) menciona que "A identificação de unidades no interior de cada nível se faz mediante a função de contraste na cadeia sintagmática e, simultaneamente, a função de oposição na classe paradigmática: a comutação é a operação que põe em funcionamento ambas as funções". Este trabalho, no entanto, não faz distinção entre os termos oposição e contraste, considerando-os sinônimos.

Segundo Kindell (1977), quando se diferencia foneticamente dois segmentos semelhantes, com alguns traços distintivos comuns, e esta diferença acarreta mudança de significado, em ambiente idêntico, os segmentos cotejados são interpretados como fonemas-sons contrastantes ou opositivos na língua. Quando esses segmentos, assim cotejados, não acarretam mudança de significado são interpretados como alofones de um mesmo fonema. Trata-se de alofones, realizações fonéticas diferentes, em consequência dos ambientes em que ocorrem. Esta variação ambiental pode ocorrer (1) em distribuição complementar, quando os alofones de um mesmo fonema têm posições específicas para sua ocorrência na palavra, onde um ocorre, o outro não pode ocorrer; e (2) livre, que diz respeito a uma flutuação na produção de alofones de um mesmo fonema, sem, no entanto, ser constatado um ambiente lingüístico que propicie tal realização.

Toma-se, para cotejar os sons ou fones, o par mínimo como o melhor ambiente, visto que ele se caracteriza por ser o confronto de duas palavras que se diferenciam apenas por um único segmento, portanto, o ambiente dos elementos em cotejo é idêntico. Se no corpus levantado não houver dados suficientes para que o pesquisador disponha de pares mínimos, outra técnica pode ser usada para detectar fonemas – a de ambientes análogos, isto é, pares de enunciados nos quais haja uma parte da segmentação idêntica.

– O Estudo da Língua Arara

A divisão deste trabalho se faz da seguinte maneira:

O capítulo I aborda a fonética e a fonologia dos segmentos consonantais e vocálicos; faz um levantamento das sílabas fonéticas e dos padrões silábicos; registra a ocorrência da acentuação livre e o caráter fonético da duração.

O capítulo II descreve a morfologia das classes de palavras encontradas em Arara: substantivos, adjetivos, numerais, pronomes, verbos, partículas nominais e verbais. Dada a tendência aglutinativa da língua em estudo, já na análise morfológica observa-se não apenas a relação entre morfemas, mas, também, entre palavras.

O capítulo III envolve a morfofonologia, onde se apreendem mecanismos ou processos de assimilação e alofonia vocálicas, repetições de morfes, como consequência da relação entre morfemas e/ou palavras.

O capítulo IV desenvolve a morfossintaxe, abordando a relação entre sintagmas nominais formados por 'subst. + adj.', 'subst. + subst.' (locução nominal), 'subst. + num.', 'poss. + subst. + adj.', 'poss. + subst.', 'subst. + poss.', 'subst. + subst. loc.'. Também registram-se os sintagmas verbais formados por verbos transitivo, intransitivo.

Ainda neste capítulo faz-se um levantamento dos tipos de frase observados em Arara. São encontradas frases nominais afirmativa e negativa; frases verbais afirmativa e negativa; frases interrogativas e os enunciados compostos que se formam das relações entre substantivos e adjetivos e/ou substantivos e verbos; tais enunciados transmitem mais de uma informação essencial.

O capítulo V se compõe de sugestões de grafemas para montagem do alfabeto da língua Arara.

No capítulo VI são feitas algumas considerações finais sobre o trabalho.

- Dados Gerais Sobre a Língua

A análise êmica da língua Arara evidencia a existência de catorze fonemas consonantais: bilabiais /p/, /b/, /m/, lábio dentais /v/, alveolares /t/, /d/, /s/, /ç/, /r/, /n/, palatais /š/, /ç/, velar /k/ e glotal /h/.

Quanto aos segmentos vocálicos, apresentam-se emica-mente oito vogais: a anterior alta /i/, centrais baixa /a/ e alta /ɨ/ e posterior alta /u/. Estes segmentos também se apre-

sentam como nasais.

A análise êmica estabelece os seguintes padrões silábicos: 'CV', 'V', 'CVC', 'VC', sendo sua acentuação livre.

Na língua Arara, a composição morfológica é essencialmente sufixal. Este tipo de construção pode ser observado na flexão temporal {-i} para Tempo Não-Realizado e {-a} para Tempo-Realizado; na construção de pronome adjetivo {-da}; também em posição sufixal, ocorre o genitivo {-ia}.

A tendência aglutinativa da língua favorece o processo assimilatório que é um mecanismo de redução da produção linguística, baseado nas semelhanças dos traços fonéticos dos segmentos. Por outro lado, ocorrem repetições de morfemas, ou de parte deles, nas combinações de palavras, com realização aglutinativa; ainda ocorrem mudanças vocálicas, dado seu ambiente de ocorrência. Exemplificam estas ocorrências, os dados:

[va'ka	'pay	ĩ'ba]	'não quero água'	/vaka apa-i ba/
água	quero	TNR neg.		

[šarã'ba]	'feio'	/šara ba/
bonito não		

A estrutura linguística básica do Arara é do tipo 'SOV' (sujeito, objeto, verbo).

- Arara: uma Língua Desconhecida

Rodrigues (1986) menciona treze línguas pertencentes à família Pano: Amawáka (AM), Karipúna (RO), Katukina (AC), Kaxarari (RO), Kaxinawá (AC, AM), Marúbo (AM), Matís (AM), Mayá (AM), Mayo rúna (AM), Nakuíni (AM), Poyanáwa (AC), Yamináwa (AC), Yawanáwa (AC). Sendo a língua Arara (Shawādáwa) da mesma família, atualiza-se a listagem dada por Aryon Rodrigues, incluindo-lhe a língua em análise.

Capítulo I

FONÉTICA E FONOLOGIA

1.1. Segmentos Consonantais

– CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE CONSOANTES

Para iniciar a análise dos segmentos consonantais da língua Arara, observando sua realização na sílaba, e conseqüentemente na palavra, será necessário definir o que é interpretado como palavra e sílaba.

O termo 'palavra' designará uma formação mórfica livre, ou seja, uma seqüência segmental que, em princípio, pode ser realizada isoladamente, contendo um significado nocional próprio. A forma livre será a 'palavra-base', podendo juntarem-se a ela afixos, que são formas presas (Bloomfield apud Câmara Jr.: 1988). Também serão interpretados como palavras os morfemas que Câmara Jr. (1988) chamou de 'dependentes' caracterizados por ter flexibilidade posicional com relação a outro elemento que condiciona sua realização. Diferem das formas livres por não ocorrerem isoladamente, mas têm significado gramatical.

Por serem os dados analisados transcrições fonéticas, às vezes, registram-se como uma palavra mais de um elemento mórfico que na produção da fala foi interpretado como tal; é a questão do vocábulo fonético (Camara Jr.:1988), onde morfemas pertencentes a palavras distintas são ouvidos em um só grupo de força e interpretados como "palavra". Só depois da análise é possível distinguir que morfema(s) constitue(m) a palavra.

Quanto à sílaba, o critério adotado para esta análise foi o funcional (Camara Jr.:1988), compondo-se a sílaba de uma fase de ascensão, plenitude e descensão, ou de um aclave, um ápice e um declive, isto ocorrendo no padrão silábico completo.

A fase essencial para realização de uma sílaba é o ápice, efetuada por um fone silábico, representando um fonema. O aclave e o declive são facultativos; os fones realizados nestas duas fases são tidos como assilábicos.

Para determinar se um segmento é fonema, atentar-se-á para a posição da sílaba na palavra e para os segmentos formados de cada sílaba.

Serão cotejados entre si os contóides que tenham semelhanças quanto ao ponto e/ou modo de articulação, além do traço de sonoridade, que às vezes é o único ponto diferenciador entre dois fones.

Neste trabalho a análise fonética é feita tomando por base apenas a Fonética Articulatória que se atem à posição e à ação de vários órgãos da fala (ponto e modo de articulação), caracterizando os sons da linguagem (Gleason:1985).

Além do ponto e modo de articulação, a produção fonética das consoantes se altera devido ao comportamento das cordas vocais. Se no momento da produção de um fone, as cordas vocais estiverem distensas, o ar passa livremente pela glote, produzindo um som surdo; se, ao contrário, as cordas estiverem tensas, a passagem do ar pela glote causa uma fricção que sonoriza o fone em produção. Do ponto de vista dos modos de articulação há, em Arara, sons:

Oclusivo – que se caracteriza pela obstrução completa (momentaneamente) da passagem de ar, pelo trato vocal. As consoantes oclusivas podem se distinguir também pela presença ou ausência de sonoridade. Tem-se em Arara os fones oclusivos [p], [b]; [t], [d]; [k], sendo as primeiras (ou única no caso do [k]) de cada grupo as surdas.

Fricativo – resulta da fricção produzida por um fechamento parcial na cavidade bucal. Pode ser produzido também com ou sem vibração das cordas vocais. Sendo fricativos, em Arara, os fones [v]; [s]; [š] e [h], dos quais só o primeiro é sonoro.

Africado – uma complexidade dos modos oclusivo e fricativo. É um oclusivo seguido de um movimento fricativo. Gleason (1985) o descreve como uma oclusão cuja abertura se faz relativamente lenta. São africados surdos, na língua em estudo, [ts] e [tš].

Lateral – designa os sons produzidos pela obstrução da passagem do ar pela região central da boca, forçando a saída do ar pelos lados da cavidade bucal. Registra-se foneticamente,

em Arara, o [l], contóide sonoro.

Vibrante – distingue-se do lateral apenas por ser produzido com uma rápida obstrução feita com a ponta da língua, ocasionando uma pequena vibração. Encontra-se o [r], em Arara.

Nasal – a passagem é desviada para o nariz porque ela é obstruída em algum ponto da boca. Na análise feita encontram-se [m]; [n]; [ñ], todos sonoros em Arara.

Semivogais – embora não haja uma obstrução (um toque em algum ponto de articulação) da passagem do ar na produção de semivogais, a altura da língua, em relação ao palato, fica numa posição superior ao da produção das vogais mais altas. Registram-se, neste trabalho, o [w] e o [y], ambos sonoros.

Quanto aos pontos de articulação, encontram-se em Arara sons:

Bilabial – o fechamento ou aproximação dos lábios para a realização de [p], [b], [m]; [w].

Lábio-dental – envolvimento do lábio inferior e dentes superiores para a produção de [v].

Alveolar – a ponta da língua toca os alvéolos superiores para a realização de [t], [d]; [s]; [ts]; [l]; [r]; [n].

Palatal – a lâmina da língua toca o palato ou se aproxima dele, resultando a realização das palatais [š^V]; [tš^V]; [ñ] e [y].

Velar – quando o dorso da língua toca o véu palatino, produz-se o [k].

Glotal - as cordas vocais se aproximam, dificultando a passagem do ar, mas não a ponto de sonorizar um segmento. Em Arara, encontra-se o fone[h], como seu representante.

Nesta fase do trabalho os fones serão cotejados aos pares, a partir dos lábios para o interior do trato vocal, com exemplificação de ocorrências em sílabas iniciais de palavras e em sílabas não-iniciais de palavras.

QUADRO FONÉTICO	CONTÓIDES					
	bilabiais	lábio-dentais	alveolares	palatais	velares	glotais
oclusivas	p		t		k	
fricativas		v	s	ʃ		h
africadas			ts	tʃ		
laterais			l			
vibrantes			r			
nasais	m		n	ɲ		
semivogais	w			y		

Ocorrência dos fones nas sílabas:

oclusivos bilabiais	surda	sonora
	p	b
[p] Início de sílaba e de palavra		
(1) [pi'a]		'flecha'
(2) [pi't ^v si]		'costas'
(3) [pɨ'taw]		'asa'
(4) ['pɨy]		'pena'
(5) [pɨ'se]		'casa'
[b] Início de sílaba e de palavra		
(6) [bɨ'hi]		'mão'
(7) [bauhɨ'tsa]		'bicho de caça'
(8) [ba'ka]		'rato'
(9) [ba'tsi]		'fria'
(10) ['bay]		'terra'
(11) [ba'si]		'areia'
(12) [ba'po]		'cabeça'
[p] Início de sílaba, não-inicial de palavra		
(13) [ba'po]		'cabeça'
(14) [tsayni'pa]		'comprida'
(15) [ka'pɨ]		'jacaré'
(16) [u ^v sini'pa]		'vermelho'
(17) [it ^v sapa]		'muitas'
(18) [di'pɨy]		'folha'
(19) [iwita'po]		'raiz'
(20) [do'pɨ]		'faca'

- (21) [duãne'pa] 'amolado'
 (22) [iwa'pāba] 'pequeno'

[b] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (23) [nã'bi] 'saliva'
 (24) [ĩ'bi] 'sangue'
 (25) [iũ'ba] 'peixe'
 (26) [sã'bo] 'besouro'
 (27) [vĩ'bi] 'fruta'
 (28) ['yābo] 'noite'
 (29) [nã'bi] 'carne'
 (30) ['tšay^V ĩ'ba] 'perto'
 (31) [šarã^V'ba] 'feio'

O cotejo entre estes dois fones, que se diferenciam apenas pelo traço de sonoridade, permite concluir que ambos são fonemas, pois suas realizações como aclave de sílaba, em começo ou meio de palavra, seguidos dos vocóides [ɨ], [o], [a], demonstram que [p] e [b] estão em oposição, pois ocorrem no mesmo ambiente:

- (3) [pɨ'tāw] 'asa'
 (6) [bɨ'hi] 'mão'
 (12) [ba'po] 'cabeça'
 (26) [sã'bo] 'borboleta'
 (31) [šarã^V'ba] 'feio'
 (16) [ušini^V'pa] 'vermelho'

Descarta-se aqui a possibilidade de alofonia por não haver indício dessa ocorrência, visto que [p] e [b] se encontram

em grande número de dados, numa posição de autonomia um em relação ao outro.

Levando em consideração os vocóides que participam da estrutura silábica e sua disposição na palavra, interpreta-se o oclusivo surdo [p] e sonoro [b] como os fonemas /p/ e /b/.

O oclusivo sonoro sistematicamente, ao vir em sílaba não-inicial de palavra, nasaliza a vogal que lhe antecede. Esta é mais uma característica que o diferencia do oclusivo surdo /p/.

Em outras línguas Pano foram registrados fenômenos envolvendo a nasalização. Na língua Katukina (Barros, 1987), os fones oclusivos ocorrem como afixos silábicos e se realizam sons [b], [d], [g], em contexto nasal e surdos [p], [t], [k] nos demais ambientes. A sonoridade dos oclusivos resulta do processo de assimilação progressiva (quando traços de um som precedente modificam a realização de um som subsequente) desencadeada pelas vogais nasais, ou seja, é imprescindível um ambiente pré-vocálico nasal, para que ocorram os oclusivos sonoros.

Por sua vez, a língua Poyanáwa (Santos, 1992) apresenta a alofonia entre [b] e [m]; [d] e [n]. Foram interpretados como fonemas os oclusivos orais e como alofones seus homófonos nasais. As realizações fonéticas [m] e [n], respectivos alofones dos fonemas /b/ e /d/, estão condicionadas a um ambiente cujo ápice silábico seja uma vogal nasal. Neste caso, ocorre uma assimilação regressiva (traços de um som posterior influenciando na produção de um som que lhe é anterior) do traço nasal.

As línguas Pano, Katukina e Poyanáwa, também revelam, cada uma com suas características, as influências do traço de

nasalidade na produção das consoantes oclusivas. No que diz respeito à língua Arara, é obrigatório um ambiente precedido de vogal nasal para que se realizem os oclusivos bilabial[b] e alveolar[d], quando as sílabas nas quais elas participam não iniciam palavras (v. p. 42).

As ocorrências levantadas permitem a criação de hipóteses, fundamentalmente diacrônicas, para explicar as realizações observadas na língua Arara. Acredita-se que o condicionamento em análise seja resquício de consoantes pré-nasalizadas *[mb], *[nd]. Inclusive a mesma hipótese pode aplicar-se aos registros das línguas Katukina e Poyanáwa, que individualmente fizeram suas opções:

– Na língua Katukina, o alofone [b] para se realizar, mantém uma ambientação que pode restaurar a existência de um *[mb]. Diacronicamente o *[mb] teria perdido seu traço nasal para a vogal precedente e posteriormente teria perdido o status de fonema, passando a alofone do fonema /p/.

– A ocorrência alofônica do /b/, o [m]; e do /d/, o [n], em Poyanáwa, também pode ser interpretada como um desmembramento dos contóides complexos *[mb] e *[nd] e posterior condicionamento para realização de um ou outro, tornando relevante na distribuição a nasalidade ou não da vogal com a qual forma sílaba.

A escolha por uma interpretação fonética e não morfosintática deste fenômeno, em relação à língua Arara, resulta da falta de evidências da nasalidade como marcadora de função sintática, fenômeno este existente na língua Kaxinawá (Pano) que

diferencia o sujeito de verbos transitivos (caso de ergatividade) pelo processo de nasalização da última vogal da raiz verbal (Palácio, 1991).

Observa-se a nasalização em Arara, independente de um contexto morfossintático, embora se perceba claramente na morfologia (v.p.98-99) a mudança de vogais orais em nasais em consequência da aglutinação de palavras. No entanto, esta regra tem motivação morfofonológica e não morfossintática.

Diante do exposto, conclui-se que, em Arara, as oclusivas bilabiais sonora[b] e surda[p] são fonemas distintos: /b/ e /p/.

oclusivos bilabiais	oral	nasal
	b	m
[b] Início de sílaba e de palavra		
(32)	['bapo]	'cabeça'
(33)	[ba'ire ^V ca]	'tatu'
(34)	[boški ^V 'te]	'pedra'
(35)	['ba]	'não'
(36)	[bɨ'hi]	'mão'
(37)	[da'rã <u>ba</u> 'hi]	'hoje'
(38)	['bitiš ^V]	'unha'
(39)	['batsi]	'frio'
(40)	['bɨy]	'verbo sentir TNR'
[m] Início de sílaba e de palavra		
(41)	['mĩ]	'você'
(42)	['mã]	'vocês'
(43)	[ma'tũ]	'dele'
(44)	[ma'pa]	'barata'
(45)	[mĩ'da]	'tua'
(46)	[mãni'a]	'banana'
(47)	[<u>mĩ</u> vay'nãma <u>mi</u> 'rayia'e]	'você está trabalhando na roça'
[b] Início de sílaba, não-inicial de palavra		
(48)	[iũ'ba]	'peixe'
(49)	[šũ ^V 'ba]	'peito'
(50)	[kĩ'tĩ pičãbi ^V 'a]	'a panela está no fogo'

- (51) ['dura dību'ra] 'o índio está no mato'
 (52) [šarā^V'ba] 'feio'
 (53) [ābīš^V'ba] 'nunca'
 (54) [i'ābīri] 'amanhã'

[m] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (55) ['kāmā] 'cachorro'
 (56) [i'ĩ atsa'nāma rayia'e] 'eu estou trabalhando na roça'

Há dados com a oclusivo bilabial oral [b] em início de palavra, formando sílaba com os vocóides [a], [o], [ɨ], [i]; iniciando sílaba medial de palavra com os vocóides [ɨ], [u], [ĩ]; e formando sílaba final com o [a].

Quanto ao oclusivo bilabial nasal [m], forma sílaba inicial de palavra apoiado nos vocóides [ĩ], [ã], [a], [i], tambem se realiza com [a], [ã], em sílaba final de palavra.

Ao cotejar-se a ocorrência desses contóides, descarta-se a possibilidade de distribuição complementar entre estes fones. Ambos ocorrem com os vocóides [a], [i], [ĩ].

Ressalta-se uma ocorrência peculiar para realização do oclusivo bilabial oral [b]; excetuando sua ocorrência em início de palavra, ele sempre vem antecedido por vocóide nasal. Para demonstrar esta realização sistemática, vejam-se os exemplos:

- (57) ['ba] 'não'
 (58) [šara^V] 'bom', 'bonito', 'gostoso'
 (59) [šarā^V'ba] 'feio'

- | | | |
|------|-----------|------------|
| (60) | ['di] | 'mato' |
| (61) | ['bira] | 'locativo' |
| (62) | ['dĩbira] | 'no mato' |

Estes dados evidenciam bem como é imprescindível que o vocóide nasal anteceda à realização do oclusivo bilabial oral [b], ou então, como a realização de [b] provoca a nasalização do vocóide antecedente, isto é, quando não-inicial de palavra. Mas esta interpretação é desmotivada foneticamente, uma vez que não há razões sincrônicas para nasalização.

Na descrição de Barros (1987) da língua Katukina (Pa no) verifica-se que os fonemas oclusivos orais [p], [b]; [t], [d]; [k], [g] se realizam em distribuição complementar de surdos e sonoros nos pares bilabial, alveolar e velar. A distribuição se dá com sonoros em contexto nasal e surdos nos demais ambientes. O alofone sonoro se realiza em início de sílaba não-inicial de palavra, depois de consoante nasal. A nasalização é a responsável pela sonoridade dos contóides oclusivos.

Já foram cotejados, em Arara, os pares de oclusivos [p], [b] e [t], [d] (este a ser apresentado posteriormente) e verificou-se que a distribuição entre surdos e sonoros é êmica na língua.

A referência à língua Katukina vem respaldar a possibilidade de assimilação do traço de sonoridade de um vocóide nasal precedente, tendo em vista que o vocóide nasal, em Arara, se faz necessário para a realização do fonema /b/, em posição não-inicial de palavra.

Interpreta-se, diante dos dados cotejados, que são fonemas, em Arara, /b/ e /m/.

nasais	bilabial		alveolar	
	m		n	
[m] Início de sílaba e de palavra				
(63)	['mĩ]			'pron. de 2ª p.s'
(64)	[mirayia'e]			'trabalhar TNR'
(65)	[mi'a]			'pron. de 2ª p.s'
(66)	[ma'tũ]			'poss. de 3ª p.pl'
(67)	[mã'de]			'nó'
(68)	[mãni'a]			'banana'
[n] Início de sílaba e de palavra				
(69)	[nĩ'kĩ]			'poss. de 1ª p.pl'
(70)	['nĩpĩ]			'faca'
(71)	['nĩ]			'pron. de 1ª p.pl'
(72)	[nã'du]			'aqui'
(73)	[nã'bi]			'carne'
[m] Início de sílaba, não-inicial de palavra				
(74)	['ãmĩ]			'esposa'
(75)	[vay'nãma]			'roçado'
[n] Início de sílaba, não-inicial de palavra				
(76)	[^Y çayni'pa]			'comprido'
(77)	[u ^Y šini'pa]			'vermelho'
(78)	[uã'nĩ]			'ali'
(79)	['ravĩnĩ]			'dois'
(80)	[^Y šunu'a]			'Samauma'

Ao cotejar-se os fones nasais [m] e [n], verifica-se que não há um condicionamento ambiental para ocorrência de um ou de outro. Os dados:

- | | |
|--------------|---------|
| (67) [mã'de] | 'nó' |
| (73) [nã'bi] | 'carne' |

mostram que se houvesse um condicionamento para realização do nasal bilabial [m] e alveolar [n], por meio de uma assimilação progressiva ou regressiva, a palavra referente a 'nó' deveria ser *[mã'be] ~*[nã'de] e à carne *[nã'di] ~*[mã'bi]. Como essas possibilidades não se efetivam e tendo em vista que ambas ocorrem em sílaba inicial de palavra, seguida de vocóide nasal [ã], ou seja, no mesmo ambiente, interpretam-se como sons distintos, em Arara, o bilabial /m/ e alveolar /n/.

	bilabiais
oclusivo	b
semivogal	w

[b] Início de sílaba e de palavra

- (81) [bɨ'hi] 'mão'
 (82) [bɨi'rã] 'locativo'
 (83) [bo^Vski'te] 'pedra'
 (84) [ba'ka] 'rato'
 (85) [ba'i] 'terra'
 (86) ['batsi] 'frio'

[b] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (87) [i'bi] 'sangue'
 (88) [vi'bi] 'fruta'
 (89) [nã'bi] 'carne'
 (90) [iã'bɨ] 'noite'
 (91) [dĩbɨ'rã] 'no mato'
 (92) [kɨ'bu] 'saliva'
 (93) [iũ'ba] 'peixe'
 (94) [vi^Vstĩ'ba] 'mais de um'

[w] travador silábico

- (95) [š^Viw'a] 'gordo'
 (96) [diw'šĩ] 'bicho'
 (97) [iw'i] 'pau'
 (98) ['patšiw] 'orelha'
 (99) [pɨ'taw] 'asa'

- (100) [da^vsawa'tā] 'ontem'
 (101) [vākāw'ã] 'rio grande'

O cotejo entre os contóides bilabiais oclusivo [b] e semivogal [w], que são semelhantes na sonoridade (sonoras) e no ponto de articulação (bilabiais), mostra uma função diferenciada destes fones na sílaba. O oclusivo ocupa a posição de aclive silábico, enquanto o semivogal trava a sílaba. Devido à maleabilidade fronteira própria do fone semivogal, fica difícil caracterizá-lo, em sílaba medial, como iniciador ou finalizador de sílaba. O que firma a interpretação do fone [w] como travador silábico é sua ocorrência em sílaba final de palavra ou antecedendo contóides como nas palavras [diw'^všĩ], 'bicho' e [pĩ'taw], 'asa'.

Há registro do oclusivo [b] formando sílaba com os vocóides [ɨ], [o], [a], [i], [u]. Se o [b] inicia uma sílaba, não-inicial de palavra, sua realização está condicionada à nasalização da vogal que lhe antecede.

Quanto ao [w], vem como travador da sílaba 'CVC', seguindo os vocóides [ɨ], [i], [a], [ã]. Excetuando as diferentes funções silábicas exercidas pelo fone semivogal [w] e oclusivo [b], verifica-se uma correspondência no uso de alguns vocóides, em relação aos fones em discussão.

Colocam-se duas hipóteses interpretativas no cotejo desses contóides:

1) A interpretação de que o [w] é um dos alofones da vogal posterior alta /u/, em ambiente assilábico, se assemelha à realização do [y] como um dos alofones da vogal anterior alta

/i/ (p. 67). O fonema /u/ se realiza de três maneiras:

[w] travador silábico.

/u/[o] em flutuação com [u].

[u] demais ambientes.

2) A leitura do [w] como alofone em distribuição complementar da oclusiva bilabial /b/, em ambiente de travamento silábico, não se respalda nas ocorrências das demais consoantes oclusivas.

Diante dessas evidências, considera-se mais coerente interpretar o semivogal como uma das possibilidades alofônicas da vogal /u/ (foi necessário, para esclarecer esta questão, antecipar o assunto vogais, discutido nas p.71-87.

Dada a ambivalência de seus traços de vogal e consoante e de potencialmente poder exercer uma ou outra função, resolve-se, diante do exposto, assegurar a postura êmica do fone oclusivo [b], o /b/, e a postura ética do fone semivogal [w], lembrando que estes dois fones não constituem parte de um mesmo fonema.

	oclusivo bilabial	b
	fricativo lábio-dental	v

[b] Início de sílaba, inicial de palavra

- (102) [b̥i'hi] 'mão'
 (103) ['b̥iy] 'sentir TNR'
 (104) [boʃki'te] 'pedra'
 (105) [ba'ka] 'rato'
 (106) ['bay] 'terra'

[v] Início de sílaba, inicial de palavra

- (107) [vi'tʃi] 'pele'
 (108) ['vʌtsa] 'o outro'
 (109) [va'ka] 'água'

[b] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (110) [i'bi] 'sangue'
 (111) [yã'b̥i] 'noite'
 (112) [sã'bu] 'besouro'
 (113) [iũ'ba] 'peixe'

[v] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (114) [aĩ'v̥i] 'mulher'
 (115) [awav̥i'da] 'borboleta'
 (116) [ʃa'va] 'dia'

O confronto entre o oclusivo bilabial [b] e fricativo lábio-dental [v], que têm em comum serem sonoras e envolverem o lábio como ponto de articulação, fica logo resolvido pela

presença do par mínimo:

(105) [ba'ka] 'rato'

(109) [va'ka] 'água'

que mostra a comutação de um fone pelo outro, resultando em um novo signo.

Além do par mínimo, há ambientes análogos onde [b] e [v] vêm seguidos dos vocóides [ɨ], [a]:

(102) [bɨ'hi] 'mão'

(108) ['vɨtsa] 'o outro'

(111) [yã'bɨ] 'noite'

(114) [aĩ'vɨ] 'mulher'

(113) [iũ'ba] 'peixe'

(116) [ʲsa'va] 'dia'

Conclui-se que a oclusiva [b] e fricativa [v] estão em oposição, sendo portanto os fonemas /b/ e /v/.

fricativos	lábio-dental	glotal
	v	h
[v] Início de sílaba e de palavra		
(117) ['vɨ]	'cabelo'	
(118) ['vɨtsa]	'o outro'; 'ele'	
(119) [vɨ'de]	'sobrinho'	
(120) [vũ'da]	'nova'	
(121) [vi'ta ^v si]	'perna'	
(122) [vi't ^v si]	'pele'	
(123) [va'ka]	'água'	
(124) [vay'nāma]	'roça'	
[h] Início de sílaba e de palavra		
(125) [hɨ'tsa]	'o outro'; 'ele'	
(126) [hutu ^v 'ta]	'o bem curta'	
(127) ['hoto]	'curta'	
(128) ['ho]	'cabelo'	
[v] Início de sílaba, não-inicial de palavra		
(129) [aĩ'vɨ]	'mulher'	
(130) [awavĩda]	'borboleta'	
(131) [sã ^v 'va]	'dia'	
[h] Início de sílaba, não-inicial de palavra		
(132) [bɨ'hi]	'mão'	
(133) [ãdi'hɨ]	'velho'	
(134) [vaki'hɨ]	'menino'	
(135) [ayhɨ'da]	'da mulher'	

(136) [aĩ'hu] 'mulher'

(137) [da'rã ba'hi] 'hoje'

[h] Em travamento silábico

(138) ['diri'ɦ] 'entra sim'

Os contóides [v] e [h] são fricativos e se diferenciam no ponto de articulação (um é lábio-dental, o outro glotal) e sonoridade (um é sonoro, o outro surdo). Apesar das diferenças, faz-se necessário o confronto entre ambos, por haver palavras que variam na realização desses fones. Caso das palavras:

(117) - (128) ['vi] - ['ho] 'cabelo'

(118) - (125) ['vĩtsa] - ['hĩtsa] 'o outro'; 'ele'

(129) - (136) [aĩ'vɦ] - [aĩ'hu] 'mulher'

A flutuação entre os fones [v] e [h] nos dados não acarreta mudança de significado. Não havendo um ambiente fonético condicionado para realização de um ou outro, estabelece-se que há alofonia livre ou flutuação entre eles.

O contóide [v] se realiza com os vocóides altos [ĩ], [ũ], [i] e baixo [a], em início de sílaba e de palavra. E em início de sílaba, não-inicial de palavra, há dados da realização de [v] com os vocóides [ĩ], [ũ], [a].

Quanto ao fone [h], sua realização na sílaba precede os vocóides altos [ĩ], [u] e o médio [o], na sílaba 'CV', inicial de palavra. Na sílaba final, há registro de [h] seguido dos vocóides altos [i], [ĩ], [u] e na sílaba medial com [ɦ].

Os fricativos lábio-dental [v] e glotal [h], mesmo se envolvendo no processo de alofonia livre, mantêm posturas diferentes como consoantes: ambos ocupam a posição de aclave silábico, em sílaba inicial ou não de palavra, mas a glotal tem ainda a função de travador silábico. Não houve, no entanto, ocorrência em Arara do contóide [v] nessa posição. Quanto ao [h] travando sílaba, registra-se apenas no morfe 'ih', que se apresenta em um único exemplo (discutido nas Considerações Finais). Segundo a pesquisa de Santos (1992), a língua da mesma família, Poyanáwa, realiza o [h] em travamento silábico. Respaldando-se nesse uso, é provável que esse fone possa ocupar (ou ter ocupado mais efetivamente) a posição de declive silábico na língua Arara.

O processo de alofonia livre é bastante discutível. Optou-se por esta interpretação pela falta de evidências que permitissem uma conclusão mais precisa sobre os registros alofônicos entre [v] e [h], tendo em vista que a análise, no momento, é fonético-fonológica. Kindell (1977:58) denomina de variantes livres "Aqueles alofones cuja diferença fonética não corresponde nem aos ambientes nem às posições em que ocorrem os alofones".

Apesar de participarem do processo de flutuação entre si, os fricativos [v] e [h] têm postura de consoantes /v/ e /h/.

oclusivos alveolares	surda	sonora
	t	d
[t] Início de sílaba e de palavra		
(139)	[tia ^V 'su]	'veado'
(140)	[ti ^V 'sa]	'suja'
(141)	[ti ^V 'si]	'preto'
(142)	[taka'ra]	'galinha'
(143)	['taɨ]	'pé'
(144)	[te ^V 'su]	'pescoço'
[d] Início de sílaba e de palavra		
(145)	['dĩbora]	'no mato'
(146)	[duãne'pa]	'está amolado'
(147)	[du'ra]	'índio'
(148)	['day]	'céu'
(149)	[do'pɨ]	'faca'
(150)	[dokohwã'de]	'homem'
[t] Início de sílaba, não-inicial de palavra		
(151)	[šo ^V 'ti]	'peito'
(152)	[vi ^V 'ti]	'um'
(153)	[kĩ'tĩ]	'panela'
(154)	[sɨ ^V 'ta]	'dente'
(155)	[hi'ta ^V si]	'perna'
(156)	[pɨ'taw]	'asa'
(157)	[ti ^V 'sa]	'suja'

(158)	[yã'tã]	'garra'
(159)	[ũ'te]	'coração'
(160)	[boški'te]	'pedra'
(161)	[voša'te]	'terçado'

[d] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(162)	['šĩdi]	'sol'
(163)	[ã'da]	'língua'
(164)	[ĩ'da]	'rabo'
(165)	[mã'da]	'magro'
(166)	[dokohwã'de]	'homem'
(167)	[rũ'do]	'cobra'
(168)	[ĩ'do]	'onça'

Na comparação entre os oclusivos alveolares surdo [t] e sonoro [d], verifica-se que há semelhanças em seus ambientes de ocorrência; ambos se realizam em início de sílaba, inicial de palavra com os vocóides baixo [a], como nas palavras ['day]'céu' e ['taš]'pê'; e posterior medial[o], como em ['toro]'redonda' e [do'pĩ]'faca'. Em início de sílaba não-inicial de palavra, ambos ocorrem com os vocóides central baixo [a] por exemplo, [šĩ'ta]'dente' e [ã'da]'língua'; com o vocóide anterior alto[i], caso dos dados [šo'ti]'peito' e ['šĩdi]'sol'; e antecedendo o vocóide anterior médio[e], em [voša'te]'terçado' e [dokohwã'de]'homem'.

O cotejo demonstra a distinção dos contóides [t] e [d] e ratifica o condicionamento da oclusiva sonora [d], quando ocorre em sílaba não-inicial de palavra, já comentado (p.26).

Interpreta-se como fonemas distintos as consoantes oclusivas alveolares surda /t/ e sonora /d/.

	alveolares
oclusivo	t
fricativo	s

[t] Início de sílaba e de palavra

(169) ['taɨ] 'pé'

(170) [taka'ra] 'galinha'

[s] Início de sílaba e de palavra

(171) [saɨ'a] 'vestir TR'

(172) ['sapa 'sapa'ti] 'bola feita de palha de milho'

[t] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(173) [kĩ'tĩ] 'panela'

(174) [ʃɨ'ta] 'dente'

[s] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(175) [ĩ'sĩ] 'dor'

(176) [re'sĩ] 'corda'

(177) [de'sa] 'tartaruginha'

(178) ['pãsa] 'lavar TR'

No cotejo entre os fones [t] e [s], que têm em comum serem alveolares e surdos, e que se distinguem pelo modo de articulação (oclusivo e fricativo, respectivamente), foram sele

cionados dados nos quais esses contóides aparecem com a mesma distribuição e em ambientes análogos: em início de sílaba e de palavra, ambos ocorrem com o vocóide [a] seguido do vocóide [ɨ] (exemplificando: ['taɨ] e [saɨ'a]) e em início de sílaba não-inicial de palavra vêm contíguos ao vocóide [ĩ], nos dados [kĩ'tĩ] e [ĩ'sĩ] e formando sílaba com o vocóide [a], caso dos dados [ṽsi'ta] e [de'sa]. Ao demonstrar que estão em oposição, estabelecem-se como os fonemas /t/ e /s/.

	alveolares
oclusivo	t
africado	ts

[t] Início de sílaba e de palavra

- (179) [t̥i'r̥i] 'redondo'
 (180) [te'ʃ̥i] 'pescoço'
 (181) [tete'põ] 'gavião'
 (182) ['tḁi] 'pé'
 (183) [taka'ra] 'galinha'
 (184) [tāb̥iy'a] 'aspecto AR'

[ts] Início de sílaba e de palavra

- (185) [tsi'b̥i] 'cipó'
 (186) ['mā'ʃ̥awā'tsaiki] 'vocês vão falar Arara'

[t] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (187) [ʃ̥u'ti] 'peito'
 (188) [b̥i'tiʃ̥] 'unha'
 (189) [iʃ̥'ti] 'estrela'
 (190) ['r̥iti] 'matar TNR'
 (191) [atũ'da] 'poss. de 3ª p.s.'
 (192) [ũy'te] 'coração'
 (193) [di'te] 'caminho'
 (194) [a'to] 'barriga'
 (195) [ʃ̥i'ta] 'dente'
 (196) [p̥i'taw] 'asa'

[ts] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(197) ['uy'batsi] 'a chuva é fria'

(198) [a'tsa] 'mandioca'

Os contóides [t] e [ts] compartilham o mesmo ponto de articulação (alveolares) e sonoridade (surdas), além disso todo africado (caso do [ts]) resulta da produção de um fone que tem traços oclusivo e fricativo. No cotejo entre esses fones, observa-se que [t] forma sílaba inicial de palavra com os vocóides [ɨ], [e], [a], [ã] e sílaba não-inicial com os vocóides [i], [ĩ], [ɨ], [ũ], [e], [o], [a]. Quanto ao [ts], realiza-se em sílaba 'CV' em início de palavra junto aos vocóides [ĩ] e [a], e em sílaba final de palavra precedendo os vocóides [i] e [a].

Ao analisar apenas a posição de sílaba e seus formadores, verifica-se que [t] e [ts] ocorrem no mesmo ambiente. Assim:

(186) ['tsaĩki] 'vão falar'

(183) [taka'ra] 'galinha'

(187) [ʒu'ti] 'peito'

(197) ['batsi] 'frio'

Partindo do cotejo de suas realizações nas palavras, conclui-se que os contóides alveolares oclusivo [t] e africado [ts] são os fonemas /t/ e /ts/.

oclusivo alveolar	t
africado palatal	t ^v s

[t] Início de sílaba e de palavra

- (199) ['tɪrɪ] 'redondo'
 (200) [tɪ^v'sɪ'pa] 'preto'
 (201) [te^v'sɪ] 'pescoço'
 (202) [tete'põ] 'gavião'
 (203) ['taɪ] 'pé'
 (204) [tãbɪy'a] 'aspecto AR'

[t^vs] Início de sílaba e de palavra

- (205) [t^vsi'i] 'fogo'
 (206) [t^vsi't^vsi] 'avó'
 (207) ['t^vsay] 'longe'
 (208) [t^vsa'^vsu] 'veado'
 (209) [t^vsa'ta] 'avô'

[t] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (210) [pi'ti] 'comida'
 (211) [šo'ti] 'peito'
 (212) ['ištɪ] 'estrela'
 (213) ['rɪtɪi] 'matar TNR'
 (214) [hutuš^v'ta] 'bem curto'
 (215) [atũ'da] 'poss. de 3ª p.s.'
 (216) [pɪ'taw] 'asa'

[t^Vš] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(217)	[pi't ^V ši]	'costas'
(218)	[vi't ^V ši]	'pele'
(219)	[va't ^V ši]	'ovo'
(220)	[i't ^V šui]	'correr TNR'
(221)	[pitšābiy'a]	'cozinhada'

O cotejo entre o oclusivo [t] e o africado [t^Vš] se faz considerando que um africado resulta da junção do modo oclusivo mais o fricativo, ou seja, o traço de oclusão é o elo de semelhança entre oclusivos e africanos. Os fones em confronto também compartilham do traço não-sonoro.

A ocorrência de [t] e [t^Vš] observada nos dados:

(203)	['taɪ]	'pé'
(207)	['t ^V šay]	'longe'
(210)	[pi'ti]	'comida'
(218)	[vi't ^V ši]	'pele'
(217)	[pi't ^V ši]	'costas'
(210)	[pi'ti]	'comida'

revela uma ambientação muito próxima, sílabas iniciais de palavras formadas pelos fones [t] e [t^Vš], seguidos do vocóide baixo [a]; ou sílabas finais de palavras formadas por [t] e [t^Vš] seguidos pelo vocóide alto [i]. Estas realizações excluem a possibilidade de distribuição complementar entre o oclusivo alveolar [t] e o africado palatal [t^Vš]; além do par mínimo que determina bem a distinção entre esses dois fones.

O grau de aproximação entre oclusivo e africado é o que provavelmente facilita a troca de um pelo outro, como acontece na produção da palavra referente à comida:

(222) [pi'ti] 'comida'

(223) [pi'tʃi] 'comida'

A flutuação é uma conseqüência natural em ambos.

Por não se ter verificado que os dois fones estão em distribuição complementar e tendo em vista que a alofonia apresentada não invalida a postura êmica dos fones em cotejo, consideram-se consoantes, em Arara, a oclusiva /t/ e africada /tʃ/

Embora o [tʃ] tenha se caracterizado como fonema no cotejo com o [t], poderia-se questionar, ainda, que ao invés de um fone africado o [tʃ] poderia ser desmembrado: o [t] estaria ocupando a posição de travador silábico da sílaba antecedente ao [ʃ]. Tal hipótese, no entanto, se descarta porque nenhuma das oclusivas, na língua Arara, aparece em travamento silábico.

Outra hipótese para realização do [tʃ] seria a de que ele faz parte da sílaba 'CCV' (ocupando as primeiras posições), como exemplificariam os dados: [vi'tʃi]'pele', [tʃi'i]'fogo'. Este tipo de sílaba (v. p. 93) eticamente ocorre com os contôides [ʃ] ou [w]; para tais ocorrências foram dadas interpretações fonéticas, que tornam a sílaba 'CCV' uma expressão ética e não êmica em Arara.

Diante do exposto ratifica-se a postura fonêmica de /tʃ/ que, por se tratar de um conjunto unitário, e não de um grupo consonantal, passa a ser transcrito fonemicamente com um único símbolo /ç/.

oclusivos alveolares	oral	nasal
	d	n

[d] Início de sílaba e de palavra

(224)	['day]	'céu'
(225)	[daw'a]	'homem branco'
(226)	[da'ka]	'morder TR'
(227)	[datiã'ba]	'há muito tempo'
(228)	['di]	'mato'
(229)	['dĩbira]	'no mato'
(230)	[du'ra]	'índio'
(231)	[dukũ'da]	'nossa'
(232)	[do'pĩ]	'faca'
(233)	[dokuhuã'de]	'homem'

[n] Início de sílaba e de palavra

(234)	[nã'bi]	'carne'
(235)	[nãda'pa]	'verde'; 'azul'
(236)	[nã'du]	'aqui'
(237)	[nĩ]	'nós'
(238)	['ĩ'nĩpĩ' ^V satea]	'eu cortei a mim mesmo com a faca'

[d] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(239)	[ã'da]	'língua'
(240)	[ĩ'da]	'rabo'
(241)	[awavĩ'da]	'borboleta'
(242)	[šã' ^V di]	'sol'
(243)	[pã'di]	'rede'

(244)	[iĩ'da]	'meu'
(245)	[mĩ'da]	'teu'
(246)	[da'u sã' <u>de</u>]	'capoeira'
(247)	[vĩ'de]	'primo'
(248)	[rĩ'dĩ]	'cobra'
(249)	[ĩ'du]	'onça'

[n] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(250)	[vĩ ^V 'na]	'fino'
(251)	[atsa'nāma]	'roçado de mandioca'
(252)	[vay'nāma]	'roçado em geral'
(253)	[u ^V sini'pa]	'vermelho'
(254)	[s ^V inini'pa]	'verde'
(255)	[cayni'pa]	'comprida'
(256)	[da'rã ba'hi ipã' nĩño u ^V sa'i]	'hoje eu durmo na rede'

O oclusivo oral [d] tem semelhança de ocorrência com seu homorgânico nasal, ao vir em sílaba não-inicial de palavra seguido dos vocóides [a], [i]; tais realizações descartam a alofonia em distribuição complementar. Observando-se os dados:

(232)	['dopĩ]	'faca'
(238)	['t̃ 'nĩpĩ 'sateal eu faca cortar TR	'eu cortei a mim mesmo com a faca'
(243)	[pã'di]	'rede'
(256)	[da'rã ba'hi pã'nĩño hoje rede u ^V sa'i] dormir TNR	'hoje eu durmo na rede'
(257)	[rĩ'dĩ]	'cobra'

(257) ['kâma 'rēni 'dakay ' kay]
 cachorro cobra morder TNR ir TNR
 'o cachorro vai morder a cobra'

Percebe-se que o [d] em contexto frasal, provavelmente em conseqüência da velocidade de fala, pode ser percebido foneticamente como o oclusivo nasal [n]. Não se estabelece, no entanto, uma alofonia sistemática entre ambos.

Verifica-se que o oclusivo alveolar oral [d] está ocorrendo no ambiente semelhante ao do oclusivo bilabial oral [b], já descrito anteriormente (v. p. 25, 42). Ou seja, o [d], em ambiente não-inicial de palavra, tem sua realização condicionada à pré-realização de um vocóide nasal.

O oclusivo alveolar nasal, no entanto, ocorre tanto em ambientes precedidos por vocóide nasal como oral.

Interpreta-se que os oclusivos alveolares oral [d] e nasal [n] estão em oposição na língua, sendo portanto os fonemas /d/ e /n/.

	alveolares
oclusivo	d
vibrante	r

[d] Início de sílaba e de palavra

(258)	['dĩbora]	'no mato'
(259)	['di]	'mato'
(260)	[du'ra]	'índio'
(261)	[do'pɨ]	'faca'
(262)	['day]	'céu'

[r] Início de sílaba e de palavra

(263)	[ri'ɨ]	'flauta'
(264)	[rĩ'kĩ]	'nariz'
(265)	[rɨ'dɨ]	'cobra'
(266)	['rĩtea]	'matar TR'
(267)	['ravɨi]	'dois'

[d] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(268)	[sã ^v 'di]	'sol'
(269)	[rɨ'dɨ]	'cobra'
(270)	[vɨ'de]	'primo'
(271)	[ĩ'do]	'onça'
(272)	[ĩ'da]	'rabo'

[r] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(273)	[vɨ'rɨ]	'olho'
(274)	['toro]	'redondo'

- (275) ['šara] 'bom'; 'bonito'
 (276) ['kura] 'seringueira'

O confronto entre os fones oclusivo[d] e vibrante [r] que têm em comum serem sonoros e alveolares, demonstram que ambos se realizam em sílaba inicial de palavra com os vocóides [i], [ĩ] e [a], e em sílaba não-inicial de palavra com os vocóides [ɨ], [o] e [a]; tais realizações indicam sua ocorrência em ambientes análogos. Exemplificam bem os dados:

- (265) [rɨ'dɨ] 'cobra'
 (273) [vɨ'rɨ] 'olho'
 (259) ['di] 'mato'
 (263) [ri'ɨ] 'flauta'

Fica demonstrado, portanto, que os contóides [d] e [r] são os fonemas distintos /d/ e /r/.

	alveolares
fricativo	s
africado	ts

[s] Início de sílaba e de palavra

- (277) [sĩ'bu] 'cipó'
 (278) [sapa'sapa'ti] 'bola feita de palha de milho'
 (279) [saĩ'a] 'vestir TR'

[ts] Início de sílaba e de palavra

- (280) [tsĩ'bi] 'cipó'
 (281) ['mã'sawã'tsaĩki] 'vocês vão falar Arara'

[s] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (282) [va'si] 'intensificador verbal'
 (283) [re'sĩ] 'corda'
 (284) [ĩ'sĩ] 'dor'
 (285) [pasĩi^v'ta] 'estreito'
 (286) [ki'rĩsi] 'forte'
 (287) [i'su] 'macaco prego'
 (288) ['pãsa] 'lavar TR'
 (289) [de'sa] 'tartaruginha'

[ts] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (290) ['uy'batsi] 'a chuva é fria'
 (291) [a'tsa] 'mandioca'

Apesar de haver flutuação entre os alveolares surdos, fricativo[s] e africado[ts], no exemplo a seguir:

(280)	[tsĩ' bĩ]	'cipô'
(277)	[sĩ' bu']	'cipô'

esses fones também ocorrem em ambientes análogos, demonstrando que estão em oposição:

(288)	['pasa]	'lavar TNR'
(291)	[a'tsa']	'mandioca'
(282)	[va'si]	'intensificador verbal'
(290)	['batsi]	'frio'

Independente de sua posição na palavra, o fricativo se realiza, baseando-se nos dados, com os vocóides [ĩ],[i],[a],[ĩ], [u] e o africado com os vocóides altos nasal [ĩ] e oral [i] e o baixo [a]. O número restrito de dados com o contóide [ts], e de sua eventual flutuação, não estabelecem, no entanto, que [ts] seja alofone de [s]. A flutuação registrada provavelmente ocorre por haver características comuns a ambos (os traços: não-sonoro e mais-fricativo). Portanto, [ts] e [s] não se constituem uma realização de um mesmo fonema, mas fonemas distintos /ts/ e /s/.

A transcrição fonêmica da africada passa a ser /ç/ por se verificar que se trata de um conjunto unitário e não de um grupo de consoantes, a exemplo do /ç/ (v.p.49).

fricativos	alveolar	palatal
	s	^v s

[s] Início de sílaba e de palavra

- (292) ['sapa'sapa'ti] 'bola feita de palha de milho'
 (293) [saɨ'a] 'vestir TR'

[^vs] Início de sílaba e de palavra

- (294) [^vʃɨ'ta] 'dente'; 'bico'
 (295) [^vʃɨ'ki] 'milho'
 (296) ['^vʃɨdi] 'sol'
 (297) [^vʃunu'a] 'samauma'
 (298) [^vʃũ'ba] 'seio'
 (299) [^vʃo'ti] 'peito'
 (300) [^vʃa'o] 'osso'
 (301) [^vʃaw'ã] 'arara'
 (302) [^vʃto'ko] 'macaco'

[s] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (303) ['vasi] 'intensificador verbal'
 (304) [re'sɨ] 'corda'
 (305) [ɨ'sɨ] 'dor'
 (306) [pasɨ^vʃ'ta] 'estreito'
 (307) [kɨ'rɨsɨ] 'forte'

[^vs] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (308) [ki'^vʃi] 'perna'

(309)	[diw' ^V šĩ]	'bicho'
(310)	[ɨ' ^V šɨ]	'semente'
(311)	['aš ^V ta]	'boca'
(312)	[Ca' ^V su]	'veado'
(313)	[pɨ' ^V se]	'casa'
(314)	[ša' ^V so]	'canoa'
(315)	[daš ^V awa'tã]	'ontem'
(316)	['kɨš ^V ae]	'bater TNR'

[^Vš] Em travamento silábico

(317)	[boš ^V ki'te]	'pedra'
(318)	[tɨš ^V 'ta]	'suja'
(319)	[iš ^V 'ta]	'diminutivo'
(320)	['viš ^V ti]	'um'
(321)	[bɨ'tiš ^V]	'unha'
(322)	['piš ^V ki]	'novo'

Os fricativos alveolar [s] e palatal [^Vš], fones semelhantes quanto ao modo de articulação (fricativos) e sonoridade (surdos) e ainda de articulação muito próximo (alveolar e palatal), se realizam em sílabas inicial, medial e final de palavras. Há registros de dados nos quais [s] e [^Vš] vêm igualmente formando sílaba com os vocóides [a], [i], [ĩ], [ɨ], demonstrando não estarem em distribuição complementar. Também não foram registrados dados com variação fonética entre eles.

O palatal [^Vš], além de ocupar a posição de aclave na sílaba, funciona como travador silábico, posição esta não

ocupada pelo fone [s].

Tem-se, em Arara, as consoantes fricativas alveolar /s/ e palatal /š/.^V

É possível que o contóide africado [tš]^V (v.p.47-49) esteja em alofonia com o fricativo palatal [š]^V, pois ambos compartilham do mesmo ponto de articulação e são surdos.

Cotejando os dados:

- | | | |
|-------|-------------------------------------|----------|
| (323) | [ˈpatš ^V o] | 'orelha' |
| (324) | [š ^V aˈš ^V o] | 'canoa' |
| (325) | [piˈtš ^V i] | 'costas' |
| (326) | [viˈtaš ^V i] | 'perna' |

observa-se que [tš]^V e [š]^V ocorrem em ambientes semelhantes, seguidos dos vocóides [o] e [i] e em sílabas finais de palavras; descarta-se, assim, que estejam em distribuição complementar; também não houve registro de flutuação entre eles. Estabelece-se, assim, que a relação entre estes contóides é de oposição. O fricativo e o africado palatais, respectivamente /š/^V e /č/^V, são fonemas.

africados	alveolar	palatal
	ts	t ^V s
[ts] Início de sílaba e de palavra		
(327) [tsĩ'bɨ]	'cipó'	
(328) ['mã 'sawã 't ^V saiki]	'vocês vão falar Arara'	
[t ^V s] Início de sílaba e de palavra		
(329) [t ^V si'i]	'fogo'	
(330) ['t ^V say]	'longe'	
[ts] Início de sílaba, não-inicial de palavra		
(331) ['uy 'batsi]	'a chuva é fria'	
(332) [a'tsa]	'mandioca'	
[t ^V s] Início de sílaba, não-inicial de palavra		
(333) [va't ^V si]	'ovo'	
(334) [pi't ^V si]	'costas'	
(335) [i't ^V sui]	'correr TNR'	
(336) [pit ^V sãbiy'a]	'cozinha da'	

O cotejo entre os fones [ts] e [t^Vs] se faz, considerando que ambos são sons africados e surdos, distinguindo-se apenas o ponto de articulação, visto que [ts] é alveolar e [t^Vs] palatal.

Os dados cotejados revelam um ambiente comum na realização desses fones. Ambos ocorrem em sílaba inicial de palavra acompanhados do vocóide[a], e dos vocóides da mesma altura

[i] e [ĩ], que se diferenciam apenas pelo traço de nasalidade, como no caso dos dados:

(328)	['tʃaĩki]	'falar Fut.'
(330)	['tʃ ^V say]	'longe'
(327)	[tʃĩ'bɨ]	'cipó'
(329)	[tʃ ^V si'i]	'fogo'

Da mesma forma esses fones se apresentam em sílaba não-inicial de palavra, onde [tʃ] e [tʃ^V] vêm seguidos dos segmentos silábicos [i], [a] e [ã], como exemplificam os dados:

(331)	['batsi]	'frio'
(334)	[pi'tʃ ^V si]	'costas'
(332)	[a'tʃa]	'mandioca'
(336)	[pitʃ ^V abiy'a]	'cozinhada'

O último par mostra um ambiente que se diferencia pela posição da sílaba (uma é final, a outra medial) e pela nasalidade da vogal; tal distribuição e ambiente, no entanto, não interferem na interpretação de que [tʃ] e [tʃ^V] estão em oposição um ao outro, tendo conseqüentemente postura de fonemas: /tʃ/ e /tʃ^V/ ou, como já ficaram determinados: /ç/ e /ç^V/.

	alveolares
lateral	l
vibrante	r

[r] Início de sílaba e de palavra

- (337) [ri'ɿ] 'flauta'
 (338) [rĩ'kĩ] 'nariz'
 (339) ['rɿtea] 'matar TR'
 (340) [rɿ'dɿ] 'cobra'
 (341) ['ravɿi] 'dois'

[l] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (342) [ĩnaw'ã taka'la pi'a] "a onça comeu a galinha"

[r] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (343) [vɿ'rɿ] 'olho'
 (344) ['tɿrɿ] 'redondo'
 (345) [du'ra] 'índio'
 (346) [ˈsara] 'bom'; 'bonito'

O contóide[l] se encontra num único enunciado [taka'la], palavra referente à 'galinha', que também foneticamente se produz [taka'ra]. Os dados demonstram que o contóide [r] se realiza contíguo a vocóides orais e nasais, em início de sílaba inicial ou não de palavra.

Diante das ocorrências apresentadas, interpreta-se que o lateral[l] é um alofone esporádico da consoante /r/, possivelmente condicionado à velocidade de fala. A produção de [taka'la] se fez num contexto frasal [naw'ã taka'la pi'a], cuja realização se diferencia da produção de palavra isolada. Assim, [r] e [l] estão em flutuação, constituindo-se em um fonema, /r/.

nasais	alveolar	palatal
	n	ñ

[n] Início de sílaba e de palavra

(347) ['nɛ]	'nós'
(348) [nã'bi]	'carne'
(349) [nã'du]	'aqui'

[n] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(350) [tʃayni ^v 'pa]	'comprido'
(351) [ʃinini ^v 'pa]	'verde'
(352) [uã'nĩ]	'ali'
(353) [atsa'nãma]	'roçado de mandioca'
(354) [ipã'nĩño]	'rede'

[ñ] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(355) ['aũñi]	'prima'
(356) [epã'nĩño]	'rede'
(357) [pũ'ñã]	'braço'

O cotejo entre os nasais alveolar [n] e palatal [ñ] evidencia que o fone alveolar tem uma distribuição mais ampla, em sílaba inicial ou não de palavra, enquanto o palatal só se realiza em sílaba final de palavra. Estas ocorrências não demonstram, no entanto, o processo de distribuição complementar entre esses fones, pois ambos ocorrem em ambiente análogo:

- (352) [uã'nĩ] 'ali'
(355) ['aũñi] 'prima'

Além da correspondência na distribuição da palavra, formam sílaba com os mesmos vocóides [i], [ã].

A distribuição do fone [ñ] será analisada no cotejo do [ñ] com o semivocóide [y] (p. 65-67).

Estabelece-se, no confronto entre o alveolar [n] e o palatal [ñ], que o nasal alveolar é um fonema. Confirma-se, por outro lado, o [ñ] como alofone em distribuição complementar do fonema vocálico /i/ (p.65-67).

	palatais
nasal	ñ
semivogal	y

[y] Início de sílaba e de palavra

- (358) [ya'ĩ^Všĩ] 'tatu'
 (359) ['yãbĩ] 'noite'

[ñ] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (360) ['aũñi] 'prima'
 (361) [epã'nĩño] 'rede'
 (362) [pũ'nã] 'braço'

[y] Em travamento silábico

- (363) ['pĩy] 'pena'
 (364) ['kiĩy] 'cantar TNR'
 (365) ['tšiy^V] 'fogo'
 (366) [ũy'a] 'ver TR'
 (367) ['kũy] 'nuvem'
 (368) ['bay] 'terra'
 (369) [šĩbay'a^V] 'moça'
 (370) [çayni'pa^V] 'comprido'

O semivogal [y] se realiza em início de sílaba e de palavra seguido dos vocóides [a] e [ã], e não aparece iniciando sílaba medial ou final de palavra. Sua outra posição é de travador silábico, neste caso vem precedido dos vocóides [ĩ], [i], [ũ], [a] em palavra monossílaba ou em sílaba inicial, medial ou

finalizadora de palavra.

O contóide [ñ] inicia sílaba final de palavra, com os vocóides [i], [o], [ã], ou seja, fones alto, médio e baixo. Observa-se, nos dados, que o [ñ] sempre vem precedido de vocóide nasal; no entanto, o mesmo não acontece na realização do [y].

As palavras registradas como monossílabas ou cuja sílaba final termina por [y] determinam bem a postura desse fone como assilábico.

No caso da língua Arara, além do cotejo com o vocóide anterior alto [i] (a ser discutido no item sílaba, p. 90-92), o semivogal [y] é cotejado com o contóide nasal palatal [ñ], cuja realização se evidencia condicionada ao ambiente precedido por vocóide nasal.

Os dados

(362) [pũ'ñã] 'braço'

(366) [ũy'a] 'ver TR'

mostram os fones em cotejo em ambientes análogos: antecédidos do vocóide nasal [ũ] e seguidos dos vocóides de mesma altura, que se diferenciam apenas pelo traço de nasalidade, [a] e [ã]. O semivogal no contexto da palavra [ũy'a], apesar do corte silábico baseado no acento, está numa posição difícil de ser demarcada: pode ser interpretado como declive de uma sílaba anterior ou aclave da sílaba seguinte. Por esse motivo faz-se a seguinte observação: devido à maleabilidade fronteira do semivogal, sugere-se uma realização hipotética da palavra referente ao verbo [ũy'a], 'ver' em TR, como *[ũ'ñã]. Esta hipótese se baseia na

interpretação de que o [y], se ao invés de travador silábico, viesse em posição de aclave da sílaba seguinte, se realizaria [ñ].

A posição intervocálica nasal, favorece a ocorrência do [ñ] na palavra [pũ'nã], 'braço', que numa realização hipotética poderia ser *[pũy'ã], se a produção fonética, em Arara, não privilegiasse a realização do [ñ] em ambiente contíguo (ou mais precisamente antecedido) a vocóides nasais. Entretanto, não foi encontrado nos dados nenhum caso dessa natureza.

No cotejo entre [ñ] e [y], decide-se que a posição de consoante assilábica, em Arara, é ocupada mais amplamente pelo semivogal [y], sendo o nasal palatal [ñ] um dos alofones cuja distribuição complementar, de acordo com os dados, se faz em sílaba final de palavra antecedido de vocóide nasal.

Apesar de demonstrar, no cotejo com [ñ], uma distribuição mais ampla na palavra, o semivogal [y] não será interpretado como fonema, pois embora seja o momento do confronto entre contóides, faz-se necessário trazer à discussão, tendo em vista as características dos semivogais, a alofonia da vogal anterior alta /i/, que será discutida também no item sílaba (v.p. 90-92).

Há quatro alofones para a vogal anterior alta /i/.

[y] em ambiente assilábico.

/i/ [ñ] como aclave de sílaba final de palavra, antecedido por vogal nasal.

[e] em flutuação com [i], em ápice silábico, em sílaba 'cv'.

[i] nos demais ambientes.

Portanto, o contóide nasal [ñ] e o semivogal [y] não se estabelecem como fonemas, e sim como alofones do fonema vocálico /i/.

	velar	glotal
oclusivo	k	
fricativo		h

[k] Início de sílaba e de palavra

(371)	[kĩ'tĩ]	'panela'
(372)	['kiɨy]	'cantar TNR'
(373)	[ku'rã]	'seringueira'
(374)	[ku'ʂa]	'bater TR'
(375)	[kũy]	'nuvem'
(376)	[ka'pɨ]	'jacaré'
(377)	[kãmã]	'cachorro'
(378)	[kã'kiʂi]	'veado'

[h] Início de sílaba e de palavra

(379)	['ho]	'cabelo'
(380)	[hutuʂ'ta]	'bem curta'
(381)	[hɨ'tsa]	'o outro'; 'ele'

[k] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(382)	[kã'kiʂi]	'veado'
(383)	[vaki'hɨ]	'menino'
(384)	[ʂɨ'ki]	'milho'
(385)	[ʂtɨ'kɨ]	'macaco'
(386)	[dɨ'kĩ]	'nós'
(387)	[dokuhu'ãde]	'homem'
(388)	[taka'ra]	'galinha'
(389)	['ʂaka]	'casca'
(390)	[va'ka]	'água'

[h] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(391)	[bɨ'hi]	'mão'
(392)	[vaki'hɨ]	'menino'
(393)	[ãdi'hɨ]	'velho'
(394)	[aĩ'hu]	'mulher'
(395)	[ayhĩ'da]	'da mulher'

Tanto o contóide [k] como o [h] não têm, em Arara, fones cujo modo e ponto de articulação sejam bastante próximos, embora ambos sejam surdos. Sendo um oclusivo e o outro fricativo, um velar e o outro glotal, respectivamente, faz-se o cotejo entre eles considerando-se as realizações fonéticas diversas que os falantes das línguas podem fazer.

As palavras [vaki'hɨ] e [dokuhu'ãde] registram a ocorrência dos fones [k] e [h], inclusive seguido do mesmo vocóide, no caso, [u], e o par de ambiente análogo [ʎɨ'ki] 'milho' e [bɨ'hi] 'mão' demonstram que esses fones não estão em distribuição complementar.

Os contóides [k] e [h] participam de sílabas em início e meio de palavra. O oclusivo precede os vocóides [ĩ], [i], [u], [ũ], [a], [ã], [ɨ], [ɛ] e o fricativo, os vocóides [o], [u], [ɨ], [i], [ɛ]. Com base nas ocorrências destes contóides nos dados, conclui-se que são fonemas distintos o fricativo glotal /h/ e o oclusivo velar /k/.

QUADRO FONOLÓGICO

CONSOANTES

	bilabiais	lábio-dentais	alveolares	palatais	velares	glotais
oclusivas	b'p		t d		k	
fricativas		v	s	ʃ ç		h
africadas			ʧ	ç		
vibrantes			r			
nasais	m		n			

1.2. Segmentos Vocálicos

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE VOGAIS

As línguas Pano estudadas (Abreu, 1941; Barros, 1987; Aguiar, 1988; Santos, 1992) registram fonologicamente quatro segmentos vocálicos quanto à altura da língua em relação ao palato, devido a uma maior ou menor abertura da boca: três altos /i/, /ɨ/, /u/ e um baixo /a/; e quanto à postura do corpo da língua: um anterior /i/, dois centrais /ɨ/, /a/ e um posterior e arredondado /u/; havendo a mesma distribuição para os segmentos nasais.

Na língua Katukina (Pano) estudada por Barros (1987), por exemplo, existe uma alofonia vocálica com uma ambientação específica para sua ocorrência. "Em Katukina, é possível ampla variação entre os sons médios e altos, alofones dos fonemas posterior e anterior. Essa variação é ampla, mas não é livre, pois alguns princípios regem a combinação destes elementos" (1987: 51). O processo de harmonia vocálica, a preferência por vogais mais abertas em sílabas tônicas são mecanismos da língua Katukina que possibilitam a visão do funcionamento e delimitação dos sons vocálicos.

A língua Arara, no entanto, não manifesta em sua distribuição vocálica combinações sistematizadas para suas variantes silábicas. A análise leva à interpretação de que [i], [e] e [u], [o] são alofones livres do fonema anterior /i/ e do posterior /u/.

— SEGMENTOS VOCÁLICOS

As vogais se caracterizam por serem sons produzidos sem que haja interrupção, na passagem pelo trato vocal, da corrente de ar que vem dos pulmões e por exercerem a função de ápice silábico.

Foram registrados vocóides orais e nasais. A diferença entre estes sons silábicos é que os primeiros têm como ressonador a cavidade bucal, enquanto os últimos utilizam, para ressonância, além da cavidade bucal, as fossas nasais.

Os sons silábicos orais, em Arara, são sete:

	anterior	central	posterior
alto	i	ɨ	u
médio	e	ə	o
baixo		a	

São sete, também, os silábicos nasais.

	anterior	central	posterior
alto	ĩ	ɨ̃	ũ
médio	ẽ	ə̃	õ
baixo		ã	

VOCÓIDES ORAIS

[a] Início de sílaba e de palavra

(396)	['a ^v ʃia]	'boca'
(397)	[a'tsa]	'mandioca'
(398)	[aĩ'vɨ]	'mulher'
(399)	[aw'a]	'anta'
(400)	['ato]	'barriga'
(401)	['a ^v ʃoθ]	'boca'

[a] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(402)	[aw'a]	'anta'
(403)	[pi'a]	'flecha'
(404)	[iwa'pa]	'grande'
(405)	[ʃiw'a]	'gordo'
(406)	[mãni'a]	'banana'

[a] Em ocorrência com diversos contóides

(407)	[pa'tʃu]	'orelha'
(408)	[ba'ka]	'rato'
(409)	['tari]	'roupa'
(410)	['ʃara]	'bom'
(411)	[va'ka]	'água'
(412)	[aw'a]	'anta'
(413)	['bay]	'terra'
(414)	['tʃay]	'longe'
(415)	[ã'da]	'língua'
(416)	[a'tsa]	'mandioca'

- (417) ['sapa 'sapa 'ti] 'bola'
 (418) [vay'nãma] 'roçado'
 (419) [ma'tũ] 'poss. de 3ª p.pl'.

Fazendo um levantamento das ocorrências, constata-se que o [a] é fonema: inicia palavra, forma sílaba do tipo 'V' e vem contíguo a segmentos assilábicos oclusivo; fricativo; africado; vibrante; nasal e semivogal, ou seja, forma sílaba com segmentos de diversos modos de articulação. Além de vir em sílaba inicial, medial e final de palavra.

Com base na análise dos dados, há o segmento silábico central baixo [a] como fonema /a/ que eventualmente, em contexto de sílaba final, formada só de segmento silábico, pode ser realizado como central médio [ə], um alofone posicional de /a/, como se verifica no par de palavras.

- (396) ['a^Vʃia] 'boca'
 (401) ['asoə] 'boca'

[i] Início de sílaba e de palavra

- (420) [iũ'ba] 'peixe'
 (421) [iw'i] 'pau'
 (422) ['i^Vstĩ] 'estrela'
 (423) [iwita'po] 'raiz'
 (424) [i'ĩ] 'meu'

[i] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (425) [iw'i] 'pau'
 (426) [u'i] 'chuva'

(427)	['ravɨi]	'dois'
(428)	[çi'ɨ]	'fogo'
(429)	[tʃa'ɨ]	'longe'

[i] Em ocorrência com os diversos contóides

(430)	[pi'tʃi]	'costas'
(431)	[vi'bi]	'fruta'
(432)	[viʃ'ti]	'um'
(433)	[pã'di]	'rede'
(434)	[va'ki]	'filho'
(435)	[ba'ʃi]	'areia'
(436)	[hi'taʃi]	'perna'
(437)	[bɨ'hi]	'mão'
(438)	[mãni'a]	'banana'
(439)	[mi'a]	'pronome de 2º p.s. em função de objeto'
(440)	['tʃiy]	'fogo'

[e] Em ocorrência com diversos contóides

(441)	[tete'põ]	'gavião'
(442)	[te'ʃɨ]	'pescoço'
(443)	[di'te]	'caminho'
(444)	[dokohu'ãde]	'homem'
(445)	[ã'de]	'mel'
(446)	[pɨ'ʃe]	'casa'
(447)	[pã'ʃe]	'amarelo'
(448)	[re'sĩ]	'corda'
(449)	[duãne'pa]	'amolado'

Os vocóides orais anteriores alto [i] e médio [e] são interpretados como segmentos em flutuação. O vocóide [e] não se firma como fonema, sua distribuição é restrita, em sílaba 'CV'. A posição de consoante é ocupada, de acordo com os dados, pelos contóides oclusivos [t], [d]; fricativo [s^V]; vibrante [r] e nasal [n].

O vocóide anterior alto [i] se estabelece como o fonema /i/. Ele inicia sílaba e palavra; integra as sílabas 'V', 'CV', 'CVC', 'VC', o que não acontece com [e], embora ambos ocorram em ambientes semelhantes:

(433) [pã'di] 'rede'

(445) [ã'de] 'mel'

Tal realização descarta a possibilidade de distribuição complementar entre esses dois vocóides anteriores, que se diferenciam pela altura da língua em relação ao palato.

O segmento silábico anterior alto é, portanto, interpretado como o fonema /i/, e o anterior médio [e] como um alofone com o qual flutua (ver sobre demais alofones do /i/ nas p. 67, 91, 92).

[u] Início de sílaba e de palavra

(450) [u'a] 'flor'

(451) [u'i] 'chuva'

(452) [uša'i] 'dormir TNR'

[u] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(453) [bauhɨ'tsa] 'bicho de caça'

[u] Em ocorrência com diversos contôides

(454)	[t ^v ʂa'puy]	'estragada'
(455)	['dĩbura]	'no mato'
(456)	[tu'a]	'quem'
(457)	[ĩ'du]	'onça'
(458)	[duĩ'da]	'pássaro'
(459)	[dokuhu'ãde]	'homem'
(460)	[ʂto'ku]	'macaco'
(461)	[ãy'vu]	'mulher'
(462)	[ʂuʂu'i]	'brincar TNR'
(463)	[t ^v ʂa'ʂu]	'veado'
(464)	[pat ^v ʂu]	'orelha'

[o] Início de sílaba e de palavra

(465)	[oʂ ^v ĩ'pa]	'cor branca'
-------	------------------------	--------------

[o] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(466)	[ʂa'o]	'osso'
-------	--------	--------

[o] Em ocorrência com diversos contôides

(467)	[ba'po]	'cabeça'
(468)	[sã'bo]	'besouro'
(469)	[boʂki'te]	'pedra'
(470)	[ʂto'ko]	'macaco'
(471)	[a'to]	'barriga'
(472)	[dokohu'ãde]	'homem'
(473)	[voʂa'te]	'terçado'
(474)	['ʂoy]	'assado'
(475)	[ʂow'a]	'gordo'

- (476) ['ho] 'cabelo'
 (477) ['pat^Vso] 'orelha'
 (478) ['toro] 'redondo'

Quanto aos segmentos silábicos posteriores arredondados alto [u] e o médio [o], constata-se que ambos iniciam palavra; constituem sílaba dos tipos 'V', 'CVC', 'CV', cuja posição de consoante é ocupada pelos fones [p], [b], [t], [d], [k], [v], [š], [h]; inclusive em ambientes análogos:

- (467) [ba'po] 'cabeça'
 (454) [tša'^Vpuy] 'estragada'
 (477) [pa'tš^Vo] 'orelha'
 (463) [tša'^Vsu] 'veado'

Registra-se que os vocóides posteriores alto e médio estão em flutuação:

- (472) [dokohu'ãde] 'homem'
 (459) [dokuhu'ãde] 'homem'
 (477) [pa'tš^Vo] 'orelha'
 (464) [pa'tš^Vu] 'orelha'
 (460) [što'^Vku] 'macaco'
 (470) [što'^Vko] 'macaco'

Com base no resultado da análise feita para os segmentos silábicos anteriores alto e médio e também nos estudos de outras línguas Pano, Katukina, Poyanāwa e Kaxinawā, que têm quatro vogais orais e quatro nasais, interpreta-se como fonema o segmento silábico posterior alto /u/ e o vocóide posterior

médio [o] como um de seus alofones em flutuação (ver demais alofones de /u/ nas p. 34, 35, 92).

A escolha dos fones altos [i] e [u], como segmentos silábicos ênicos /i/ e /u/ se baseia no fato de que, não havendo oposição distintiva quanto à altura entre vocóides médios e altos, é mais natural a escolha do fone mais alto para representar o fonema.

[ɨ] Início de sílaba e de palavra

(479) [ɨ^V'sɨ] 'semente'; 'lua'

(480) [ɨ'pa] 'pai'

[ɨ] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(481) ['taɨ] 'pé'

(482) [ri'ɨ] 'flauta'

(483) [iɨ'a] 'mãe'

[ɨ] Em ocorrência com diversos contóides

(484) [pɨ^V'se] 'casa'

(485) [ka'pɨ] 'jacaré'

(486) [bɨ'hi] 'mão'

(487) [tɨ^V'ta] 'suja'

(488) [s^Vtɨ'kɨ] 'macaco'

(489) [dɨ'kɨ] 'pron. de 1ª p.pl. (objeto)'

(490) ['ravɨi] 'dois'

(491) ['vɨ] 'cabelo'

(492) [s^Vɨ'ki] 'milho'

(493) ['a^Vɨa] 'boca'

(494) [ãdi'hɨ] 'velho'

O vocóide central alto [ɨ] faz parte emicamente da língua, inclusive porque é um segmento inexistente em português, língua envolvente que se tornou de uso cotidiano para os Arara. De qualquer modo ele apresenta uma distribuição ampla na palavra: realiza-se em sílabas inicial, medial e final; compõe as sílabas 'V', 'CV', 'CCV', 'CVC'; distribui-se com os contóides [p], [b], [t], [d], [k], [v], [ʃ̥], [h].

Percebe-se a interferência do português na produção dos vocóides da língua Arara, na flutuação que ocorre com o segmento silábico /ɨ/. Sendo ele um vocóide central, alto, distinto dos encontrados em português, há uma tendência em produzi-lo como [u], [o], [e].

Foram registrados os seguintes dados:

(495)	['a ^V soa]	'boca'
(496)	['a ^V ʃia]	'boca'
(497)	[aĩ'vɨ]	'mulher'
(498)	[aĩ'ho]	'mulher'
(499)	[aĩ'vu]	'mulher'
(500)	[ʃa' ^V ʃo]	'canao'
(501)	[ʃa' ^V ʃɨ]	'canao'
(502)	[te' ^V ʃɨ]	'pescoço'
(503)	[te' ^V ʃu]	'pescoço'

Constata-se que está havendo uma modificação da vogal central alta não arredondada para a posterior arredondada e esta, passando a ser posterior, entra em flutuação com [o] ou [u]; é o que exemplificam os dados acima.

O fonema central /ɨ/ também flutua com o vocóide anterior [e]:

(504)	[dɔ'pɨ]	'faca'
(505)	[dɔ'pe]	'faca'
(506)	[ɨ'ʂ ^V ɨ]	'lua'
(507)	[ɨ'ʂ ^V e]	'lua'
(508)	[pɨ'ʂ ^V ɨ]	'casa'
(509)	[pɨ'ʂ ^V e]	'casa'

A flutuação da vogal central alta com o vocóide anterior médio [e], e não com o anterior alto [i], reforça o argumento de que a língua Arara não distingue a altura dos fonemas anteriores e posteriores.

Assim, os sete vocóides orais do Arara ficam reduzidos às seguintes vogais:

QUADRO FONOLÓGICO DAS VOGAIS ORAIS

	anterior	central	posterior
alto	i	ɨ	u
baixo		a	

VOCÓIDES NASAIS

Verificar-se-á através da distribuição se há, em Arara, vogais nasais ou nasalizados. Câmara Jr. (1988) acredita que tal distinção deva ser estabelecida na constituição da sílaba. Será uma vogal nasal se o ambiente em que ela ocorrer não for propício à nasalização. A interpretação de uma vogal nasalizada levará em consideração o traço de nasalidade da vogal condicionado pela presença de consoantes nasais.

[ã] Início de sílaba e de palavra

- | | | |
|-------|----------|----------|
| (510) | [ã'da] | 'língua' |
| (511) | [ãdi'hɨ] | 'velho' |
| (512) | [ã'de] | 'mel' |

[ã] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- | | | |
|-------|--------------|--------------|
| (513) | [šaw'ã] | 'arara' |
| (514) | [vãkãw'ã] | 'rio grande' |
| (515) | [dokuhu'ãde] | 'homem' |
| (516) | [uã'nĩ] | 'ali' |
| (517) | [iõta'paki] | 'de tarde' |

[ã] Em ocorrência com diversos contóides

- | | | |
|-------|-------------|---------------------|
| (518) | [iwa'pãba] | 'pequeno' |
| (519) | [dašawa'tã] | 'ontem' |
| (520) | [vãkãw'ã] | 'rio grande' |
| (521) | [šã'di] | 'sol' |
| (522) | ['rãna] | 'quatro' |
| (523) | ['mã] | 'pron. de 2ª p.pl.' |

- (524) [mãni'a] 'banana'
 (525) [nã'du] 'aqui'
 (526) [pũ'ñã] 'braço'

Os dados apresentados demonstram que há vogal nasal em Arara; sua ocorrência não é consequência da proximidade com contóides nasais, nem antecedente às oclusivas [b] e [d], que em posição não-inicial de palavra precisam, para sua realização, de vocóides nasais (v.p.25-26, 29-30, 42).

A vogal central baixa [ã] tem uma variante, o [õ], em contexto de sílaba 'v'; tal realização se deve ao processo natural de levantamento da vogal central quando nasal.

O fonema oral central baixo /a/ também tem, como uma das variantes, o vocóide central médio; ambos alofones, [ə] e [õ] realizam-se em sílaba 'v'.

Toma-se como fonema central, baixo, nasal o /ã/ e como um de seus alofones o [õ], que é produzido eventualmente, de acordo com os dados, em sílaba formada só de segmento silábico.

[ĩ] Início de sílaba e de palavra

- (527) [ĩ'bi] 'sangue'
 (528) [ĩ'du] 'onça'
 (529) [ĩ'kũ] 'é verdade'

[ĩ] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (530) [aĩ'vɨ] 'mulher'
 (531) [duĩ'da] 'pássaro'

[ĩ] Em ocorrência com diversos contóides

(532)	[kĩ'tĩ]	'panela'
(533)	['dĩbura]	'no mato'
(534)	[rĩ'kĩ]	'nariz'
(535)	[re'sĩ]	'corda'
(536)	[diw'šĩ]	'bicho'
(537)	[vĩ'bi]	'fruta'
(538)	['mĩ]	'pron. de 2ª p.s.'
(539)	[iš'tĩ]	'estrela'

[ẽ] Em ocorrência com diversos contóides

(540)	[iš'tẽ]	'estrela'
(541)	[kĩ'tẽ]	'panela'

Por sua realização não estar condicionada a ambientes de consoantes nasais ou oclusivas (cujo condicionamento já foi comentado), estabelece-se a postura êmica do contóide nasal anterior alto [ĩ], inclusive em relação a seu alofone, o vocóide anterior médio [ẽ].

O [ĩ] se distribui em sílabas 'V' e 'CV', enquanto o [ẽ] só ocorre em sílaba 'CV', inclusive em dados que foneticamente estão variando entre [ĩ] e [ẽ]:

(539) - (540)	[iš'tĩ] - [iš'tẽ]	'estrela'
(532) - (541)	[kĩ'tĩ] - [kĩ'tẽ]	'panela'

O vocóide nasal anterior médio mostra-se sem autonomia e é interpretado como uma realização livre da vogal nasal anterior alta /ĩ/.

[ũ] Início de sílaba e de palavra

- (542) [ũ'te] 'coração'
 (543) [ũ'du] 'porco'
 (544) [ũy'a] 'ver TR'

[ũ] Início de sílaba, não-inicial de palavra

- (545) [i'ũba] 'peixe'

[ũ] Em ocorrência com diversos contóides

- (546) [ba'tũ] 'pron. de 2ª p.pl. (objeto)'
 (547) [ĩ'kũ] 'é verdade'
 (548) [šũbay'a] 'moça'
 (549) [vũ'da] 'nova'
 (550) [pũ'nã] 'braço'

[õ] Em ocorrência com contóide

- (551) [tete'põ] 'gavião'

A realização do vocóide nasal posterior alto [ũ], em sílaba 'CV' final de palavra, e em um ambiente não favorável à nasalização, permite interpretá-lo como uma vogal nasal /ũ/; sendo o [õ] seu alofone foneticamente livre.

O dado [tete'põ], 'gavião', é bem demonstrativo da harmonização vocálica a ser comentada (v.p.87-88). Harmoniza-se a altura dos vocóides, no caso, os médios anterior [e] e posterior [õ].

[ĩ] Início de sílaba e de palavra

- (552) [ĩ] 'pron. de 1ª p.s.'

[ɨ] Início de sílaba, não-inicial de palavra

(553) [i'ɨ] 'poss. de 1ª p.s.'

[ɨ] Em ocorrência com diversos contóides

(554) [kɨ'bu] 'saliva'

(555) [dɨ'kɨ] 'pron. de 1ª p.pl.(objeto)'

(556) [awavɨ'da] 'borboleta'

(557) [vɨ'de] 'primo'

(558) ['^Vsɨdi] 'sol'

(559) [rɨ'dɨ] 'cobra'

(560) ['nɨ] 'pron. de 1ª p.pl.'

O vocóide nasal central alto [ɨ] exemplifica bem a nasalidade em Arara, pois ele, além de ser a representação de um vocóide nasal, é um morfema livre, marcador de 1ª pessoa do singular. Firma-se, portanto, como vogal /ɨ/.

No cotejo fonético-fonológico entre consoantes, foi observado que as consoantes oclusivas sonoras /b/ e /d/, quando não funcionam como aclave de sílaba inicial de palavra, têm suas realizações condicionadas a um ambiente precedido por vocóide nasal (v.p. 25-26, 29-30, 42).

Como os vocóides e vogais nasais ocorrem independentes de contóides e consoantes nasais e das oclusivas sonoras /b/ e /d/, no ambiente já descrito, evidenciam-se como vogais nasais e não nasalizadas.

Com base nos dados analisados, afirma-se que há, em Arara, oito segmentos silábicos; quatro orais e quatro nasais.

Havendo ou não o abaixamento do véu palatino, os fonemas são centrais baixos /a/, /ã/; anteriores altos /i/, /ĩ/; posteriores altos /u/, /ũ/ e centrais altos /ɨ/, /ɛ̃/.

QUADRO FONOLÓGICO DAS VOGAIS NASAIS

	anterior	central	posterior
alto	ĩ	ɨ	ũ
baixo		ã	

— HARMONIA VOCÁLICA

Observa-se, em Arara, uma forte tendência à harmonização vocálica. Os dados:

(561)	[ˈtoro]	'redondo'
(562)	[ʃ ^v toˈko]	'macaco'
(563)	[ʃ ^v unuˈa]	'samauma'
(564)	[piˈtʃ ^v i]	'costas'
(565)	[viʃ ^v ˈti]	'um'
(566)	[boʃ ^v kiˈte]	'pedra'
(567)	[kĩˈtē]	'panela'
(568)	[kĩˈtĩ]	'panela'
(569)	[reˈsĩ]	'corda'
(570)	[diˈte]	'caminho'
(571)	[ʃ ^v tɨˈkɨ]	'macaco'
(572)	[rɨˈdɨ]	'cobra'
(573)	[vɨˈde]	'primo'

permitem sugerir que a língua Arara tende ao processo de harmonia

vocálica. Embora haja dados que enfraqueçam esta premissa, como [dokohu'ãde]'homem', [di'te]'caminho', [kĩ'tē]'panela', pode-se pensar numa preferência, e não no uso sistemático de harmonizar a altura dos segmentos silábicos.

Não se pode afirmar se essa assimilação é progressiva ou regressiva. O primeiro tipo caracteriza-se pela influência da qualidade do vocóide da sílaba anterior na realização do vocóide da sílaba subsequente. No segundo tipo a harmonização é inversa, ou seja, o vocóide da sílaba posterior é que modifica a realização do segmento silábico antecedente.

1.3. Sílaba

Objetivando-se registrar os padrões silábicos da língua Arara, a sílaba será estudada sob o critério funcional, focalizando os fones que a compõem, em posição de aclave, ápice e declive.

Os fones semivogais dificultam o estabelecimento do padrão silábico, tendo em vista sua maleabilidade fronteiriça, ao se querer segmentar uma palavra, sobretudo em posição de travamento silábico, não final de palavra. Diante de tal dificuldade serão tomados como referentes as sílabas formadas por consoantes (que não as semivogais) e sua posição na palavra, bem como o acento de intensidade, por ser um índice de delimitação silábica.

As sílabas serão observadas com base na transcrição fonética e fonológica, mas os padrões silábicos serão iden-

tificados a partir da análise fonológica.

Foram encontradas as seguintes sílabas: 'CV', 'V', 'CVC', 'VC', 'CCV', que serão examinadas aqui; marca-se C₁ e C₂ somente as consoantes que precedem ou sigam V, respectivamente, ou que lhe antecedam.

Sílaba 'CV':

(574)	[a'tsa]	'mandioca'	/aça/
(575)	['bapo]	'cabeça'	/bapu/
(576)	[^V ṣ̌i'ta]	'dente'	/ ^V ṣ̌ita/
(577)	['takara]	'galinha'	/takara/
(578)	[va'ka]	'água'	/vaka/
(579)	[o ^V ṣ̌i'pa]	'cor branca'	/u ^V ṣ̌ipa/
(580)	[kã'mã]	'cachorro'	/kãmã/
(581)	['i ^V štē]	'estrela'	/i ^V štī/
(582)	[p̣i ^V se]	'casa'	/p̣i ^V ṣ̌i/
(583)	[te ^V šu]	'pescoço'	/ti ^V šu/
(584)	['yãbo]	'noite'	/iãbu/
(585)	[yã'tã]	'garra'	/iãtã/
(586)	[ya'ṣ̌i ^V]	'tatu'	/ia ^V ṣ̌i/

A postura de sílaba 'CV' se mantém a nível fonético e fonológico, tomando-se como parâmetro os contóides que se estabelecem como consoantes, o que não é o caso dos fones semivogais [y] e [w] que são realizados éticas correspondentes às vogais /i/ e /u/, respectivamente.

Há dados com o semivogal palatal [y] na sílaba fonética 'CV'. O [w] não foi registrado em tal formação silábica.

Sílaba 'V':

(587)	[ã'da]	'língua'	/ãda/
(588)	[ĩ'pa]	'pai'	/ĩpa/
(589)	['ato]	'barriga'	/atu/
(590)	[pi'a]	'flecha'	/pia/
(591)	[ĩ ^V ĩ]	'semente'	/ĩ ^V ĩ/
(592)	[it ^V Ca'pa]	'pluralizador'	/i ^V Ca'pa/
(593)	[iĩ'a]	'mãe'	/iia/
(594)	['taĩ]	'pé'	/taĩ/
(595)	[š ^V a'o]	'osso'	/š ^V au/
(596)	[ĩ'do]	'onça'	/ĩdu/
(597)	[ĩ'da]	'rabo'	/ĩda/

A sílaba 'V' não oferece nenhuma dificuldade para se estabelecer como padrão: mesmo no caso de ocorrência alofônica da vogal posterior, o [o], ela compõe a sílaba 'V'.

Sílaba C₁VC₂:

(598)	[pĩy]	'pena'	/pĩi/
(599)	[tš ^V a'puy]	'estragada'	/č ^V apui/
(600)	['day]	'céu'	/dai/
(601)	['bay]	'terra'	/bai/
(602)	[ra'vĩy]	'dois'	/ravĩi/
(603)	[pĩ'taw]	'asa'	/pĩtau/
(604)	[š ^V aw'ã]	'arara'	/š ^V auã/
(605)	[vakāw'ã]	'rio'	/vakāuã/
(606)	[tĩš ^V 'ta]	'suja'	/tĩš ^V ta/
(607)	['boš ^V kite]	'pedra'	/buš ^V kiti/

A sílaba padrão 'CVC' é assegurada pela ocorrência êmica da consoante /s/, em posição C₂, tendo em vista que os demais fones ocupantes desta posição são os éticos [y] e [w].

Os dados fonéticos com os semivogais em posição de final de sílaba e de palavra deixam bem evidente a postura desses fones como segmentos assilábicos.

Quando o semivogal vem em sílaba medial de palavra, fica difícil interpretá-lo como finalizador de sílaba ou iniciante da sílaba seguinte, como acontece nos dados [^Vsaw'ã] e [vãkãw'ã]. Mesmo havendo o corte silábico com base na acentuação, a definição da fronteira entre sílabas deste tipo não deixa de ser dúbia. A resolução do impasse só se resolve teoricamente (v.p.34).

Os semivogais [y] e [w] são emicamente interpretados como alofones das vogais anterior alta /i/ e posterior alta /u/, respectivamente, visto que são realizações assilábicas destas vogais.

Verifica-se a correspondência alofônica de /i/, o [y], nas realizações:

(608) ['bay]	'terra'
(609) [ba'i]	'terra'
(610) [^V çiy]	'fogo'
(611) [^V çi'i]	'fogo'
(612) ['uy]	'chuva'
(613) [u'i]	'chuva'

O semivogal [y] tende a transformar a sílaba 'V' em

'CVC' ou 'VC', o que é bastante natural, se o /i/ se realiza [y] (v. sílaba 'VC').

Foram registrados também pares de palavras com variação entre [w] e [o], alofones do fonema /u/:

(614)	[a ^V su'a]	'boca'
(615)	[a' ^V swa]	'boca'
(616)	[' ^V saw]	'osso'
(617)	[^V sa'o]	'osso'

Um deles, aliás, apresenta-se em palavra cuja sílaba é 'CCV', e no outro registram-se as ocorrências alofônicas de /u/, o [o] e o [w]. A utilização de tais dados neste momento deve-se à necessidade de finalizar a discussão sobre o caráter ético das vogais como consoantes.

Se o /i/ pode ser realizado [y] e o [u] pode se realizar [w], sem que tal mudança altere o significado do par de palavras, fica demonstrada a alofonia entre os fones cotejados.

As palavras [tɨ^V'ta], 'suja', e [boški'te], 'pedra', poderiam ter o seguinte corte silábico, respectivamente: 'CV. CCV' e 'CV. CCV. CV'. A sílaba 'CCV' composta de fricativa e oclusiva não se mantém como padrão (v. sílaba 'CCV'). A consoante /š^V/ firma sua posição de travador silábico e assegura a postura êmica da sílaba 'CVC'.

Sílaba 'VC':

(618)	[aw'a]	'anta'	/aua/
(619)	[awviã'de]	'marido'	/auviãdi/

(620)	[iw'i]	'pau'	/iui/
(621)	[ũy'a]	'viu'	/ũia/
(622)	['i ^V stĩ]	'estrela'	/i ^V stĩ/
(623)	['uy]	'chuva'	/ui/

As vogais /i/ e /u/, quando não participam do núcleo silábico [y] e [w], são bem produtivas de mutações dos padrões silábicos. Esta possibilidade de realização também se faz presente na sílaba 'CV', cuja construção é mais realizável com os semivogais do que com a consoante /š/ (questão quantitativa); no entanto, é esse segmento que assegura a postura fonológica da sílaba 'VC'.

Sílaba 'CCV':

(624)	[š ^V to'ko]	'macaco'	/i ^V štuku/
(625)	[dokohwã'de]	'homem'	/dukuhuãdi/
(626)	['aš ^V wa]	'boca'	/aš ^V ua/

A sílaba 'CCV' não é interpretada como padrão silábico em Arara. Apesar de haver dados deste tipo de sílaba, em transcrição fonética, é dada uma outra interpretação no nível fonológico.

O corte silábico da palavra [š^Vto'ko] se distribui em 'CCV.CV', no entanto, há outra interpretação para a distribuição silábica neste caso:

— O que foneticamente foi percebido como 'CCV', na palavra [š^Vto'ko], pode ser interpretado como 'VC.CV'.

- Estabelece-se que a vogal /i/ se dissonoriza pela assimilação regressiva do traço não-sonoro da consoante seguinte.

- Ao adquirir o traço de não-sonora e tendo em comum, com a consoante adjacente, o palato como ponto de articulação (de aproximação para o segmento silábico e de toque para o assilábico) torna-se tão idêntica que resulta num único segmento.

Quanto à sílaba 'CCV' das palavras [dokohwã'de]'homem' e ['a^Vswa]'boca', interpreta-se a segunda consoante como uma produção alofônica da vogal /u/, pois essas palavras também foram registradas:

- (627) ['a^Vsoa] 'boca'
 (628) [dokuhuã'de] 'homem'

Tem-se a sílaba 'CCV' agora distribuída em 'CV.V', que inclusive são duas sílabas já confirmadas como padrão.

Os segmentos assilábicos que funcionam como travados silábicos, em 'CVC' e 'VC', são 'w', 'y', 'S'. Até a sílaba ética 'CCV' tem como um dos fones a formar a sílaba o semivogal [w] e a palatal /S/.

Os padrões silábicos, em Arara, são, portanto, 'CV', 'V', 'CVC' e 'VC'. Por ocorrer só foneticamente, exclui-se a sílaba 'CCV'. Kindell (1977) comenta sobre a falta de correspondência, possível numa língua, entre as sílabas éticas e êmicas sobretudo por causa das funções distintivas de alguns contóides e vocóides.

1.4. Acento

Segundo Lopes (1979), o acento diz respeito ao destaque de uma sílaba numa palavra, sendo sua realização a nível sintagmático e de valor contrastivo.

A acentuação, na língua Arara, é livre e sua ocorrência não se dá fixamente em uma determinada sílaba.

Barros (1987), analisando o acento da língua Katuki_i na (Pano), estabelece-o como fixo. Para tratar do acento, enfocou basicamente raízes formadas por duas sílabas, sendo a última a acentuada. Em palavras formadas por três sílabas, foi registrada uma oscilação no esquema acentual, indo o acento para a penúltima ou antepenúltima sílaba; esta ocorrência foi interpretada como resultante da velocidade de fala e estilo. Barros registrou também palavras de quatro sílabas, sendo a última e antepenúltima acentuadas; tal fato indicou-lhe que eram palavras fonéticas constituídas de dois morfemas, ratificando sua leitura do acento, em Katukina, como fixo na última sílaba da palavra.

A referência à língua Katukina vem como um subsídio à apresentação do acento fixo como sendo uma possibilidade êmica de uma língua, sem impossibilitar a realização ética do acento livre.

A língua Arara, mesmo em palavras dissílabas e pronunciadas isoladamente, não tem preferência por uma acentuação na última sílaba, ela varia constantemente:

(629) ['bapo] 'cabeça'

(630)	[ã'da]	'língua'
(631)	['a ^V soa]	'boca'
(632)	['kãmã]	'cachorro'
(633)	['kãmã ku' ^V sa]	'ele bateu no cachorro'
(634)	[taka'ra]	'galinha'
(635)	[sã'bo]	'besouro'
(636)	[sã'bo ^V šini'pa]	'besouro amarelo'
(637)	[va'ka]	'água'
(638)	['vaka 'kaya]	'água do rio'
(639)	[ĩ'kapĩ 'ritĩi 'biš ^V]	'eu mato jacaré sempre'
(640)	[ka'pĩ]	'jacaré'

Tem-se acima, palavras de duas e três sílabas, acentuadas ou não, na última, penúltima ou antepenúltima sílaba. A acentuação é tão livre que não influencia o fato da palavra vir em contexto frasal ou isoladamente, para que seu acento mude ou permaneça na mesma sílaba.

1.5. Duração

Foram registradas vogais alongadas em Arara:

(641)	['vĩ:]	'vento'
(642)	['ç ^V i:]	'fogo'

Há duas interpretações prováveis para essa duração:

— Segundo Kindell (1977), a intensidade dada a um som ou seqüência de sons colabora na sua duração. Como nos dados obtidos há palavras foneticamente monossilábicas, é possível

que o alongamento vocálico seja conseqüência dessa realização.

- A outra interpretação pode ser resultante de sílabas adjacentes que têm em sua fronteira (final de uma e inicial de outra; ambas âpices silábicos) vogais idênticas. Como há os padrões 'CV' e 'V', e onde 'V' é a mesma vogal, houve supressão de sílaba, pela assimilação total de traços ou crase. O processo de assimilação foi apreendido no alongamento dado à vogal. Tanto é assim que a palavra referente a fogo teve também os seguintes registros:

- | | | |
|-------|-----------------------|--------|
| (643) | [tʃi ^V 'i] | 'fogo' |
| (644) | ['tʃiy] | 'fogo' |

Toma-se o alongamento como uma realização fonética marcadora de crase entre vogais de sílabas adjacentes.

Capítulo II

MORFOLOGIA

— Considerações Preliminares Sobre a Morfologia do Nome

Segundo Robins (1981), morfema é a unidade gramatical mínima, ou seja, é a menor redução lingüística a que se pode chegar a nível gramatical. Uma palavra pode se compor de um único morfema, mas nem todo morfema se estabelece como palavra.

A morfologia nominal da língua Arara revela a realização de palavras formadas por um só morfema raiz (a forma básica) ou por mais de um morfema. Há na língua morfemas livres, presos e dependentes.

O morfema livre basta por si só, não necessitando de outros para determinar-lhe o sentido; enquanto o morfema preso tem sua existência efetiva, a nível de uso, atrelada a outro(s) morfema(s). Em Arara, o representante nominal das formas presas é o genitivo {-ia}.

Chamam-se partículas, na língua em estudo, os morfemas que Câmara Jr. (1988) denomina morfemas dependentes, caracterizam-se por seu sentido puramente gramatical e por se realizarem

com certa independência posicional em relação ao seu referente. Apesar de sua independência enquanto palavra, tendem a se aglutinar aos termos aos quais se referem, formando o chamado vocábulo fonético (v.p.19). A morfologia nominal do Arara apresenta, nessas condições, o morfema diminutivo {i^Vsta}, o locativo {b^Vira}, o pluralizador nominal {i^Vcapa} e o {ba}. Eles ajudam a construir novas unidades semânticas por derivação.

2.1. Morfologia do Nome

Tomando como referência o sintagma nominal, passa-se a examinar seu núcleo, a raiz, que apreende o significado nominal.

NOME — SUBSTANTIVO

Os substantivos, que nomeiam os seres, se realizam como morfemas livres, não apresentando flexão:

(1) /di/	'mato'
(2) /pa ^V cu/	'orelha'
(3) /š ^V i ^V di/	'sol'
(4) /š ^V ava/	'dia'
(5) /vi ^V ci/	'pele'
(6) /p ^V i/	'pena'
(7) /baka/	'rato'
(8) /iūba/	'peixe'
(9) /i ^V štī/	'estrela'
(10) /dai/	'céu'
(11) /vībi/	'fruta'

NOME - ADJETIVO

Os adjetivos também se realizam como morfemas livres e nocionalmente qualificam ou descrevem os seres.

- | | | |
|------|-----------------------|-----------------------------|
| (12) | /tírĩ/ | 'redondo' |
| (13) | /čapui/ | 'estragado' |
| (14) | /tĩ ^v sta/ | 'sujo' |
| (15) | /baçi/ | 'fria' |
| (16) | /šĩua/ | 'gordo' |
| (17) | /šara/ | 'bom'; 'bonito'; 'gostoso'. |
| (18) | /vũda/ | 'nova' |

{-ia} MORFEMA GENITIVO

O morfema genitivo {-ia} se prende à classe nominal; o sintagma nominal, de acordo com os dados, se compõe de substantivos, numerais e negação, formando uma unidade semântica. O genitivo acrescenta à palavra a qual se liga a noção de possuído ou enfatiza sua existência de ser ou objeto.

- | | | |
|------|---|----------------------------|
| (19) | /štukĩ ĩda - ia/
macaco rabo dele | 'o macaco tem rabo' |
| (20) | /kãmã ĩda - ia/
cachorro rabo dele | 'o cachorro tem rabo' |
| (21) | /aĩvu takara - ia/
mulher galinha dela | 'a mulher tem uma galinha' |
| (22) | /aua vaki - ia/
anta filhote dela | 'a anta tem um filhote' |
| (23) | /di bĩra ua - ia/
mato loc.flor mesmo | 'no mato tem flor' |
| (24) | /mĩ vači ravii - ia/
teu ovo dois teu | 'você tem dois ovos' |

- (25) /nĩ piti vi^Vsti ba - ia/ 'nós não temos comida'
 nossa comida uma não nossa

{ba} MORFEMA DE NEGAÇÃO

Uma possibilidade de ampliar os qualificadores, em Arara, é acrescentar-lhe, em posição conseqüente à raiz adjetiva, o morfema de negação {ba}.

Cotejando os dados:

- | | |
|-------------------------------|----------------------------|
| (26) /ba/ | 'não' |
| (27) /iuapa/ | 'grande' |
| (28) /iuapa ba/ | 'pequeno' |
| (29) /vi ^V sti/ | 'um' |
| (30) /vi ^V sti ba/ | 'todos'; 'muitos' |
| (31) /šara/ | 'bom'; 'bonito'; 'gostoso' |
| (32) /šara ba/ | 'feio'; 'ruim' |

levantam-se hipóteses sobre a contribuição do morfema de negação na construção de novos significados na língua. A princípio não se pode tomar o morfema de negação como preso à raiz, por ter ele uma ocorrência antônoma na língua. Seria melhor interpretá-lo como um elemento de duas entidades:

— Numa ocorrência ele é um morfema livre, correspondente a uma negação direta.

— Sua outra possibilidade de realização é presa, quando se quer construir novos vocábulos, na língua, a partir de palavras já existentes.

Apesar de parecer coerente em si, tal hipótese não foi considerada, por haver outros morfemas (diminutivo, locativo,

pluralizador) que se prestam à formação de novos sentidos, inclusive em relação sintagmática com {ba}:

- (33) /^Vcai ba i^Vsta/ 'bem perto'
 longe neg. dim.
- (34) /di bira rĩdi/ 'no mato tem cobra'
 mato loc. cobra
- (35) /aĩvĩ i^Vsta/ 'menina'
 mulher dim.
- (36) /i^Vstĩ vi^Vsti ba/ 'todas as estrelas'
 estrela um neg.

Diante disto, fica mais coerente classificá-los como partículas que tendem a se aglutinar a outras raízes para formação de novos itens lexicais.

Conclui-se que para formar qualificadores cujas noções sejam contrastantes, a língua Arara utiliza a composição derivacional construída por morfemas livres e dependentes. Sausure (1978:289) chama de aglutinação esse processo nas línguas naturais. "A aglutinação consiste em que dois ou vários termos originalmente distintos, mas que se encontrem freqüentemente em sintagma no seio da frase, se soldem numa unidade absoluta ou de difícil análise". Portanto, é pertinente interpretar as realizações do tipo acima como novas unidades semânticas resultantes da junção de elementos do sintagma.

Estabelece-se por fim que o {ba} tem duas realizações em Arara:

- Morfema livre referente a uma negação direta.
- Uma partícula quando contribui para formação de um novo lexema.

{i^Vsta} MORFEMA DIMINUTIVO

Registra-se em Arara o morfema adjetivo {i^Vsta}, também numa ocorrência variada, ora aglutinante ora independente:

(37) /dukuhuãdi/	'homem'
(38) /dukuhuãdi i ^V sta/	'menino bem pequeno'
(39) /aĩvĩ/	'mulher'
(40) /aĩvĩ i ^V sta/	'menina'
(41) /vakihi/	'criança entre 5-6 anos'
(42) /vakihi i ^V sta/	'o menino é novo'; 'menino até 2 anos de idade'.
(42) /iuapa ba i ^V sta/	'bem pequeno'
(44) / ^V sara i ^V sta/	'bem bonitinho'
(45) / ^V cai ba i ^V sta/	'bem perto'

O morfema {i^Vsta} apresenta-se aglutinado ao substantivo ou adjetivo, ou posterior a eles, com uma acentuação própria.

Ao analisar-se o comportamento do morfema diminutivo, observa-se que ele não aparece isolado, formando um enunciado. O argumento para sua realização é de que seja uma partícula que tende a se aglutinar à palavra a qual se refere.

É interessante observar a produção [çai^Vba^V'ta] 'pertinho': este sema na língua se constrói com três morfemas: o morfema nocional {çai^V} 'longe', seguido de dois gramaticais, o de negação {ba} e o diminutivo {i^Vsta}.

A queda do fone [i] em algumas produções do morfema {i^Vsta}, deve-se a sua dissonorização, já comentado no item Sílabas (v.p.94).

- PLURALIZAÇÃO NOMINAL

A noção de pluralidade referente ao substantivo se manifesta por um léxico de função adjetiva. A palavra /i^Vça'pa/ 'pluralizador nominal', que funciona como adjetivo de noção quantitativa, caracteriza essa ocorrência na língua:

- | | |
|---|--------------------------------|
| (46) /i ^V stĩ/ | 'estrela' |
| (47) /i ^V stĩ i ^V çapa/ | 'todas as estrelas' (estrelas) |
| (48) /i ^V sĩ/ | 'semente' |
| (49) /i ^V sĩ i ^V çapa/ | 'muitas sementes' (sementes) |

A construção morfológica com a partícula 'ba' também é capaz de criar um sentido plural:

- | | | |
|---------------------------|-----------|---------------------|
| (50) /i ^V stĩ/ | | 'estrela' |
| (51) /i ^V stĩ | visti ba/ | 'todas as estrelas' |
| estrela | uma não | |

A pluralidade nominal se faz presente, em Arara, por dois mecanismos:

- A utilização de um sintagma nominal, em função adjetiva, construído do numeral {vi^Vsti} 'um' seguido da partícula {ba}, que nega a unicidade do objeto ao qual se faz referência.

- Ou o uso da partícula, em função adjetiva, {i^Vçapa}, qualificadora de multiplicidade do objeto a que se faz menção.

{bira} MORFEMA LOCATIVO

Morfema que tende a se aglutinar à palavra designadora do local que se quer especificar. Não é tomado como advérbio,

por ocorrer em contextos nominais e verbais. Sua realização permite interpretá-lo como um morfema facultativo, ou seja, a noção de locativo também é explicitada pela estrutura frasal e pelos significados das palavras envolvidas.

Formalmente tende a se aglutinar a um substantivo.

Serão também chamados de substantivos locativos os que podem não vir acompanhados do morfema locativo, mas passam essa noção através de seu conteúdo semântico e sua função no enunciado.

- (52) /di bira rĩdĩ/
mato loc. cobra 'no mato tem cobra'
- (53) /di bira vĩbi i^Vcapa/
mato loc. fruta muitas 'no mato tem muita fruta'
- (54) /mĩ aça bira ka -i/
você mandioca loc. ir TNR 'você vai para a roça'
- (55) /vaka nĩ da^Vsi bi^Vš/
rio nós banhar Freq. 'no rio tomamos banho'
- (56) /iĩ pi^Všĩ mapa/
minha casa barata 'em minha casa tem barata'
- (57) /dasauatã ĩ pãdi usa -i tãbĩa/
ontem eu rede dormir TNR AR 'ontem eu dormi na rede'
- (58) /a^Všia bira ãda/
boca loc. língua 'a língua está na boca'

A variação fonética da palavra locativa (v. a Morfofonologia p.135) pode ser interpretada, no caso de 'bĩaira' e 'bira', ou como uma queda da vogal em posição medial, que inclusive é da mesma altura da vogal que lhe antecede, ou como um acréscimo de uma vogal em posição medial. Como a língua Arara é mais propensa à assimilação de traços e ao conseqüente desaparecimento de um dos segmentos, acredita-se que 'bira' resulte da forma 'bĩaira' que, inclusive, aparece em um número menor de dados.

— Considerações Preliminares Sobre a Morfologia do Verbo

Discute-se bastante a oposição das categorias verbo e nome:

"Diz-se geralmente que é o predicado, isto é, o que se diz a respeito de um sujeito, que comporta uma forma verbal" (Martinet, 1974:153).

Critérios formais de uma língua é que possibilitam delimitar o que seja ou não verbo. É precário fazer afirmações antecipadas de um sistema lingüístico determinado, sem um estudo prévio. Uma língua pode não fazer diferença entre:

- Chove montanha abaixo.
- A chuva escorria montanha abaixo.
- Chuva intensa.

Na primeira oração, formalmente, em português, não há um sujeito, mas há um predicado; na segunda estão claros o sujeito e o predicado; no terceiro exemplo tem-se uma frase (não há verbo) composta de tópico e comentário. "Intensa", neste caso, é considerado em português um predicado (nominal), mas que nem por isso é um verbo. Mesmo que se considere que na estrutura profunda haja um verbo na construção 'chuva intensa' este não daria, em português, a informação maior que é a intensidade com que ela cai.

Resulta, dessa divagação, afirmar que não é o predicado em si que fecha a questão da noção verbal.

"Em todas as línguas que possuem um verbo, classificam-se as formas da conjugação segundo a sua referência à pessoa,

constituindo a enumeração das pessoas propriamente a conjugação" (Benveniste,1991:247).

"A categoria de pessoa pertence às noções fundamentais e necessárias do verbo. Essa é uma comprovação que nos é suficiente, mas é incontestável que a originalidade de cada sistema verbal sob esse aspecto deve ser estudada em particular". (Benveniste:250).

A análise de características das formas verbais de uma língua permite observar as realizações que um grupo determinado de pessoas produz para diferenciar nomes e ações. As línguas são autônomas o suficiente para que seus falantes façam suas escolhas. Por conseguinte, não é obrigatório haver, por exemplo, marcas da categoria de pessoa para definir a classe verbal, ou mesmo a categoria tempo. Uma língua pode optar por destacar nos verbos a categoria aspectual.

"Haveria erro de método em ver na oposição do verbo e do nome a característica necessária de qualquer idioma. Ao que sabemos, nenhuma definição de linguagem implica obrigatoriamente a existência dessa oposição" (Martinet, 1974:152).

As línguas trazem em seu bojo capacidade ilimitada de interpretações de mundo. Não há por que fechar-se em limites; pode-se falar em termos de maior ou menor naturalidade. Martinet vislumbra bem essa questão ao conceber a linguagem sem o pré-requisito da oposição verbo e nome.

"As categorias modificadoras das construções verbais incluem: a) voz, b) modo, c) aspecto, d) tempo, e) participantes em relação a funções e a papéis na oração e f) modificações ad-

verbiais" (Wiessemann e Mattos, 1980:72).

"A categoria do tempo parece a muita gente caracterizar propriamente o verbo" (Martinet, 1974:152).

Determinar se o verbo resulta de características formal e/ou semântica não invalida sua função primordial numa língua: explicitar processos. O fato de haver verbos de estado ou descritivos não anula sua ocorrência básica que é a dinâmica. Se uma língua comporta os chamados verbos de ação e estado, estes últimos irão ter alguns procedimentos análogos aos primeiros, quer sejam procedimentos formais e/ou semânticos, segundo a interpretação do grupo de falantes que os utiliza.

Quanto à morfologia do verbo, em Arara, constitui-se da raiz verbal, um morfema preso, que é seguido obrigatoriamente da flexão temporal, que por sua vez pode ser seguida ou não de partículas aspectuais. Para efeito da estrutura da palavra verbal, utiliza-se a interpretação do morfe { \emptyset } para a flexão de tempo.

Os morfemas aspectuais são tomados como partículas por terem um comportamento similar às partículas observadas na Morfologia Nominal: palavras de sentido gramatical que tendem a se aglutinar aos termos com os quais se ligam sintaticamente. Enquanto as chamadas partículas verbais são alternativas da morfologia do verbo, a flexão temporal tem caráter obrigatório na formação verbal.

A co-ocorrência de morfemas aspectuais (Freq.+ Fut.) leva à interpretação de que, havendo possibilidade semântico-pragmática para sua realização ao nível sintagmático, elas passam

a fazer parte de paradigmas distintos.

2.2. Morfologia do Verbo

{-a} e {-i} Flexões Temporais

A morfologia do verbo em Arara se compõe de raiz verbal mais flexão temporal.

- (59) /ĩ aua nābi pi -i/ 'eu estou comendo carne de anta'
eu anta carne comer TNR
- (60) /mā aua nābi pi -i/ 'vocês comem carne de anta'
vocês anta carne comer TNR
- (61) /kāmā rĩdĩ daka -a/ 'o cachorro mordeu a cobra'
cachorro cobra morder TR
- (62) /iābĩ ĩ u^Vsa - a/ 'de noite eu dormi'
noite eu dormir TR
- (63) /darā bahi pādi ĩ^Vsa - i/ 'hoje eu durmo na rede'
hoje rede dormir TNR
- (64) /biti^V s^Vati - a/ 'ele cortou a unha'
unha cortar TNR
- (65) /ĩ dīpi^V s^Vati - a/ 'eu cortei a mim mesmo com a faca'
eu faca cortar TR
- (66) /ādihi^V da - a/ 'o velho morreu'
velho morrer TR
- (67) /ādihi^V sāna da - a/ 'o velho morreu de malária'
velho malária morrer TR
- (68) /ĩ ĩ^Vsa -i/ 'eu durmo'
eu dormir TNR
- (69) /mĩ ĩ^Vsa -i/ 'você dorme'
você dormir TNR
- (70) /mā ĩ^Vsa -i/ 'vocês dormem'
vocês dormir TNR
- (71) /nĩ bitĩ va -i/ 'nós fazemos farinha'
nós farinha fazer TNR

- (72) /nĩ ka -i/ 'nós vamos'
 nõs ir TNR
- (73) /mĩ ka -i/ 'você vai'
 você ir TNR

Observando os dados, verifica-se que se estabelecem como morfemas temporais o {-i} e o {-a}:

{TR}→[a]

{TNR}→[i]~[y]

Os morfemas de Tempo Realizado e Não-Realizado são as únicas flexões permitidas pela palavra verbal, em Arara. A estrutura da palavra verbal é composta de R+T. Nota-se que, conforme a semelhança entre o fone que finaliza a raiz verbal e o fone que marca a flexão temporal, ocorre entre ambos o fenômeno de assimilação total. Este fenômeno permite interpretar a co-ocorrência de fones que parecem participar do mesmo paradigma verbal:

- (74) [o'^Vsa] 'dormi' /i'^Vsa-a/
 dormir TR
- (75) [o'^Vsai] 'durmo' /i'^Vsa-i/
 dormir TNR

No enunciado [o'sa]'dormir TR', vê-se foneticamente a realização do fone [a], o que seria a produção de dois na análise da palavra fonológica, daí por que sua recorrência na palavra 'dormir' reportada ao Tempo Não-Realizado /i'^Vsa-i/. Verifica-se a existência dos fones [a] ou [i] da raiz verbal semelhantes a [a] ou [i], respectivamente, morfemas de Tempo Realizado e Tempo Não-Realizado, em Arara.

Também se registra o uso do morfe { $\overset{V}{S}$ } após a raiz verbal: [i'ãbiri ipãniño u' $\overset{V}{S}$ $\overset{V}{S}$ ki] 'amanhã eu vou dormir na amanhã rede dormir Freq.Fut. rede'

Levantam-se duas hipóteses para esta ocorrência:

– O morfema { $\overset{V}{S}$ } pode ser interpretado como um neutralizador temporal, sendo mais uma possibilidade da língua de marcar a ausência de tempo verbal, isto é, o verbo pode vir sem a flexão temporal expressa ou pode vir acrescido da flexão neutralizadora de tempo.

– A outra possibilidade seria a de que o { $\overset{V}{S}$ } é um alomorfe do aspecto Freqüentativo {bi $\overset{V}{S}$ }, quando este ocorre simultaneamente a outro aspecto, no caso, seguido do aspecto Futuro, ou seja, aspectos cujos sentidos são convergentes, logo, possíveis de realizações sintagmáticas.

Das hipóteses levantadas, escolhe-se a segunda, baseando-se no fato de que o { $\overset{V}{S}$ } se realiza sem o 'bi', enquanto o *{bi} não foi registrado; o que evidencia que o {bi $\overset{V}{S}$ } é um único morfema.

De acordo com os dados observados (v. aspecto bi $\overset{V}{S}$) toma-se o { $\overset{V}{S}$ } como um alomorfe do morfema aspectual Freqüentativo {bi $\overset{V}{S}$ }, em contexto multi-aspectual ou de aspectos em realização sintagmática, referentes a um único verbo. O {bi $\overset{V}{S}$ } e o { $\overset{V}{S}$ }, portanto, são alomorfes em distribuição complementar, com a seguinte realização:

{ASP.Freq.} { $\overset{V}{S}$ } em contexto multi-aspectual, e com um único verbo.
 {bi $\overset{V}{S}$ } quando sua relação com o verbo não envolve outros aspectos.

Toma-se {biš^V} como morfema por ser mais produtiva em Arara a relação em que cada partícula verbal corresponde a um verbo. Além disso, a seqüência 'verbo + asp. Freq. + asp. Fut' foi a única utilização multi-aspectual registrada, o que não impede, no entanto, de imaginar que haja outras co-ocorrências aspectuais na língua.

{biš^V} Aspecto Freqüentativo

- (76) /iābɨ iūba pi -i biš^V/ 'eu como peixe de noite'
noite peixe comer TNR Freq.
- (77) /ɗatia ba raia - a biš^V/ 'você trabalhava há mui-
acabar de neg.trabalhar TR Freq. to tempo na roça'
- (78) /ɨ kapɨ rɨtɨ -i biš^V/ 'eu mato jacaré sempre'
eu jacaré matar TNR Freq.
- (79) /iābɨri kūi ɨ aša ka biš^V ki/ 'de manhãzinha eu vou
de manhãzinha eu pescar ir Freq.Fut. pescar'
- (80) /iābɨri kūi ɨ di -i ka biš^V ki/ 'de manhãzinha eu
de manhãzinha eu caçar TNR ir Freq.Fut. vou caçar'
- (81) /iābɨri pādi ɨša biš^V ki/ 'amanhã eu vou dormir na
amanhã rede dormir Freq.Fut. rede'

O aspecto Freqüentativo ocorre com verbos em Tempo Realizado e Não-Realizado.

Interpreta-se {biš^V} como aspecto por ele redimensionar o processo verbal e não marcar, precisamente, o tempo da ação.

Entre os aspectos verbais analisados, o {biš^V} é o mais funcional, visto que comprovadamente ele co-ocorre com os verbos flexionados em 'TR' e 'TNR' e também com a partícula aspectual de Futuro {ki}; neste caso, realiza-se o alomorfe {š^V}.

Do ponto de vista semântico-pragmático é possível que {biš} se realize com o aspecto {tābīia} 'Ação Recente' ficando impossibilitado de vir contíguo ao aspecto {kādi} 'Pontual', que é exatamente seu oposto.

{kādi} Aspecto Pontual

(82) /iātapaki dukuhuādi aīvu tsa -i kādi/
de tarde homem mulher conversar TNR pontual

'de tarde homens e mulheres estão conversando'

(83) /dukuhuādi ravīi rīti -i apa -i kādi/
homem dois brigar TNR querer TNR pontual

'dois rapazes estão brigando'

(84) /duīdahī kiī -i kādi/ 'o pássaro está cantando'
pássaro cantar TNR pontual

(85) /iātapaki vakihī višti šīšī kādi/
de tarde criança uma brincar pontual

'de tarde a criança está brincando'

O aspecto pontual revela um acontecimento em determinado tempo. É uma espécie de cristalização de um momento.

{kādi} ocorre para enfatizar um tempo marcado na estrutura da frase ou para indicar o momento em que se fala.

{tābīia} Aspecto Ação Recente

(86) /dasauatā raiia - a tābīia 'trabalhei ontem'
ontem trabalhar TR AR

(87) /aīvu iču -i tābīia/ 'a mulher fugiu'
mulher fugir TNR AR

- (88) /šībaia pīški iču -i tābīia/ 'a moça fugiu com o rapaz'
 moça rapaz fugir TNR AR
- (89) /dukuhuādi raiia -i tābīia/ 'o homem trabalha'
 homem trabalhar TNR AR
- (90) /dašauatā pādi uša -i tābīia/ 'ontem eu dormi na rede'
 ontem rede dormir TNR AR
- (91) /dašauatā nī pādi uša -i tābīia/ 'ontem nós dormimos
 ontem nós rede dormir TNR AR na rede'

Interpreta-se a recorrência de {tābīia} como partícula aspectual designativa de uma ação em realização recente.

Os dados mostram que {tābīia} se realiza com verbos cuja temporalidade remete ao TR ou TNR.

Poder-se-ia interpretar esse aspecto como *Perfectivo Recente, se só compartilhassem do mesmo ambiente oracional, além dos verbos com flexão em TR, os de raiz seguida da flexão {-i}, TNR, contíguos à palavra 'dašauatā'. Tal ambiente permitiria a seguinte interpretação: a ação enfocada se transporta ao tempo demarcado pelo complemento verbal, resultando na atualização do verbo, enquanto que o aspecto *Perfectivo Recente informa a passagem efetiva da ação.

A hipótese do aspecto *Perfectivo Recente não se firma, por {tābīia} se realizar com verbos em TNR, independente da presença da palavra 'dašauatā', ontem, ou de palavra com sentido semelhante.

Firma-se a interpretação de {tābīia} como aspecto de Ação Recente (AR), visto que sua abrangência nocional não se limita ao passado; a ação é ampliada ou delimitada pela informação aspectual de ser recente.

Para quem não compartilha da mesma língua e cultura, fica difícil, a princípio, compreender uma ação que ocorre no tempo não-realizado e que, além disso, é recente. No caso do português seria o equivalente, por exemplo, ao nosso 'faz pouco tempo que trabalho aqui'. Neste enunciado o tempo do verbo 'trabalhar' não se restringe ao momento em que se fala, sua abrangência temporal é maior, ou seja, não é simplesmente presente, é um tempo não-realizado que se apoia em outras palavras contextuais, determinando-lhe o momento, isto é, uma anteriorização continuada até o presente.

{ki} Aspecto de Futuro

O morfema aspectual {ki} lança para o futuro, especificamente, o 'Tempo Não-Realizado' (TNR) marcado pela flexão temporal {-i}; ou o aspecto Freqüentativo, sendo este representado pelo alomorfe {š^V}.

- (92) /iãbiri pādi uša biš ki/ 'amanhã eu vou dormir na rede'
 amanhã rede dormir Freq.Fut.
- (93) /aĩvĩ rirariri-i ki/ 'a mulher vai cantar'
 mulher cantar TNR Fut.
- (94) /ĩ sia-i ki/ 'eu vou chorar'
 eu chorar TNR Fut.
- (95) /mĩ sia-i ki ba/ 'você não vai chorar'
 você chorar TNR Fut.neg.

Hipoteticamente, poder-se-ia dizer que o {ki} é realizável também em co-ocorrência com o aspecto Pontual {kādi}.

Foram analisados, em Arara, os aspectos:

- 'kãdi' - Pontual, que ocorre com verbos em 'TNR'.
- 'ki' - Futuro, que co-ocorre com verbos em 'TNR' e asp.Freq.
- 'tãb̃ia' - Ação Recente, que acrescenta informações aos verbos em 'TNR' e 'TR'.
- 'biš^V' - Frequentativo, que se realiza em contexto de verbos em 'TR', 'TNR' e com o aspecto Fut.

É necessário registrar que os aspectos verbais da língua Arara não se limitam aos apresentados. Há outras partículas aspectuais que, devido à pouca ocorrência nos dados, não serão discutidos.

Ao observar o jogo das ocorrências aspectuais, verifica-se que os aspectos, além de ampliar informações aos verbos, dão dimensões específicas a outros aspectos.

- PALAVRAS TEMPORAIS

São palavras tomadas como ampliadoras do tempo verbal por serem formalmente independentes da palavra verbal, mas que a ela se vinculam nocionalmente, especificando o tempo da ação. Assim: [iã'b̃i]'noite', [šava'ta]^V'de dia', [dašawa'tã]^V'ontem', [iãb̃iri 'kuy]'de manhãzinha', [iãtapaki]'de tarde', [da'rã ba'hi]'hoje'.

- (96) /iãb̃i iũba pi -i biš^V/ 'eu como peixe de noite'
noite peixe comer TNR Freq.
- (97) /ĩ savata iũba pi -i biš^V/ 'eu como peixe de dia'
eu de dia peixe comer TNR Freq.
- (98) /mĩ dašauatã iãb̃i nĩd̃i tãb̃ia/ 'você dançou ontem à noi
você ontem noite dançar AR te'

- (99) /iãbiri kūi ĩ di ka biš^V ki/ 'de manhãzinha eu vou
de manhãzinha eu caçar ir Freq.Fut. caçar'
- (100) /iãtapaki vakihĩ višti šiš^Vĩ kãdi/ 'de tarde uma criança
de tarde criança uma brincar pont. está brincando'
- (101) /darã bahi ĩ pãdi ĩša^V -i/ 'hoje eu durmo na rede'
hoje eu rede dormir TNR
- (102) /mĩ iãbiri kūi tari pãsa -a/ 'você lavou roupa de
você de manhãzinha roupa lavar TR manhã'

2.3. Morfologia do Pronome – Considerações Preliminares

Apresentam-se, morfologicamente, na língua, os pronomes pessoais referentes às 1^{as} e 2^{as} pessoas. A 3^a pessoa se expressa pelo morfema zero.

Benveniste (1991) ao questionar sobre a realidade dos pronomes 'eu' e 'tu' diz que eles se estabelecem ou se atualizam na instância do discurso.

O mesmo autor (1991) interpreta as 1^{as} e 2^{as} pessoas como palavras indicativas de pessoa, e toma o pronome da 3^a pessoa como substituto de um segmento do enunciado. 'Eu' e 'tu' permutam seus papéis de falante e ouvinte, enquanto que 'ele' é sempre algo ou alguém a quem se faz uma referência, um dêitico. A língua em estudo confirma, na morfologia dos pronomes pessoais, essa distinção observada por Benveniste.

Camara Jr. (1992) afirma que os pronomes pessoais funcionam como substantivos; quanto aos pronomes adjetivos, sua correspondência é com a idéia de posse. Tem-se dessa forma pronomes referentes a pessoas (1^a e 2^a) ou dêitico (3^a), que são os pronomes de essência substantiva, e os pronomes com sentido de

posse, que são os adjetivos.

Hã, inclusive, uma marca morfológica, em Arara, para os pronomes em função adjetiva. Os dados em análise permitem dizer que os pronomes não se flexionam; a pluralidade se estabelece morfológicamente por pronomes específicos, quer em função substantiva, quer adjetiva.

— PRONOMES PESSOAIS EM FUNÇÃO DE SUJEITO

{ĩ} Pronome de 1ª pessoa singular

- (103) /iãbĩ ĩ ĩsa -i ka -i/ 'de noite eu vou dormir'
noite eu dormir TNR ir TNR
- (104) /ĩ kapĩ rĩtĩ -i / 'eu estou matando jacaré'
eu jacaré matar TNR
- (105) /ĩ ^Vsati -a/ 'eu me cortei'
eu cortar TR

Observa-se o morfema pronominal [ĩ] em contextos de verbos transitivo, intransitivo e reflexivo. Não se revela marca morfológica distinta, na utilização desse pronome, em decorrência da transitividade verbal.

{nĩ} Pronome de 1ª pessoa plural

- (106) /da^Vsauatã nĩ pãdi ĩ^Vsa -i tãbĩia/ 'ontem nós dormi-
ontem nós rede dormir TNR AR mos na rede'
- (107) /nĩ atsa ^Všua ^Všara kapa bĩ biš/ 'nós gostamos
nós mandioca assada bom sentir Freq. de mandioca
assada'
- (108) /nĩ ^Vsati - a/ 'nós nos cortamos'
nós cortar TR

O pronome {nĩ} apresenta-se com verbos transitivo, intransitivo e reflexivo. Observa-se que a língua Arara não faz

distinção morfossintática entre os verbos transitivos e reflexivos. Esta diferença se estabelece, na língua, nocionalmente, portanto, não se fazendo necessário manter a distinção transitivo e reflexivo, inclui-se este último na categoria dos verbos transitivos, sendo seu complemento um morfema zero.

{mĩ} Pronome de 2ª pessoa do singular

- (109) /mĩ sia -i ki/ 'você está chorando'
 você chorar TNR Fut.
- (110) /mĩ d̥ip̥i iũba ṡati -a/ 'você cortou o peixe com
 você faca peixe cortar TR a faca'
- (111) /mĩ ṡati - a/ 'você se cortou'
 você cortou TR
- (112) /mĩ k̥ṡa - a/ 'você bateu nele'
 você bater TR

O pronome {mĩ} se realiza como sujeito de ações verbais transitivas e intransitivas.

{mã} Pronome de 2ª pessoa do plural

- (113) /mã aua nãbi pi -i/ 'vocês estão comendo
 vocês anta carne comer TNR carne de anta'
- (114) /mã d̥ik̥i ṡara va biṡ/ 'vocês gostam da gente'
 vocês nós bem fazer Freq.
- (115) /mã ṡati -a/ 'vocês se cortaram'
 vocês cortar TR

Há uma recorrência do pronome {mã} como sujeito de verbos transitivo e intransitivo.

{ \emptyset } A 3ª pessoa se expressa pela ausência de um pronome, ou seja, pelo morfema zero.

- (116) /biti^V šati - a/ 'ele cortou a unha'
 \emptyset unha cortar TR
- (117) /šati^V - a/ 'ele se cortou'
 \emptyset cortar TR
- (118) /rīdī rītī a/ 'ele matou a cobra'
 \emptyset cobra matar TR

PRONOMES PESSOAIS EM FUNÇÃO DE OBJETO

{ia} Pronome de 1ª pessoa do singular

- (119) /ia rīdī^V cati -a/ 'a cobra me mordeu'
 a mim cobra picar TR
- (120) /kāmānī ia daka - a/ 'o cachorro me mordeu'
 cachorro? a mim morder TR

O pronome {ia} refere-se à 1ª p.s. em função de objeto, inclusive em estrutura frasal atípica em Arara, pois a ordem básica é o sujeito antecedendo o objeto, mas há contra-exemplo desse padrão. Isso leva à interpretação de que este morfema pode preceder ou seguir ao sujeito nominalizado.

{dikī} Pronome de 1ª pessoa do plural

- (121) /dikī kīša^V - a/ 'ele bateu em nós'
 \emptyset em nós bater TR
- (122) /mā dikī^V šara va biš/ 'vocês gostam da gente'
 vocês a nós bem fazer Freq.

Tem-se o morfema pronominal {dikī} como o representante da 1ª p.pl. em função de objeto. Não se pode informar, por falta de registro, se há ou não alomorfa posicional (marcadora

de estrutura não-básica) do pronome de 1ª p.pl. enquanto objeto.

{mia} Pronome de 2ª pessoa do singular

(123) /ĩ mia ki^vsa -i/ 'eu bato em você'
eu em você bater TNR

(124) /ĩ mia ki^vsa -i ka -i/ 'ele bate em você'
eu em você bater TNR ir TNR

O morfema {mia} estabelece-se como objeto de uma ação verbal efetivada pelos agentes de 1ª p.s. ou referente de 3ª pessoa do singular.

{bia} Pronome de 2ª pessoa do singular

(125) /bia kãmãñĩ daka -a/ 'o cachorro mordeu você'
você cachorro? morder TR

Provável alomorfe de {mia} em estrutura frasal não básica, ou seja, quando o objeto antecede o sujeito. Estrutura básica constatada por sujeito e objeto nominalizados.

{batũ} Pronome de 2ª pessoa do plural

(126) /nĩ batũ^v sara kapãu/ 'nós gostamos de vocês'
nós a vocês bem ?

Interpreta-se, no momento, {batũ} como pronome objeto referente à 2ª p.pl., numa estrutura tipo 'Suj.+ Obj.+ Verbo'. Apesar de haver apenas um dado e de se desconhecer um dos elementos que o compõem, a posição dos elementos no enunciado sugere que na expressão /kapãu/ insere-se uma palavra verbal.

{matũ} Pronome de 2ª pessoa plural

(127) /matũ kãmãnĩ daka -a/ 'o cachorro mordeu vocês'
vocês cachorro? mordeer TR

O morfema pronominal {matũ} pode ser interpretado como um alomorfe de {batũ}, quando aparece numa estrutura 'OSV'.

PRONOMES SUJEITOS

1ª p.s.	ĩ
2ª p.s.	mĩ
3ª p.s.	∅
1ª p.pl.	nĩ
2ª p.pl.	mã

PRONOMES OBJETOS

	Estrutura básica		Estrutura não-básica
1ª p.s.	ia		ia
2ª p.s.	mia	-	bia
3ª p.s.	∅		∅
1ª p.pl.	dikĩ		não há dados
2ª p.pl.	batũ	-	matũ

Pronominalmente a língua Arara marca as 1ªs e 2ªs pessoas e faz distinção morfológica (alomorfia) de acordo com a estrutura frasal utilizada.

A língua Poyanáwa, que também pertence à família Pa-

no, apresenta uma alofonia entre [b] e [m]; [d] e [n], sendo as nasais ocorrências alofônicas condicionadas pelo ambiente de vogais nasais (Santos, 1992:57,62). A língua Arara, por sua vez, faz distinção fonológica desses sons orais e nasais. O par de palavras [bi'a] e [mi'a] registra uma alomorfia condicionada à topicalização do objeto, observada no uso da estrutura não-básica.

Observando os pronomes objetos de 1ª e 2ª pessoas do singular, levanta-se a possibilidade do {-a} ser um morfema marcador de um 'eu' ou 'tu' que está recebendo uma ação. Do mesmo modo se observa um tratamento especial à 2ª p.s. e pl., ao apresentarem uma alomorfia dependente da estrutura utilizada. Pode-se interpretar que as 1ªs pessoas (sobretudo singular) e 2ªs pessoas são relevantes para a cultura Arara, e entre ambos se privilegia as 2ªs pessoas. Essas produções morfológicas e também morfossintáticas manifestam a relevância que a língua dá aos ouvintes.

PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos realizam-se através de uma forma livre e de uma forma presa, esta resultando da junção do morfema raiz (realizável livre) acrescido do morfema preso {-da}, que é determinante de uma adjetivação pronominal, sendo portanto um alomorfe posicional, vindo subsequente ao substantivo ou como palavra isolada.

[i'ĩ]-[iĩ'da] Possessivo da 1ª pessoa do singular

- (128) /iĩ vĩãdi/ 'meu marido'
meu marido
- (129) /iĩ rĩkĩ/ 'meu nariz'
meu nariz
- (130) /iĩ -da/ 'meu'; 'é meu'
meu adj.pron.
- (131) /pãdi iĩ -da/ 'a rede é minha'
rede minha adj.pron.
- (132) /pišĩ iĩ -da/ 'a casa é minha'
casa minha adj.pron.
- (133) /taĩ iĩ -da 'os pés são meus'
pés meus adj.pron.
- (134) /iĩ ^VciCi ^Viušahu ^Višta iĩ ^Včata ^Vãdihĩ ^Višta/
minha avó velha dimin. meu avô velho dimin.
'minha avó e meu avô são velhinhos'

A variante morfológica {iĩ}-{iĩ'da} pode ser vista como um uso morfossintático facultativo de que o falante da língua dispõe. O {iĩ} é o marcador da pessoa que possui, sendo o {-da} um morfema preso que confirma ou enfatiza a idéia de posse denotada pelo pronome, agora em função adjetiva.

Os dados analisados permitem levantar a possibilidade da variante ter uma ocorrência determinada pela posição que ocupa no contexto frasal. O alomorfe {iĩ} antecede o substantivo, enquanto o alomorfe {iĩ'da} vem posterior a ele. A interpretação do possessivo como adjetivo se faz coerente, ao lhe ser acrescentado o morfema sufixal {-da}. Tal realização marca a posição que o pronome adjetivador ocupa na frase.

Não se apresenta diferença morfológica em consequência dos bens serem alienáveis ou inalienáveis.

Havendo alomorfes, decide-se que o {iĩ} é a forma básica que possibilita a construção {iĩda}.

{mĩ}-{mĩda} possessivo de 2ª pessoa do singular

- (135) /mĩ pa^Vciu iuapa ba/ 'tua orelha é pequena'
tua orelha grande não
- (136) /mĩ vi^V sara kapa/ 'teu cabelo é bonito'
teu cabelo bonito
- (137) /mĩ -da/ 'teu'; 'é teu'
teu adj.pron.
- (138) /pādi mĩ -da/ 'a rede é tua'
rede tua adj.pron
- (139) /bāhi mĩ -da/ 'a mão é tua'
mão tua adj.pron.
- (140) /pi^Vsi mĩ -da/ 'a casa é tua'
casa tua adj.pron.

O alomorfe {mĩ} se equivale, na forma, ao pronome pessoal. Ao possessivo pode-se juntar o morfema preso {-da}, que confirma a idéia de posse à pessoa e assegura-lhe a função de pronome adjetivo.

A alomorfia apresenta as mesmas condições ocorridas com o poss. de 1ª p.s.

Por ser livre, toma-se como forma básica o {mĩ}, ficando o {mĩda} como alomorfe posicional, marcador da função adjetiva do pron. poss.

Justifica-se a ocorrência do morfema {-da}, preso aos possessivos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas (este a ser observado), sem que haja um substantivo lhe antecedendo, ao interpretar-se tal registro como um apagamento, na estrutura de superfície, do

substantivo ao qual se refere.

{aũ }- {atũda} poss. de 3ª pessoa singular

- (141) /atũ -da/ 'dele'; 'é dele'
dele adj.pron.
- (142) /aĩvĩ -da/ 'é dela'; 'da mulher'
mulher adj.pron.
- (143) /aũ a^vsua/ 'a boca dele'
dele boca
- (144) /aũ ãmĩ/ 'esposa dele'
dele esposa

A 3ª pessoa, ou melhor, o dêitico de 3ª pessoa, deixa de se expressar pelo morfema zero, apresentando-se lexicalmente, ao vir imbuído do sentido de posse.

Quando foram pedidos os dados 'é dele', 'é dela', foram enunciados, respectivamente, pelo informante [atũ'da] e [ayvĩ'da]. Verifica-se que a correspondência do pronome possessivo, diferenciando o gênero, foi respondida, em Arara, com um determinado pronome para o masculino; já o feminino resulta da construção do morfema lexical [ay'vĩ]'mulher', seguido do morfema gramatical {-da}, que é interpretado como um marcador de posse e, concomitantemente, evidencia a função adjetiva de tal possessivo.

'atũda' corresponde a um pronome potencialmente equivalente aos dois gêneros, principalmente se o 'dele' significa 'a pessoa que não está tomando parte na conversa', mas ao se querer especificar claramente o gênero, utiliza-se a construção /aĩvĩ-da/, referente à mulher.

Pode-se interpretar que o alomorfe {aũ} resulta da

queda da consoante medial /t/ do alomorfe *{atũ}. Deduz-se, baseado nos demais possessivos, que a palavra possessiva de 3ª p. s. 'atũda' é formada por dois morfemas o indicador de 3ª p. s. {atũ}, seguido do morfema preso {-da}, adjetivador pronominal.

{nikĩ} -{dikĩ-da} poss. de 1ª p.pl.

- (145) /pādi dikĩ -da/ 'a rede é nossa'
 rede nossa adj.pron.
- (146) /pišĩ dikĩ -da/ 'a casa é nossa'
 casa nossa adj.pron.
- (147) /nikĩ ašua/ 'nossas bocas'
 nossas bocas
- (148) /nikĩ rĩkĩ/ 'nossos narizes'
 nossos narizes
- (149) /bihi dikĩ -da hĩ/ 'as mãos são nossas'
 mãos nossas adj.pron.?

É recorrente também na 1ª p.pl. a alomorfia ocasionada pela posição que o possessivo ocupa na estrutura frasal: {nikĩ} antecede o substantivo, enquanto o {dikĩ-da} vem posterior ou isoladamente.

{matũ} poss. de 2ª e 3ª pessoas do plural

- (150) /matũ rĩkĩ/ 'teus narizes'
 teus narizes
- (151) /matũ pišĩ/ 'casa deles'
 deles casas
- (152) /matũ ašua/ 'as bocas deles'; 'as suas bocas'
 deles bocas
- (153) /matũ ašua/ 'tuas bocas'
 tuas bocas

Verifica-se que o possessivo {matũ} foi utilizado

indiferentemente para as 2ª e 3ª pessoas do plural. Santos (1992: 96) também registra a realização de um mesmo possessivo, na língua Poyanáwa, para caracterizar os possuidores de 2ª e 3ª pessoas do singular, que são os morfemas {bīwā - bīã}. Pode ter havido, por parte do informante, uma interpretação distinta da esperada.

Dados em Poyanáwa:

/bīã ħiru/ teu olho	'teu olho'
/bīwā awī/ sua mulher	'sua mulher'
/bīwā ħuh sutu/ teu cabelo curto	'teu cabelo é curto'
/bīwā ħavi/ seu filho	'seu filho'

O dado referente a 'seu filho', por exemplo, é ambíguo, pois pode ser interpretado como o 'teu filho' (filho da pessoa com quem se fala) ou o 'filho do outro' (daquele que não participa da conversa).

No caso dos dados em Arara, não houve diferença entre os possessivos de 2ª e 3ª pessoas do plural solicitados em português e seus correspondentes na língua. Acredita-se que a palavra 'atūda' designa possuidores de 2ª e 3ª pessoas do plural, sem distinção morfológica. Provavelmente é o contexto de fala que faz essa diferença.

Não houve registro, em dados, da forma adjetiva do pronome possessivo de 2ª e 3ª pessoas do plural. No entanto, baseando-se nas ocorrências dos demais possessivos, não se exclui a possibilidade de ocorrência da palavra *'matūda'.

Os pronomes possessivos, em Arara, apresentam uma alomorfia posicional que, inicialmente, foi pensada em termos de locução nominal (poss.+ subst.) e oração (subst. + poss. + da) . No entanto, o {-da} não se estabeleceu como verbo auxiliar, visto que sua realização se fez apenas preso aos possessivos, além do que não se flexionou, em nenhum dado, como os demais verbos. Entre interpretá-lo como um verbo auxiliar anômalo ou fazer sua leitura como um pronome possessivo em função adjetiva, optou-se pela segunda hipótese, pois há um respaldo na própria língua para essa análise, sendo assegurada por uma das possibilidades de construção adjetiva, que é a palavra vir após um substantivo, qualificando-o.

PRONOMES POSSESSIVOS

	Possessivos	Adjetivos Pronominais
1ª p.s.	iĩ	iĩda
2ª p.s.	mĩ	mĩda
3ª p.s.	aũ	atũda
1ª p.pl.	nikĩ	dikĩda
2ª e 3ª p.pl.	matũ	*matũda

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Observou-se o uso da palavra adjetiva 'longe', também em sua forma negativa, respectivamente [^v'tsay] e [^vtsaĩ'ba], para denotar que o objeto em destaque está próximo ou não de quem fala. Portanto, nesse contexto, o adjetivo tem a função

de pronome demonstrativo:

- (154) [u'a 'tʃay] 'a outra flor' /ua ʃai/
 flor longe
- (155) [u'a tʃaɪbaʃ'ta] 'esta flor' /ua ʃai ba iʃta/
 flor longe neg. dim.

Também a palavra [vi'tsa]'o outro', funciona como um pronome demonstrativo relacionado a um objeto, especialmente distante de quem fala.

A ausência morfológica (morfema zero) de uma palavra demonstrativa também assegura a proximidade do falante ao objeto em foco.

PRONOMES INTERROGATIVOS

{tua} de pessoa

- (156) /tua mā/ 'quem é?'
 quem int.
- (157) /tua di bira mā/ 'quem está no mato?'
 quem mato loc. int.
- (158) /tua dūku -a mā/ 'quem chegou?'
 quem chegar TR int.

{aütia} de tempo

- (159) /aütia mī di -i ka bis ki mā/ 'quando vai caçar?'
 quando você caçar TNR ir Freq.Fut.int.
- (160) /aütia mi dūku -a mā/ 'quando você chegou?'
 quando você chegar TR int.

{aũĩ} de local

- (161) /mĩ aũĩ ka -a mã/ 'onde você morou?'
 você onde morar TR int.
- (162) /aũĩ mi do -i ka biš^V ki mã/ 'onde vai caçar?'
 onde você mato TNR ir Freq. Fut. int.
- (163) /aũĩ vakihĩ ista/ 'onde está a criança?'
 onde criança ãim.

Verifica-se que o pronome interrogativo de pessoa (sujeito) inicia o enunciado e rege o {mã} no final da frase. Já os pronomes interrogativos de tempo {aũtia} e de local {aũĩ} iniciam o enunciado, são seguidos de sujeito e finalizam a frase interrogativa com sua marca morfológica {mã} ou *{mãnu}. O dado 161 mostra uma inversão da ordem 'pronome interrogativo + sujeito'; tal ocorrência sugere uma escolha do falante pela topicalização do sujeito.

Lacerda (1991) comenta sobre as semelhanças fonéticas verificadas em várias línguas (indígenas ou não) com relação aos morfemas utilizados na formulação de perguntas. Considerando esta hipótese fonética, pode-se dizer que, na língua em estudo, o som posterior alto (oral ou nasal) [u]-[ũ] é o recorrente nos pronomes interrogativos de pessoa {tua}, de tempo {aũtia} e de local {aũĩ}. Os dados com a língua Arara reforçam o argumento de que seja um universal lingüístico a recorrência de um fonema, ou fonemas de traços muito próximos, na formação de palavras interrogativas em cada língua.

2.4. Numerais

A enumeração dada pelos falantes de Arara vai do número 1 até o 5.

- (164) [viš^v'ti] 'um'
 (165) ['ravɨy] 'dois'
 (166) [ra'viynɨ'viš^vti] 'três'
 (167) ['ravɨynɨ 'ravɨy] 'quatro'
 (168) ['rāna] 'quatro'
 (169) ['rāviynɨ 'ravɨynɨ 'viš^vti] 'cinco'

Morfologicamente expressam-se os numerais [viš^vti]'um', ['ravɨy]'dois' e ['rāna]'quatro' (esta é uma de suas possibilidades de realização). Os demais números se constróem de combinações dos numerais [viš^v'ti] e ['ravɨy].

Observa-se que o numeral ['ravɨy] vem acrescido do morfema {-ni}, quando não ocorre isoladamente ou não é o último elemento da composição. Observadas suas ocorrências, interpreta-se, no momento, o {-ni} como um conector da combinação numérica.

Capítulo III

MORFOFONOLOGIA

A morfofonologia estuda as mudanças morfológicas geradas a nível fonético, em consequência do próprio encadeamento de morfemas. A propósito, Lopes (1989) diz caber à morfofonênica a observação das variantes mórficas (planos de expressão) resultantes da combinação de dois ou mais morfes na cadeia sintagmática.

A língua Arara apresenta vários processos morfofonológico: ora se verifica a assimilação total, o que leva a sua economia na produção lingüística, ora se repete um morfe ou parte dele ao iniciar um outro, mecanismo que caracteriza bem a tendência aglutinativa nesta língua.

(1) [ʼ ^V sara]	'bom'; 'bonito'; 'gostoso'	/ ^V sara/
(2) [ʼ ^V sarā'ba]	'feio'; 'ruim'	/ ^V sara ba/
(3) [iwa'pa]	'grande'	/iuapa/
(4) [iwa'pāba]	'pequeno'	/iuapa ba/
(5) [iwa'pāba i ^V 'ta]	'bem pequeno'	/iuapa ba i ^V sta/
(6) [ʼba]	'não'	/ba/

- | | | | |
|-------|----------------|-------------|---------------|
| (7) | ['tʃay] | 'longe' | /çai/ |
| (8) | [tsaibaʃ'ta] | 'bem perto' | /çai ba iʃta/ |

Observando os dados, nota-se o morfema de negação {ba}, que apesar de sua autonomia, tende a se aglutinar à palavra cujo sentido deseja-se mudar. A nasalização da vogal que antecede à realização da consoante oclusiva bilabial sonora /b/ do morfema {ba} determina bem o processo aglutinativo entre a palavra nocional e o morfema de negação.

O morfema gramatical {iʃta} quando se aglutina, tende a perder a vogal inicial /i/, devido a um processo assimilatório com a consoante fricativa palatal /ʃ/ que lhe segue; colabora com tal processo o encadeamento aglutinativo de palavras, entre as quais 'iʃta'.

- | | | | |
|-------|--|-----------------------|-----------------------|
| (9) | [ʃto'ki iɖay'a]
macaco rabo dele | 'o macaco tem rabo' | /iʃtiki iɖa-ia/ |
| (10) | ['dĩbora uay'a]
mato loc flor dela | 'no mato tem flor' | /di bira ua-ia/ |
| (11) | ['awa vaki'a]
anta filho dela | 'a anta tem um filho' | /aua vaki-ia/ |
| (12) | ['mĩ va'tʃi 'raviyia]
teu ovo dois dele | 'você tem dois ovos' | /mĩ vaçi ravi-ia/ |
| (13) | ['nĩ pi'ti 'viʃti iɖay'a]
nós comida uma não dela comida' | 'nós não temos' | /nĩ piti viʃti ba-ia/ |

Os dados permitem observar que o morfema preso genitivo {-ia}:

- tem como alomorfe o {-ya}, quando o /i/ passa a se realizar [y], travando a sílaba pertencente ao lexema, que finaliza com a vogal /a/ (iɖa + ia = iɖaya).

següente. Verifica-se caso semelhante com a raiz verbal {apa-} 'querer': o morfema {apa-} perde a vogal inicial quando precedido de morfema terminando por vogal.

Baseando-se nas ocorrências ambientais registradas nos dados, interpreta-se como raiz do verbo 'querer' a forma {apa-}, que é a mais produtiva por ocorrer independente do condicionamento ambiental entre palavras, isto é, quando a palavra anterior não termina por vogal e a posterior não começa por vogal.

Diante do demonstrado, afirma-se que é opção da língua Arara para a morfofonologia o processo aglutinativo.

- (21) ['mĩ ba'tsi 'biy] 'você sente frio' /mĩ baçi bi-i/
 você frio sentir TNR
- (22) ['nĩ 'bitĩ 'vai] 'nós fazemos farinha' /nĩ bitĩ vā-i/
 nós farinha fazer TNR
- (23) ['bapĩ ^Všĩ'āy] 'ele está coçando a /bapĩ ^Všĩā-i/
 cabeça coçar TNR cabeça'
- (24) ['ĩ 'awa 'nābi 'pi] 'eu como carne /ĩ aua nābi pi-i/
 eu anta carne comer TNR de anta'
- (25) ['kāmā 'rĩdi da'ka] 'o cachorro mordeu a /kāmā rĩdi daka-a/
 cachorro cobra mor- cobra'
 der TR
- (26) ['biti^Vš 'sate^Va] 'ele cortou a unha' /biti^Vš sati-a/
 unha cortar TR
- (27) ['yābi 'ĩ o'^Všay i] 'de noite eu vou dormir /iābi ĩ uša-i/
kay ir TNR
 noite eu dormir TNR
 ir TNR

Os morfemas temporais TR {-a} e TNR{-i} também passam por implicações morfofonológicas:

- Registra-se a assimilação total entre a vogal /a/ finalizadora da raiz verbal e o morfema TR{-a}. Processa-se

dessa forma a cumulação da parte integrante da raiz com a flexão temporal.

- Nota-se o mesmo comportamento, no que diz respeito à flexão 'TNR' {-i}.

- O morfema {TNR} tem dois alomorfes {-i}-{-y}. Interpreta-se que {-i} é o morfema, sendo {-y} uma realização alomórfica do {-i} ao se juntar à sílaba final da raiz verbal, não terminada em /i/. Observa-se assim a realização do semivocóide, uma vogal assilábica, travando sílaba, junção esta que não poderia ser ocupada por uma vogal.

- A escolha de {-i} como morfema flexional TNR, baseia-se em sua distribuição mais ampla: apresenta-se como cumulativo e com raízes verbais, cuja sílaba aberta facilitaria sua integração na posição de travador silábico, o que lhe é facultativo.

- A alomorfia {-i} - {-y} se evidencia inclusive na tendência aglutinativa (em processo) registrada no dado ['yābi 'ĩ o'šay i'kay), onde {-y}, flexão TNR, se estabelece {-i} ao iniciar a palavra verbal /ka-i/'ir TNR'; que foneticamente, no enunciado, realizou-se [i'kay].

Capítulo IV

MORFOSSINTAXE

— Considerações Preliminares Sobre a Morfossintaxe

Neste capítulo vão ser analisadas as relações entre os sintagmas (resultantes de um uso baseado na função e coesão dos elementos em cadeia). Segundo Saussure (1978:209), "A noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas também aos grupos de palavras, às unidades complexas de qualquer dimensão e de qualquer espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras)".

Para observar as estruturas oracionais e frasais (a diferença entre elas está na presença ou não da palavra verbal), verificar-se-á a mobilidade das classes gramaticais, com base no dizer de Yuen Ren Chao (1977:53), "Morfologia é o estudo das palavras como compostos de morfemas, e sintaxe é o estudo de frases e orações como compostos de palavra".

4.1. Sintagmas Nominais

O sintagma nominal será observado numa perspectiva

sintática, quando palavras nominais se associam numa frase, passando uma informação determinada. Saussure (1978) considera a teoria dos agrupamentos de palavras como pertencentes à sintagmática e acrescenta que nem todos os sintagmas remetem à sintaxe, mas que todas as estruturas sintáticas pertencem à sintagmática.

Nos dados:

- | | |
|------------------------------------|-------------------------|
| (1) /iābī hutu i ^V sta/ | 'a noite é curta' |
| (2) /ui baçi/ | 'a chuva é fria' |
| (3) /dīpī tī ^V sta/ | 'a faca está suja' |
| (4) /va ^V ci aīvī - da/ | 'os ovos são da mulher' |
| (5) /pī ^V šī vūda/ | 'a casa é nova' |
| (6) /bapu tīrī/ | 'a cabeça é redonda' |
| (7) /vī tī ^V šipa/ | 'o cabelo é preto' |

vê-se que as frases construídas em português utilizam o verbo de ligação 'ser'. Os falantes da língua Arara veiculam a mesma informação numa estrutura do tipo 'Subst.+ Adj.' (que é uma das possibilidades de diferenciar a palavra substantiva da adjetiva), não havendo elementos de ligação entre eles.

Foram também solicitados dados utilizando, em português, os verbos 'ter' (existir) e 'estar', como correspondentes, em Arara, têm-se frases puramente nominais:

- | | |
|---|-------------------------|
| (8) ['dībura rī'dī]
mato loc.cobra | 'no mato tem cobra' |
| (9) ['ə ^V šoð bīi'rā ā'da]
boca loc. língua | 'a língua está na boca' |
| (10) [i ^V 'še dayībī'rā]
lua céu loc. | 'a lua está no céu' |

- (11) ['dura dību'rā] 'o índio está no mato'
 índio mato loc.

Apesar das mudanças fonéticas, o morfema locativo se apresenta nos dados acima: [bura]~[bii'rā] [ībirā]~[bu'rā]. Algumas dessas mudanças já foram discutidas no capítulo de Fonologia (v.p. 80), outras são abordadas nos capítulos Morfologia do Nome (v.p. 105) e Morfofonologia (v.p.135).

O morfema locativo tem eventual ocorrência aglutinativa com o morfema nocional de lugar.

Nos sintagmas nominais acima, vê-se que só a locução lexema + gramema é fixa (di 'mato' + bira 'loc.!), obedecendo esta ordenação. Entretanto este conjunto não é fixo com relação aos demais elementos da frase.

— LOCUÇÃO NOMINAL

A função da palavra adjetiva é assegurada pela posição que ocupa na frase, sempre posterior ao substantivo. Esta localização se faz presente nas locuções nominais, onde se observa que para os Arára a palavra determinante tem semanticamente uma ligação dependente com a palavra a que faz referência, ou seja, o determinante se estabelece a partir da existência da palavra determinada.

- (12) /aça ^vśaka/ 'casca de mandioca'
 mandioca casca
- (13) /daua vaki/ 'filho de branco'
 homem branco filho
- (14) /vībi ^vśi/ 'semente de fruta'
 fruta semente

- (15) /diš^vi vači^v/ 'ovo de tracajá
tracajá ovo
- (16) /tai^v b^viri/
pé dedo 'dedos do pé'
- (17) /đaua vaki iš^vta/ 'filhinho de branco'
homem branco filho dim.

Depreende-se, acima, esta estrutura da locução nominal: Subst.+ Subst.(função adj.) (iš^vta).

- SINTAGMA NOMINAL 'SUBST.+ SUBST.'

A estrutura nominal 'subst.+ subst.' ao querer expressar a idéia de posse, tendo um único possuidor, se organiza da seguinte maneira:

- (18) /kāmā ĩda - ia/ 'o cachorro tem rabo'
cachorro rabo dele

Possuidor + possuído - genitivo.

Quando há um possuidor que também é possuído (cumulativo), a organização dos possuidores, possuído e genitivo sofre alterações em relação à estrutura já apresentada:

- (19) /takara -ia vači^v aīvu - da/ 'os ovos da galinha
galinha dela ovo mulher adj.pron. são da mulher'

Cumulativo-gen, + possuído + possuidor-adjetivo pron.

- (20) /aīvu aua - ia aua pušku^v/ 'a mulher tem uma anta e
mulher anta dela anta nova um filhote de anta'

possuidor + cumulativo-gen.+ possuído

Verifica-se que:

- O cumulativo-genitivo antecede o possuído, numa se qüência fixa.

- O possuidor varia sua posição em relação aos demais elementos da frase.

- O possuidor, em posição posterior aos possuídos, é acrescido do morfema adjetivo pronominal { -da } (v.p.123-129).

- O possuidor não vem morfologicamente marcado, quando antecede o possuído ou cumulativo.

'SUBST.+ ADJ.'

- (21) /ua i^vCapa/ 'muitas flores'
 flor muitas
- (22) /dipi ti^vsta/ 'a faca está suja'
 faca suja
- (23) /daua vaki i^vsta/ 'filho de branco'
 homem branco filho dim.
- (24) /vakihi ti^vsta ba/ 'a criança está limpa'
 criança suja não

Observa-se que o qualificador vem em posição posterior ao substantivo. Quanto aos morfemas de negação e diminutivo, verifica-se que ambos se ligam ao adjetivo em posição consequente:

'Subst.+ Adj.' ($\begin{matrix} \text{ba} \\ \text{v} \\ \text{ista} \end{matrix}$)

'SUBST. + NUM./ SUBST.+ ADJ.+ NUM/

- (25) /pādi vi^Vsti/
rede uma 'uma rede'
- (26) /i^Vstī vi^Vsti ba/
estrela uma não 'todas as estrelas'
- (27) /šava vi^Vsti/
dia um 'um dia'
- (28) /bu^Vskiti iuapa ba i^Vsta ravii/
pedra grande não dim. dois 'duas pedrinhas'

Funcionalmente o numeral é um adjetivo. Esta interpretação se baseia (1) na posição que ele ocupa no contexto frasal (sucendo o subst.), (2) por ele se ligar ao morfema de negação {ba}, (3) por realizar-se com o morfema genitivo {-ia}, como em ['mī va^Vci 'raviyia] 'você tem dois ovos'; características bem próprias da palavra adjetiva.

Se o contexto comporta substantivo, adjetivo e numeral, fazendo uso também dos morfemas de negação e diminutivo, a estrutura estabelecida é:

Subst.+ adj.+ neg.+ dim.+ num.

Havendo adjetivo e numeral no mesmo ambiente, o adjetivo (nocional) antecede o numeral, que não deixa de ser interpretado como adjetivo funcionalmente.

'POSS.+ SUBST.+ ADJ.'

- (29) /iĩ bihi iuapa/ 'minha mão é grande'
 minha mão grande
- (30) /mĩ paci^v iuapa ba/ 'tua orelha é pequena'
 tua orelha grande não
- (31) /iĩ paci^v iuapa ba išta^v/ 'minhas orelhas são pe-
 minha orelha grande não dim. quenas'

O possessivo prenominal é uma das opções do sintagma nominal (considerando a alomorfia dos possessivos). A relação do substantivo e adjetivo não sofre modificações em consequência da presença do pronome possessivo.

'PRON.POSS.+ SUBST. - 'SUBST.+ PRON.POSS!'

- (32) /mĩ riki/ 'teu nariz'
 teu nariz
- (33) /niki riki/ 'nossos narizes'
 nossos narizes
- (34) /iĩ a^vsua/ 'minha boca'
 minha boca
- (35) /pādi mĩ - da/ 'a rede é sua'
 rede sua adj.pron.
- (36) /piš^vi dikī - da/ 'a casa é nossa'
 casa nossa adj.pron.
- (37) /bihi iĩ - da/ 'a mão é minha'
 mão minha adj.pron.

Há duas formas de realização dos pronomes possessivos. Esta alomorfia se estabelece a partir da sucessão ou precedência do pronome possessivo relativamente ao substantivo (v. p.123-129).

'SUBST.+ SUBST.LOCATIVO'

- (38) /dura di bira/ 'o índio está no mato'
 índio mato loc.
- (39) /i^všī dai bira/ 'a lua está no céu'
 lua céu loc.
- (40) /di bira rīdī/ 'tem cobra no mato'
 mato loc. cobra

O sintagma nominal, que tem como um de seus formadores o morfema genitivo {-ia}, já demonstrou que a seqüência 'subst.+ subst.' não transforma automaticamente o segundo substantivo em adjetivo. Esta possibilidade é viável, considerando-se o contexto semântico do enunciado.

O substantivo seguido do morfema locativo se transforma num sintagma locativo. Este sintagma não tem uma posição fixa com relação aos demais formadores da frase. Há dados com ele iniciando ou fechando frase.

4.2. Sintagmas Verbais

- SINTAGMAS VERBAIS COM VERBOS TRANSITIVOS

- (41) /ĩ vībi apa -i/ 'eu quero fruta'
 eu fruta querer TNR
- (42) /vaki rīdī Ca^vci -a/ 'a cobra picou o menino'
 menino cobra picar TR
- (43) /iābiri kūi tari pāsa -a/ 'elas lavaram roupa de
 de manhã roupa lavar TR manhã'
- (44) /aīvi vakihi da^vsi -i ba/ 'a mulher não está lavan
 mulher criança lavar TNR neg. do a criança'
- (45) /mī iābiri kūi tari pāsa -a/ 'você lavou roupa de ma-
 você de manhã roupa lavar TR nhã'

- (46) /bapɪ ^Všɪã -i/
cabeça coçar TNR 'ele está coçando a cabe-
ça'
- (47) /mĩ ādi va biš^V ba/
você mel fazer Freq.neg. 'você não faz mel'
- (48) /nĩ iũba riti -a biš^V dipɪ/
nós peixe matar TR Freq.faca 'nós matávamos peixe com
a faca'
- (49) /nĩ bitɪ va -i/
nós farinha fazer TNR 'nós fazemos farinha'
- (50) /dipɪ iũba riti -a biš^V/
faca peixe matar TR Freq. 'ele matava peixe com a
faca'
- (51) /matũ kãmanĩ ðaka -a/
vocês cachorro² morder TR 'o cachorro mordeu vocês'
- (52) /bia rĩdi ^VCaCi -a/
você cobra picar TR 'a cobra picou você'

A língua Arara se caracteriza pela ordem SOV (sujeito, objeto, verbo). As palavras que, de modo facultativo, ampliam o sentido do verbo serão chamadas de complementos verbais, tais como os substantivos temporais e os que funcionam como instrumento, causa, local, em sua relação com o verbo.

Os dados com verbos transitivos mostram algumas das possibilidades sintagmáticas verbais:

- O sujeito antecede o objeto que antecede o verbo.
- Não se verifica nenhuma marca específica nos substantivos, em função de sujeito, quando não vêm na estrutura básica 'SOV'. O conteúdo semântico verbal é o que impossibilita a ambigüidade potencial.

- Quando o objeto pronominalizado (de 2ª p.s. ou pl.) antecipa-se ao sujeito, faz-se uso da alomorfa pronominal, no caso, {mia} ~ {bia} (2ª p.s.); {batũ} ~ {matũ} (2ª p.pl.)

- Os complementos verbais (temporal e instrumento) não têm uma posição fixa na estrutura oracional, inclusive o temporal é registrado entre o sujeito e o objeto.

— SINTAGMAS VERBAIS COM VERBOS INTRANSITIVOS

- (53) /ādihi^h da -a/
velho morrer TR 'o velho morreu'
- (54) /ādihi^h ṡāda da -a/
velho malária morrer TR 'o velho morreu de malária'
- (55) /mī vaka da^vsi -i bi^vš/
você rio banhar TNR Freq. 'você toma banho no rio'
- (56) /ī i^vsa -i/
eu dormir TNR 'eu durmo'
- (57) /iātapaki vakihi^h vi^vsti ṡi^vsi kādi/
de tarde criança uma brincar 'de tarde a criança está
pontual brincando'
- (58) /mī aḡa bira ka -i/
você mandioca loc. ir TNR 'você vai à roça'
- (59) /ī ṡa^vṡu ka -i kīdi tāpī ka-i/
eu barco ir TNR escola ir TNR barco 'eu vou para a escola de'
- (60) /mī da^vṡauatā iābi^h nīdi^h tābiia/
você ontem noite dançar AR te 'você dançou ontem à noite'

Após verificar a ocorrência de orações com verbos transitivos e observando-as agora com verbos intransitivos, conclui-se que:

— Não há marcas morfológicas diferenciadoras de verbos transitivos ou intransitivos.

— Não se alteram os pronomes (em função de sujeito) em consequência da transitividade verbal.

— Não se veicula com uma só palavra verbal o evento ampliado pelos complementos (instrumento e locativo).

— O complemento temporal continua, em contexto de verbo intransitivo, sem ter uma posição fixa na estrutura.

— Os complementos verbais de causa e locativo se posicionam na estrutura sintagmática como o objeto do verbo transitivo, ou seja, antecedendo o verbo.

- LOCUÇÃO VERBAL

A locução verbal que se forma com um verbo principal (que contém maior informação de acordo com a mensagem desejada) e um auxiliar (que acrescenta nuances aspectuais ao verbo: desiderativo, intencional) se constrói em Arara, tendo como auxiliares os verbos 'ka', ir, ou 'apa', querer.

- (61) /mĩ i^vsa apa -i/ 'você quer dormir'
 você dormir querer TNR
- (62) /aĩvi rirariri -i ki apa -i/ 'a mulher quer cantar'
 mulher cantar TNR Fut.querer TNR
- (63) /vakihi aua riti-i-i/ ka -i/ 'o menino vai matar a
 menino anta matar TNR ir TNR anta'
- (64) /iãbi i i^vsa -i ka -i/ 'de noite eu vou dormir'
 noite eu dormir TNR ir TNR

Os verbos auxiliares 'ka' e 'apa' vêm em posição conseqüente ao verbo principal. O auxiliar, de acordo com os dados, sempre se flexiona, mas a flexão temporal do verbo principal é facultativa.

O verbo auxiliar 'apa' dá uma nuance desiderativa à locução verbal; enquanto o verbo 'ka', tem função de auxiliar, além da noção de 'ir', é outro mecanismo que os falantes da língua utilizam para expressar a idéia de futuro.

4.3. Tipos de Frases

A frase, neste momento, será vista como o encadeamento de palavras, quer nominais, quer nominais e verbais.

- FRASE NOMINAL AFIRMATIVA

- | | |
|--|-------------------------|
| (65) /a ^v ia bira āda/
boca loc. língua | 'a língua está na boca' |
| (66) /ua ^v Cai/
flor longe | 'a outra flor' |
| (67) /i ^v si i ^v Capa/
semente muitas | 'muitas sementes' |
| (68) /dipi ti ^v sta/
faca suja | 'a faca está suja' |
| (69) /aua vaki -a/
anta filho gen. | 'a anta tem um filho' |
| (70) /vibi i ^v si/
fruta semente | 'semente de fruta' |
| (71) /iĩ pi ^v si mapa/
minha casa barata | 'minha casa tem barata' |

A frase nominal afirmativa se caracteriza pela presença essencial de palavras substantivas e/ou adjetivas que, de acordo com o posicionamento sintagmático e/ou significado, descrevem algo ou alguém.

- FRASE NOMINAL NEGATIVA

- | | |
|---|-------------------------|
| (72) /virĩ iuapa ba/
olho grande neg. | 'os olhos são pequenos' |
| (73) /vaka iuapa ba i ^v sta/
rio grande neg. dim. | 'o rio está seco' |
| (74) /vakihi ti ^v sta ba/
criança suja neg. | 'a criança está limpa' |

- (75) /ištĩ^V vištĩ^V ba/ 'todas as estrelas'
estrela uma neg.

A frase nominal negativa tem como elementos básicos os substantivos, os adjetivos e a negativa. Ela corresponde, na verdade, a uma das possibilidades de construção da palavra adjetiva (nocional ou funcionalmente), em Arara, pois usa-se a palavra de negação 'ba', após o adjetivo que se quer modificar.

— FRASE VERBAL AFIRMATIVA

- (76) /ĩ kaptĩ rĩti -i biš^V/ 'eu mato jacaré sempre'
eu jacaré matar TNR Freq.
- (77) /vakihi^V šišĩ^V -i/ 'a criança está brincando'
criança brincar TNR
- (78) /vaka ičapa^V apa -i/ 'ele quer muita água'
água muita querer TNR
- (79) /duĩdahi^V kiĩ -i kãdi/ 'o pássaro está cantando'
pássaro cantar TNR pontual
- (80) /mĩ dašauatã^V iãbi^V nĩdi^V tãbiia/ 'você dançou ontem a noite'
você ontem noite dançar AR te'
- (81) /ĩ siã -i ki/ 'eu vou chorar'
eu chorar TNR Fut.

As várias classes de palavras se relacionam na formação da frase verbal afirmativa, obedecendo geralmente a ordem Sujeito + Objeto + Verbo, com inserções dos complementos verbais (v.p.146).

Não há nenhuma marca morfológica específica para este tipo de frase.

- FRASE VERBAL NEGATIVA

- (82) /mĩ iũba pi biš^V ba/ 'você não come peixe sempre'
você peixe comer Freq.neg.
- (83) /vaka apa -i ba/ 'ele não quer água'
água querer TNR neg.
- (84) /mĩ siã -i ki ba/ 'você não vai chorar'
você chorar TNR Fut neg.

Observa-se que a frase verbal negativa se diferencia da afirmativa pelo acréscimo da palavra de negação 'ba' que, nesse caso, se pospõe à palavra verbal ou aspectual.

- FRASE INTERROGATIVA

- (85) /tua di bira mã/ 'quem está no mato?'
quem mato loc. int.
- (86) /tua mã/ 'quem é?'
quem int.
- (87) /mĩ aũĩ ka -a mã/ 'onde você morou?'
você onde morar TR int.

A frase interrogativa, quer verbal, quer nominal vem marcada pela presença da palavra interrogativa 'mã' que, segundo os dados, ocupa a posição final do enunciado.

- ENUNCIADO COMPOSTO

Determina-se enunciado composto, na língua indígena estudada, o enunciado formado por mais de uma informação essencial, de acordo com a idéia que se deseja expressar.

Tomam-se como essenciais, nas relações, substantivos e adjetivos e/ou substantivos e verbos.

- (88) /^Vsava iuapa iābi iuapa ba/ 'o dia é maior que a noite'
dia grande noite grande neg.
- (89) /^ĩ ^Vsa^Vĩ ka -i kidi tãpiti ka -i/ 'eu vou para a escola
eu barco ir TNR escola ir TNR de barco'
- (90) /mĩ ^Vsa^Vĩ ka -i mĩ kidi tãpiti ka -i/ 'você vai de
você barco ir TNR int. escola ir TNR barco para a
escola?'
- (91) /mĩ ^Vsauã daua ba ^ĩ ^Vsauã daua/ 'você não é Arara, mas
você Arara povo não eu Arara povo eu sou'
- (92) /iĩ ^Vci^Vci iu^Vsahu i^Vsta iĩ ^Vca^Vta ādihĩ i^Vsta/ 'minha avó e
minha avó velha dim.meu avô velho dim meu avô são
velhinhos'
- (93) /rĩdi istiki ^Vca^Vci-a va -i kãmã ^Vca^Vci va -i
cobra macaco picar fazer TNR cachorro picar fazer TNR
vakihi ^Vca^Vci a/
criança picar TR

'as cobras morderam o macaco, o cachorro e o menino'
- (94) /mĩ di -i ka -i mĩ a^Vsa bi^Vs/ 'você tem que
você caçar TNR ir TNR você mariscar Freq. caçar e maris-
car'

Analisando os dados, observa-se que há uma justaposição de frases na formação de um enunciado composto.

Nota-se que cada adjetivo corresponde a um substantivo, nas frases nominais; cada objeto refere-se a um verbo transitivo e cada complemento a um verbo transitivo ou intransitivo, nas frases verbais.

O enunciado composto

- (90) /mĩ ^Vsa^Vĩ ka -i mĩ kidi tãpiti ka -i/
você barco ir TNR int. escola ir TNR

'você vai de barco para a escola?'

mostra, ao se registrar a palavra interrogativa 'mã' no meio do enunciado, que há ali o fim de um enunciado. Como esta palavra

não se repete ao final da frase seguinte, acredita-se que seja facultativo seu uso. Outra interpretação, para essa ocorrência, seria a de que o {mã} marca a frase interrogativa do enunciado composto, sendo a outra uma assertiva.

O enunciado composto de sentido adversativo se constrói utilizando a palavra negativa 'ba', que possibilita a construção de elementos de sentido inverso.

Capítulo V

BASE PARA UMA ESCRITA ALFABÉTICA

5.1. Considerações Preliminares

A proposta de alfabeto resulta da insistente reivindicação feita pelo professor índio Antônio Pereira, para poder ensinar a língua na escola. Ele próprio só fala palavras, desconhecendo as possibilidades combinatórias ou sintáticas da língua Arara. Mesmo assim, divulga-a na escola, através da nomeação de animais, sobretudo, e chegava a ensaiar a grafia dessas palavras. Como essa escrita não tinha respaldo de um estudo prévio a nível fonético-fonológico, foi sugerido que ele trabalhasse só com a produção oral, deixando a escrita para uma fase posterior, quando houvesse os primeiros resultados de uma análise da língua.

É com base nessa análise prévia que são feitas as sugestões para as representações gráficas dos sons de fala da língua Arara.

Esta pesquisa se respaldou num único falante, João Martins. Conseqüentemente, não registra diferenças dialetais, o

que seria bastante revelador do ponto de vista sóciolingüístico. Por outro lado, facilita a aprendizagem (escrita e oral) por ter, em princípio, um caráter homogêneo. Como a aprendizagem lingüística se faz através das habilidades de ouvir e falar, e tendo a percepção auditiva e produção oral naturais nuances individuais, haverá diferenças nas realizações de cada falante (possível início de uma outra história).

A proposta para o sistema ortográfico do Arara considera o fato da língua não ser a materna para a maioria do grupo, resultando numa escolha de símbolos gráficos mais facilitadores para a associação fone/fonema e letra. Além do desafio de sugerir um sistema que apresente correspondência de uma letra para cada som(fonema), há outro obstáculo a vencer na feitura do alfabeto Arara, que é o conhecimento que esses índios já têm da escrita do português e de outras línguas Pano. Faz-se necessário, portanto, avaliar as demais escolhas ortográficas, para não se tomar decisões muito distanciadas da realidade que esses índios já conhecem.

5.1. Grafemas Consonantais

Fonologicamente, em Arara, há as consoantes /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /v/, /s/, /š^v/, /h/, /ts/, /tš^v/, /r/, /m/, /n/ e, foneticamente, [l], [ñ], [w] e [y].

Dentre as consoantes acima as que oferecem problemas de representação gráfica são as fricativa palatal /š^v/, glotal /h/, as africadas alveolar /ts/ e palatal /tš^v/, e a nasal palatal [ñ], visto que umas envolvem dois símbolos para representar

um fone, e uma outra faz correspondência com uma letra sem representação fônica, no português (caso do /h/).

Para as línguas Jamináwa, Kaxinawá e Shanenáwa, foram feitas as seguintes opções para representação gráfica dos fonemas /t^vs/, /s^v/, /š^v/ (fricativa palatal retroflexa) e /ts/, que respectivamente, escrevem-se 'tx', 'x', 'sh' e 'ts'. Como não se apresenta, em Arara, a consoante retroflexa /š^v/, deve-se decidir qual o símbolo que corresponderá ao fonema /s^v/ . Utilizando a letra 'x' para representar /s^v/, seria mais lógico, fonética e graficamente, a escrita do fonema /t^vs/ como 'tx'. No entanto, o professor da aldeia, em sua tentativa de escrita da língua Arara, vem utilizando a representação 'sh' para o fonema /s^v/ . A decisão que, a princípio, parecia mais adequada, porque fazia a correspondência entre som e letra, no caso, /s^v/→'x' e /t^vs/→'tx', provavelmente não será a tomada pelos Arara, visto que eles, por não distinguirem /s^v/ de /š^v/, optaram na escrita pelo dígrafo 'sh', que nas línguas Pano citadas correspondem ao fonema retroflexo /š^v/.

A aprendizagem da escrita resulta da própria familiaridade com ela, e por ser esse processo difícil de ser vivenciado, para qualquer aprendiz de língua escrita (Paiva, 1986) a escolha, aparentemente, menos razoável de escrever 'tx' para /t^vs/ e 'sh' para /s^v/, pode ser resultante da correspondência e assimilação fone-letra feita e divulgada por um falante Arara, decorrente de seu contato com a escrita de outra língua Pano.

A princípio, diante da situação descrita, colocam-se como alternativas para os fonemas /s^v/ e /t^vs/ as respectivas re-

apresentações 'sh' ou 'x' (escolha menos provável) e 'tx'. Esta última com certeza será aceita, porque a palavra 'txay', primo em Kaxinawá, é bastante divulgada no Acre e os próprios Arara a utilizam para chamar um ao outro (entre homens) de primo, embora 'txay', em Arara, signifique 'longe'. O Kaxinawá, por ter um grande número de falantes e um (ou mais) sistema(s) ortográfico(s), age na região como uma língua geral.

Não é difícil para os índios falantes de línguas Pano aceitarem a escolha de duas letras para a representação de um único fone, porque eles intuitivamente, sobretudo na hora da escrita, vão fazendo associações entre os sons do português e a escrita e os sons de sua língua e o possível arranjo de letras que eles podem elaborar para a própria escrita. Como as africadas são fones com traços de oclusão e fricção, é até natural o arranjo de dígrafos, duas letras na escrita para representar um único fonema. Portanto, não há dificuldade para escolher as letras 'ts' que representarão o fonema /ts/.

Quanto à grafia do fonema /h/ é bastante comum representá-lo pela letra 'h', que em português (língua envolvente) não tem representação fônica. Por outro lado, as línguas Pano, Kaxinawá, Jamináwa, Shanenáwa e Pöyanáwa utilizam o grafema 'h' com referência ao fonema fricativo glotal surdo /h/. Esta é uma boa opção, pois resolve a ambigüidade existente em português, onde a letra 'r' representa dois fonemas o /h/ e o /r/. Propõe-se, assim, que os fonemas fricativo glotal /h/ seja grafado 'h' e que o vibrante alveolar /r/ seja escrito com a letra 'r'.

Os fones semivogais que, na análise fonológica, não se estabelecem como fonemas, terão, no entanto, na escrita sua

representação gráfica 'w' para a bilabial [w] e 'y' para a palatal [y]. Esta opção representacional se embasa na feita pelos falantes das demais línguas Pano, além desses fones serem realizações fonéticas da língua Arara, importando, por isso, cristalizá-los na escrita, ao virem em travamento silábico, pois esta é sua posição sistemática. A propósito, a sociedade envolvente vem usando o 'y' e 'w' na grafia dos grupos e línguas indígenas em geral.

O alofone complementar do fonema /i/, o [ĩ], deve ter um grafema específico para facilitar a aprendizagem dessa ocorrência na língua (os Arara, em sua maioria, são monolíngues em português, por isso, sugere-se a grafia utilizada em português 'nh'). O alofone [ĩ] só se realiza como aclave de sílaba não-inicial de palavra, sendo antecedido por vogal nasal. Este, portanto, é o contexto adequado para se grafar 'nh'.

O alofone do /r/, o [l], que ocorre devido à velocidade de fala, não necessita de um símbolo específico, dado sua realização esporádica na fala.

A representação do fonema /k/ não é problemática em Arara e sim no português, por representar os fonemas /k/ e o /s/ com um mesmo grafema, o 'c'. Este uso, entretanto, não interfere na escolha da letra 'k' correspondente, em Arara, ao fonema /k/, enquanto o /s/ será escrito com a letra 's'.

Discutidas as escolhas dos grafemas consonantais, são propostas as seguintes letras:

consoantes ou contóides	grafemas
/p/	p
/b/	b
/t/	t
/d/	d
/k/	k
/v/	v
/s/	s
/ʃ/	sh
/h/	h
/ts/	ts
/tʃ/	tx
/r/	r
/m/	m
/n/	n
[ɲ]	nh
[w]	w
[y]	y

5.3. Grafemas Vocálicos

Encontram-se, foneticamente, em Arara, as vogais [i], [ɨ], [u], [e], [a], [o], [ɔ]. As mesmas também ocorrem como nasais.

Fonologicamente realizam-se /i/, /i/, /u/, /a/. Como se verifica uma flexibilidade na altura dos vocóides anterior, posterior e central (nesse caso, entre [a] e [ɔ] e não sendo essa flexibilidade distintiva, acredita-se que, com a orientação dada ao se fazer a aprendizagem da fala e escrita (para a maioria

dos Arara) serão internalizadas as realizações fonéticas possíveis de cada letra, tendo em vista a produção oral. Se o processo de alofonia vocálica fosse de distribuição complementar, seria mais prudente distinguí-los com letras específicas, entretanto, sendo a alofonia livre, uma flutuação, não há necessidade de marcá-la.

Além das possibilidades alofônicas dos fonemas, outra dificuldade para estabelecer os grafemas vocálicos encontra-se na escolha da representação para a vogal central alta /i/. Ao se optar pelos grafemas 'i', 'u', 'a', sobram as letras 'o' e 'e' para corresponder graficamente ao fonema /i/. Propõe-se a letra 'e' por terem os usuários das línguas Pano, já citadas, feito essa escolha (uma questão de convergência da escrita das línguas Pano, que facilita a própria divulgação lingüística entre elas), sabendo-se, contudo, que decisões diversas podem ser tomadas. Os Jamináwa, por exemplo, tiveram dificuldade de escolher entre as letras 'o' e 'u' para representar o fonema /u/. Como o [e] é um alofone quantitativamente menos usual que o [i], em Arara, acredita-se que será aceita a proposta da letra 'e' para representar o fonema /i/.

A princípio estabelecem-se os seguintes grafemas vocálicos:

Orais

vogais ou vocóides	grafemas
/i/→[i] ~ [e]	i
/i/	e
/u/→[u]~[o]	u
/a/→[a]~[ə]	a

Nasais

vogais ou vocóides	grafemas
/ĩ/→[ĩ]-[ẽ]	ĩ
/ɛ̃/	ẽ
/ũ/→[ũ]-[õ]	ũ
/ã/ [ã]-[õ]	ã

Capítulo VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho com a língua Arara resulta de uma estréia pessoal no campo da pesquisa científica. A responsabilidade de descrever uma língua ágrafa e decidir-se por interpretações sobre seus mecanismos lingüísticos parecem ousadias em excesso, daí a necessidade de denominá-lo um estudo inicial, que objetiva verificar as possibilidades lingüísticas e comunicativas dessa língua. A falta de conhecimento prévio a seu respeito delimitou a pesquisa aos aspectos fonéticos-fonológicos e morfossintáticos (no nível, ao máximo, interfrástico).

A dificuldade de se fazer uma primeira análise de uma língua, sobretudo não sendo seu falante, evidencia-se nas possibilidades interpretativas e na escolha de uma delas como a mais conveniente. Às vezes, no entanto, não se chega a um consenso diante do material que se analisa, exemplifica bem esta situação o caso do modo imperativo, em Arara.

Apesar de terem sido elicitados dados para verificação de uma ocorrência do modo imperativo-afirmativo e imperativo-negativo, não se pode chegar a conclusões mais precisas, por isso não se lhes faz menção no corpus do trabalho. Fica, entretanto, o registro de que o uso verbal imperativo se faz em Arara.

- | | |
|--|-----------------|
| (1) [pi'ĩ]
comer? | 'come' |
| (2) [vi'pi]
abrir-fechar | 'abra'; 'feche' |
| (3) [piã'baw]
comer?neg.? | 'não coma' |
| (4) ['kay ā'baw]
ir TNR?neg.? | 'não saia' |
| (5) ['diri 'ih]
entrar? | 'entra' |
| (6) ['diri 'ih ā'bay]
entrar? ? ? neg.? | 'não entra' |
| (7) ['raya 'kay]
trabalhar ir TNR | 'trabalha' |
| (8) [raya biš'ba]
trabalhar Freq.neg. | 'não trabalha' |

Vê-se a raiz verbal seguida (no imperativo-afirmativo) de um provável morfema {i}-{ih} que pode ser a palavra afirmativa. Faz-se necessário comentar que, quando se pediu o dado 'sim' ao informante, ele ficou meio confuso, titubeou e respondeu ['ba]; ao lhe ser lembrado que a palavra 'ba' correspondia a 'não', ele pensou, pensou e respondeu ['ĩ] (a mesma produção relativa à 1ª pessoa do singular) que, no entanto, não teve uma recorrência como palavra afirmativa.

Quando se chega a análise do imperativo fica confusa a interpretação:

- Os {i}-{ih} que aparecem após a raiz verbal seriam variações da palavra afirmativa?

- Qual seria a função dos supostos morfemas {-w} e {-y} que têm realização conseqüente à palavra de negação 'ba'?

- Verifica-se, nos dados apresentados, que além de vir só formado pela raiz verbal, o verbo pode vir acrescido da flexão 'TNR', o que se justifica pelo caráter atualizado do sentido imperativo. Não se pode, portanto, interpretar que o {-a}, dos dados (3), (4) e (6), que aparece antecedendo a negação, seja o morfema temporal 'TR', visto esta ocorrência não estar de acordo com a função imperativa, que envolve autoridade e momento presente.

- É possível também levantar a hipótese de que, apesar de terem sido solicitados dados na forma imperativa, os informantes deram uma outra interpretação aos dados na língua, pelo menos em alguns casos. De qualquer modo, fazem-se necessários mais dados e uma análise mais apurada das realizações.

A interpretação de que haja o modo imperativo (afirmativo-negativo) na língua advém, sobretudo, da ocorrência verbal sem o acompanhamento de flexão temporal expressa e/ou morfemas aspectuais, o que não acontece em absoluto com o que pode ser chamado de modo indicativo, caracterizado pela noção de ato realizado (TR) e realizável (TNR).

Em relação à fonética-fonologia, destacam-se em Arara o condicionamento pré-nasal das consoantes /b/ e /d/ e a função consonantal das vogais /i/ e /u/:

- As oclusivas sonoras condicionam sua realização a um ambiente pré-nasal, quando vêm em início de sílaba não-inicial de palavra, resquícios prováveis das consoantes complexas *[mb] e *[nd].

- Quanto à postura consonantal das vogais citadas, que foneticamente também se registram [y] e [w], respectivamente, verifica-se que ocupam a posição de travador silábico (ambos) e a de aclave (unicamente [y]). Fonologicamente, entretanto, são interpretados como alofones das vogais por serem no sistema dessa língua variações da vogal alta anterior /i/ e da posterior alta /u/, quando assumem as posições de aclave e/ou declive na sílaba.

- Evidencia bem essa alofonia das vogais, o registro de palavras cuja permuta das vogais /i/ e /u/ pelos semivocóides [y] e [w] não traz mudança de significado. Dados exemplificativos:

(9)	['bay]	'terra'
(10)	[ba'i]	'terra'
(11)	[' ^v ciy]	'fogo'
(12)	[^v ci'i]	'fogo'
(13)	[' ^v saw]	'osso'
(14)	[^v sa'o]	'osso'

Além da alofonia apresentada, há na língua palavras formadas unicamente de sílabas 'V', como [iĩ'a]'mãe'; [u'i]'chuva'; [i'ĩ]'meu', tal possibilidade demonstra que as vogais podem vir, seguidamente, em posição inicial, medial e final de palavra, caracterizando que alofones de fonemas vocálicos, que não apenas /i/ e /u/, se realizam em ambientes idênticos aos geradores de semivogais:

- No caso de [u'i] e [i'ĩ], verifica-se que, embora os fones anterior e posterior altos possam se tornar, respectivamente, [y] e [w], um dos fones que compõe a palavra permanece vocóide.

— Comparando as palavras [iɨ'a]'mãe' e [aw'a]'anta', verifica-se que o vocóide [ɨ] se realiza no mesmo ambiente que o fone [w]. Este confronto torna bem evidente a possibilidade intervocálica de uma vogal. A ocorrência apresentada confirma que não são fonêmicos na língua os semivocóides como consoantes, eles se estabelecem realmente como realizações fonéticas das vogais /i/ e /u/, em posição assilábica.

A palavra ['vasi] é um outro elemento lingüístico do Arara que não foi trabalhado no corpus da pesquisa por falta de um número de dados que pudesse levar a uma definição mais segura. Baseando-se nos dados:

- (15) [ɨ 'vasi 'batsi 'biy] 'eu sinto frio'
eu intens. frio sentir TNR
- (16) ['nɨ 'vasi riare'rey 'ibi^V] 'nós cantamos'
nós intens. cantar TNR Freq.
- (17) ['nɨ 'vasi tāy'bi^V] 'nós falamos muito'
nós intens.falar TNR Freq.
- (18) [ɨ 'vasi 'dībira 'dībi^V] 'eu andei muito pela mata'
eu intens.mato loc.andar Freq.

interpreta-se que o 'vasi' corresponda a um intensificador verbal. Verifica-se que os dados produzidos em português mencionam ou não o intensificador, enquanto os correspondentes em Arara fazem seu registro independente do solicitado literalmente. Atentando para os dados, observa-se uma confluência das palavras 'vasi' e 'bi^V', ou sejam, o intensificador tende a ratificar, enfatizando, o sugerido pelo aspecto verbal freqüentativo.

Conclui-se, no momento, que 'vasi' corresponde a um intensificador verbal, por ter sido encontrado exclusivamente em contextos verbais; por outro lado, não está condicionado a rea-

lização em conjunto com o aspecto Freqüentativo.

Devido à flutuação apresentada por algumas consoantes, houve registro em transcrição fonológica de formas diferentes da mesma palavra. Independente da flutuação, há produções de difícil interpretação fonológica, por exemplo, às referentes a 'trabalhar' e 'cantar':

(19) [rirare'reya]	'cantei'
(20) [riare'rey]	'canto'
(21) [rirayi'ey]	'canto'
(22) [riare'reyĩbiš̃]	'canto constantemente'
(23) [u'raya]	'trabalhei'
(24) ['raya]	'trabalhei'
(25) [i'raya]	'trabalhei'
(26) [mirayia'e]	'trabalho'

Diante dessas ocorrências, pode-se levantar algumas possibilidades interpretativas:

Em relação a 'cantar':

- O morfema referente a palavra 'cantar' seria {rirariri} que foneticamente tem a vogal anterior /i/ variando com seu alofone anterior médio [e];

- A consoante vibrante alveolar /r/, que ocorre em posição de aclave silábico quatro vezes, na mesma palavra, tende a ser suprimido em alguma produção;

- Se [r] cai, quando forma sílaba com [a], este sustenta a posição da sílaba (agora V); se [r], por outro lado, forma sílaba com [i]-[e] e cai, o /i/ se realiza [y], tornando-

se travador da sílaba antecedente, mas logo em seguida se reasume [i].

Quanto à palavra 'trabalhar':

- Ficam, no momento, inexplicáveis as realizações de [u], [i], [mi] que se realizam antecedendo o morfe {raya}, este, por sua vez, registra-se ['raya]-['rayia]. Acredita-se que fonologicamente ele seja /raia/: a realização fonética de /i/, o [y], se faz em aclave silábico, ao vir em ambiente intervocálico, sendo uma das vogais /i/. Tal hipótese se baseia em realizações morfofonológicas apresentadas neste trabalho.

Enfim, o que se quer demonstrar com essas considerações finais é que há bastante informações, mesmo a nível fonético-fonológico e morfossintático, ainda encobertas.

O trabalho de descrição de uma língua ágrafa, sobretudo não sendo seu falante e/ou não tendo ao menos um falante nativo por perto durante a fase de análise (as situações mais comuns), é um lance ao desconhecido, é um conhecimento paulatino dos contornos e possíveis movimentos de uma cultura, veiculada na/pela língua. E como em qualquer relação nova a intimidade se constrói com o tempo, a convivência, a identificação, por isso o estudo descritivo de uma língua continua sendo a base da primeira convivência e a anulação dessa fase pode acarretar impressões inconsistentes, senão errôneas, e o aprofundamento que poderia vir, conseqüentemente, a partir do contato prévio e gradativo com a fonética-fonologia, morfologia, morfossintaxe e pragmática, se perde na ânsia de uma abordagem cabal. Se o discurso ou o contexto de fala espontânea são tidos como realiza-

ções mais identificadoras da postura lingüístico-cultural de um grupo, não implica que o trabalho de lingüística descritiva seja o avesso ou a não veiculação de uma representação cultural. A descrição lingüística da língua Arara, por exemplo, mostra que:

- na sua morfologia o sentido 'gostar' se constrói por uma expressão que se compõe da palavra 'šara', qualificação positiva e da palavra verbal 'va', fazer, com tendência a uma realização aglutinativa [šara'va]; a construção desse sentido já demonstra os valores afetivos desse povo: /šara va/
bem fazer

- a relação dos Arara com o tempo fica caracterizada na própria morfologia verbal que tem flexão em 'Tempo Realizado' e 'Tempo Não-Realizado', levando-se a evidência de que, para eles, tanto o presente como o futuro (que são distintos no português, realização de uma outra cultura) têm a mesma fluidez, o mesmo caráter impreciso de sua efetivação.

As duas demonstrações acima evidenciam que descrever uma língua é falar também sobre posturas e interpretações culturais de seus falantes.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, João Capistrano de. 1941. Rã-txa huni-kuĩ: a língua dos Caxinauás do rio Ibuacú, afluente do Murú (Prefeitura de Tarauacá). Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu. Liv. Briquelet.
- AGUIAR, Maria Sueli. 1988. Elementos de Descrição Sintática para uma Gramática do Katukina. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas.
- BARROS, Gilmedes Rego. s.d. A Presença do Capitão Rego Barros no Alto Juruá (1912-1915). Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília.
- BARROS, Luizete Guimarães. 1987. A Nasalização Vocálica e Fonologia Introdutória à Língua Katukina (Pano). Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas.
- BENVENISTE, Émile. 1991. Problemas de Linguística Geral I. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luíza Neri. São Paulo: Pontes Editores.
- BRANCO, J.M. Brandão Castelo. 1950. O Gentio Acreano. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol.207, Rio de Janeiro.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. 1992. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis: Ed. Vozes.

- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. 1988. Problemas de Lingüística Descritiva. Rio de Janeiro, Ed. Vozes.
- CAMARGO, Eliane. 1991. Phonologie, Morphologie et Syntaxe. Étude Descriptive de la Langue Caxinauá(Pano). Université Paris -Sorbonne (Paris IV).
- CASTILHO, Ataliba T. de. 1968. Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa. In: Revista ALFA, n. 12 (set. de 1967), p.11-117. Marília.
- CHAO, Yuen Ren. 1977. Línguas e Sistemas Simbólicos. Trad.Maria da Glória Novak. São Paulo:Ed.Nacional.
- COSTA, Raquel G.R. 1992. Padrões Rítmicos e Marcação de Caso em Marubo(Pano). Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro.
- CRYSTAL, David. 1987. The Cambridge Encyclopedia of Language. Cambridge:Cambridge University Press.
- EVERETT, Daniel Leonard. 1992. A Língua Pirahã e a Teoria da Sintaxe: Descrição, Perspectivas e Teoria. Campinas : Ed.da UNICAMP.
- GLEASON, H.A. 1985. Introdução à Lingüística Descritiva. Trad. João Pinguelo, Lisboa:Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOMES, Ivanise Pimentel. 1991. Aspectos Fonológicos do Parakanã e Morfossintáticos do Awá-guajá (Tupi). Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife.
- KINDELL, Glória Elaine. 1977. Guia de Análise Fonológica. Brasília:Summer Institute of Linguistics.
- LACERDA, Rosely Maria de Souza. 1991. Sistemas Interrogativos de Seis Línguas Indígenas do Brasil. Uma Análise Contrastiva. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife.

- LOPES, Edward. 1989. Fundamentos da Lingüística Contemporânea. São Paulo:Ed.Cultrix.
- MARTINET, André. 1974. A Lingüística Sincrônica. Trad. Lilian Arantes. Rio de Janeiro:Edições Tempo Brasileiro.
- MONTE, Nietta; OLINDA, Vera (orgs.) s.d. Cartilhas das Línguas Jamináwa, Shanenáwa e Kaxinawá. Rio Branco, Comissão Pró-Índio do Acre/Setor de Educação.
- PAIVA, Maria da Conceição A. 1986. Ortografia e Alfabetização. In: Boletim da ABRALIN, n.7, p.49-54. Curitiba.
- PALÁCIO, Adair Pimentel. 1991. Gramática Prévia para a Língua Kaxinawá. (Manuscrito).
- ROBINS, R.H. 1981. Lingüística Geral. Trad. Elizabeth Corbetta A. da Cunha et al. Porto Alegre:Ed. Globo.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. 1986. Línguas Brasileiras Para o Conhecimento das Línguas Indígenas. São Paulo:Ed. Loyola.
- SANTOS, Aldir de Paula. 1992. A Língua dos Índios da Aldeia Barrão. Aspectos Fonológicos e Morfológicos. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife.
- SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Lingüística Geral. Trad. José Victor Adragão, Lisboa:Publicações Don Quixote.
- SLOT, Clarence et al. 1978. Introduction to Phonology. New Jersey, Prentice-Hall.
- WIESEMANN, Ursula; MATTOS, Reinaldo de. 1980. Metodologia da Análise Gramatical. Petrópolis:Ed.Vozes.

A N E X O

www.ufpe.br/pgletras